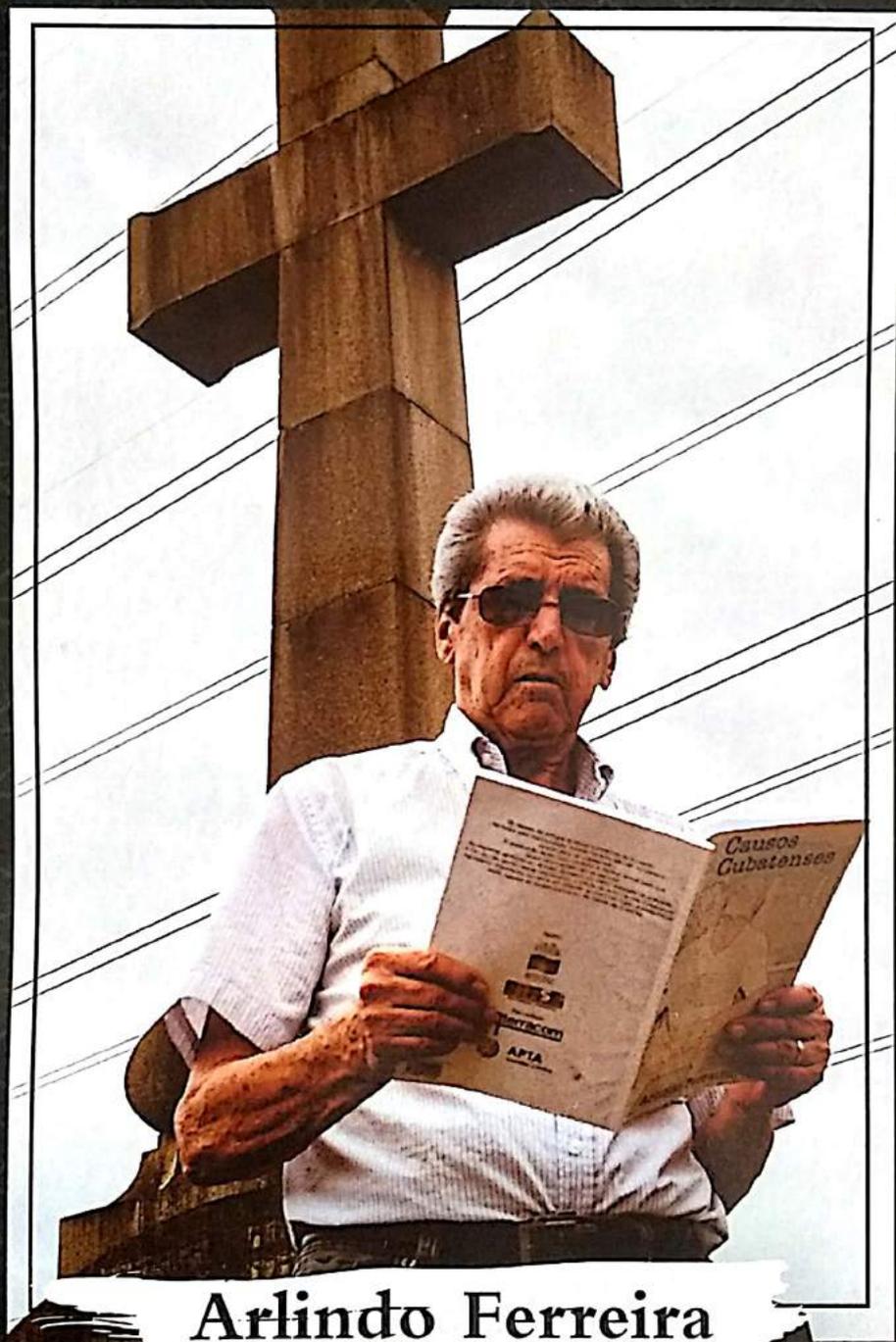


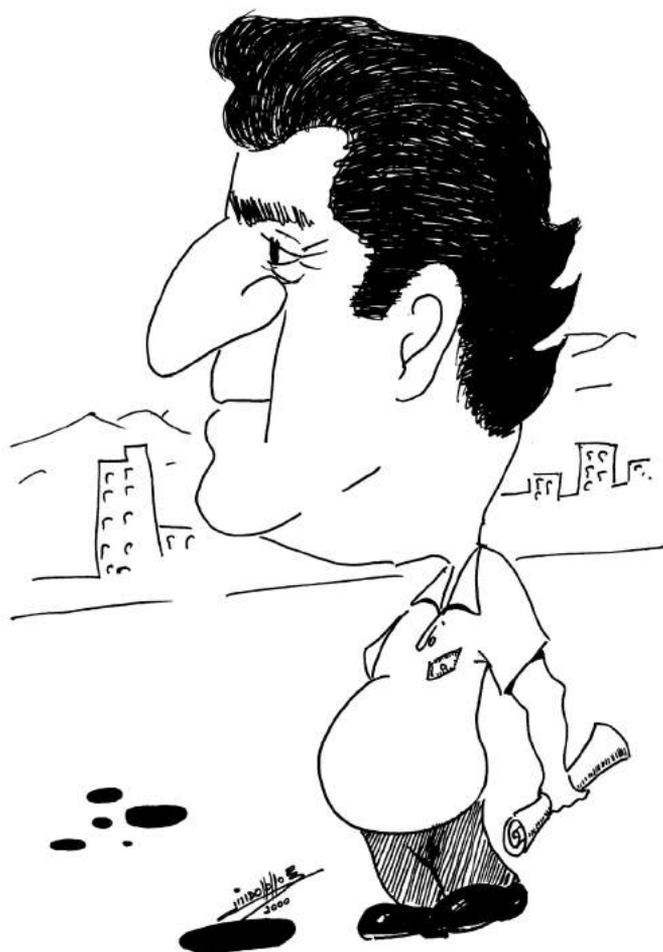
CAUSOS CUBATENSES 2



Arlindo Ferreira

Inteligência

CAUSOS CUBATENSES 2



Arlindo Ferreira
Cubatão
Edição do Autor
2017

Copyright © 2017 Arlindo Ferreira

Pesquisa de Texto: Carlos Pimentel Mendes

Capa e foto: Dilson Silva Mato Grosso

Edição e Editoração: Dilson Silva Mato Grosso

Revisão: Welington Ribeiro Borges

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ferreira , Arlindo

Causus Cubatenses 2: posso aumentar - - jamais inventar!

Arlindo Ferreira. - - Cubatão, SP: Ed. do Autor, 2017

Ferreira, Francisco Rodrigues Torres, Welington

Ribeiro Borges. - Cubatão, SP : Ed. do Autor, 2007.

Bibliografia

ISBN: 978-85-908962-0-3

1. Cubatão (SP) – CRÔNICAS BRASILEIRAS

I. TÍTULO

Rodrigues. II. Borges, Welington Ribeiro.

00-00000

CDD-000.00

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas Cubatense: Literatura Brasileira

000-00

Arte Capa: Dilson Silva Mato Grosso, baseada em quadro de Renato Borges.

*Primeiramente agradeço à Deus por ter
me dado uma memória privilegiada;
À família, pelo incentivo incondicional;
Aos amigos do Jornal Acontece;
Aos funcionários da Terracom e espe-
cialmente ao seu Diretor-Presidente,
Antonio Diniz; e finalmente, a todos que
colaboraram direta e indiretamente
na produção desta livro.*

Dedico aos netos:

Amanda, Dryele, Leandrão, Maria Luiza, Victor, Livia Teixeira e, em especial, Natália, Nicolas, Livia e Leandro pela colaboração

APRESENTAÇÃO

A figura do contador de causos está ligada às tradições remotas de nossa sociedade cubatense.

Antes do advento da tecnologia dos registros impressos, o contador funcionava como guardião do saber coletivo e, assim, difundia seu conhecimento ao narrar suas histórias a outros. Essa iniciativa implicava na formação de nossos contadores de causos.

As histórias coletadas, no presente livro, compreendem um lapso de tempo considerável e foram resgatadas através do ouvir ou participação direta do autor. Arlindo Ferreira contribui um pouco mais ao adicionar sua criatividade em vários momentos, pois como expressa seu mote, ele “pode aumentar, jamais inventar”.

O Grupo Terracom se sente honrado ao contribuir para a difusão do trabalho desse memorialista, cujos antepassados participaram diretamente na construção de nossa história local.

Antonio Diniz

Diretor-Presidente Grupo Terracom

Índice

11 que valiam 110	18
A ansiedade para ser o primeiro	18
A atenção do fã	19
A bronca do <i>Cuca</i>	19
A cabeleira da Zezé	20
A criança no cestinho	20
A era do rádio (I)	21
A era do rádio (II)	22
A falha do apito	22
A fã do compositor	23
A fidelidade do presidente	23
A grande família	24
A Grande Família e a superstição	24
A greve da carne	25
A isca devolvida	26
A morte da minha tia	27
A morte do cão	27
A mulher barbada	28
A outra Ilha Bela	28
A poltrona... e a lembrança	29
A ponte invisível	29
A procissão e o ônibus	30
A prova do crime	31
A sacola era igual	31

A sorte do Irineu	31
A torta muito direita	32
A volta do avô escravo	33
Abonizete	33
Abuso de poder	33
Agenda inútil	34
Água na agulha	34
Animal de autoridade	35
Apito... nunca mais	36
Aranha assustadora	36
Areia de graça é bem melhor	37
As penas deladoras	38
Assim não dá	38
Bar muito barulhento	39
Bar sem banheiro	39
Barcaças, o juiz	40
Bem socado é melhor	41
Benzetacil é só para gente	41
Bife bem passado, acebolado e... escarrado	42
Boca-dura vai a pé.....	42
Brilho maior	43
Brincadeira de mau gosto	43
Cabeçudo para a mãe	44
Cachaça obediente	44
Cacho de banana passando mal	45
Caixa de câmbio incompleta	45

Caixa pesada de D.A.C.	46
Caixão misterioso	46
Campainha barulhenta demais	47
Carregadores de pasta	48
Carta para Deus.....	49
Cartas para as moçoilas	50
Chave certa, carro trocado	50
Cheirinho mau	51
Claustrofobia	51
Clube do Bolinha	52
Coitado do marido	53
Com capim na boca não se fala	53
Conclusão demorada	54
Conselheiro arrependido	54
Defunto vivo	55
Dentadura derretida	55
Depois do túnel	55
Desconto no holerite dos outros era refresco	56
Despertador legislador	56
Diploma sem gosto	57
Distração	58
Do cano eu não esqueço	59
Doação de sangue pelo lado errado	59
Dourado amigo	59
Dúvida cruel	60
E agora, Josés.....	61

É proibido pescar	61
Elogio sem direção	61
Em dia de explosão, me mando	62
Entrando quase numa fria	62
Era só um passeio	63
Era gasolina	63
Escondido do engenheiro Guimarães	64
Espólio de quê?	64
Esse dinheiro é meu	65
Estou de macaquinho	65
Estouros	66
Exagero do juiz	66
Fã do Valdick	67
Falta de diploma	67
Falta de memória	68
Famosos quem?	68
Faro fino	69
Feriado furado	69
Festa sem bolo	70
Fim do horário de verão	71
Fogo andante	71
Fotos em <i>zoom</i> menor	71
Frangos de madeira	72
<i>Fuscão</i> amarelo	73
Gaguices (I)	74
Gaguices (II)	74

Ganho pouco e não recebo	75
Genérico que não se vende	75
Grafitado	75
Grande, e bom apetite	76
Guaraná amargo	76
Guarda-chuva no delegado	77
Hidramático é mais difícil	77
Hospital de nudismo	78
Igual àquele	78
Jaca direcionada	79
José Bonifácio Ribeiro – o Boni	79
Jogo proibido	80
Karaoke sem graça.....	81
Ladrão que rouba ladrão.....	82
Lista ingrata	82
Mata-burro econômico	83
Memorando falso com valor	84
Meu nome é Jorge	84
Meu pé de laranja lima	85
Miragem.....	86
Mosquitinho maldoso	86
Mudança do visual	87
Muito suor	87
Na dúvida, correr é melhor	88
Negão da Padaria I e II	88
No tempo dos bondes	89

Não convidaram o Alex	89
Não eram relógios	90
Não me envolva	90
Não parou... quebrou	91
Não pula não, moço	92
Num tô nem aí.....	92
O assessor esfomeado	93
O barbeiro que esquecia	93
O bilhete falso	94
O bispo... era outro.....	95
O caçador de cabras	96
O candidato pão-duro	96
O carioca que não é Raul	97
O casamento que não houve	98
O chefe enfumaçado	98
O Comercial entrou numa fria	99
O desafio do carateca	99
O desafio... do século 20	100
O drama que virou comédia	100
O ferro despertador	101
O festival da farofa	101
O flanelinha de luxo	102
O fura-greve	103
O furo da bota	103
O furo do projeto	104
O <i>fusão</i> preto é mais garantido	104

O cago que não é chapo	105
O garçom elegante (ou: O elegante garçom da CVN)	105
O guarda-chuva muito pesado	106
O honesto de Cubatão	107
O juiz inventor	107
O lutador desconhecido	108
O manco vendedor que não se manca	109
O medroso assustando outro	109
O medroso da Cosipa	110
O melhor remédio	110
O milagre do Zito	111
O mineirinho... era mineirão	111
O moralista azarado	112
O motivo da gravidez	112
O noivo perdido	113
O novo V-8 do Chico Cunha	114
O novo velho	114
O pagamento no feriado	115
O “pânico” da cliente em pane	115
O patativo enganado	116
O peladão da pelada	116
O perde livros	117
O peso de uma laranja	118
O prêmio surpresa	118
O rabugento	118
O rei da tainha	119

O relógio esquisito	120
O roubo no rodeio	121
O sem perna	121
O sensor e o sushi	122
O sergipano	122
O serviço de bordo	123
O soco no rosto errado	124
O sonho acabou	124
O sorriso no lixo	125
O tiro que saiu pela culatra	125
O tocador de campainha	125
O valente cubatense	126
O velório do Dionizio	126
Oclusivo	127
Óculos de motorista	127
Ofício de Embu é complicado	128
Operação Alfafa	128
Operação X-9	129
Orai por nós	130
Os mais preguiçosos	130
Os sapos que não viraram príncipes	131
Pagou... mas... não levou	131
Pano pra manga	132
Pão já comido	133
Papai Noel motoqueiro	133
Peixe voador	134

Pelados em Cubatão	134
Perna dura quebra os dentes	134
Pescaria do horror	135
Pescaria financiada	135
Pescaria no Pantanal	136
Piscina improvisada	136
Pontes e dentaduras	137
Pra viver é preciso respirar	137
Prejudicando o progresso	138
Presente de grego	138
Presente trocado	139
Primeiro de Abril	139
Problema de joelhos	141
Promessa às vezes é dívida	141
Promoção para a Promoção	142
Prova concreta	142
Quando a maré subiu... foi fogo	143
Quase no Japão	143
Que sacos.....	144
Questão de números	144
Rádio não é TV	145
Rápido no gatilho	145
Rasgou mal, se deu pior	146
Reforma do banco	146
Repelente doce	147
Respeito pelo “Doutor”	147

Roubaram também o vigilante	148
Sabe pra quem tá escrevendo?	148
Saco cheio, cabeça vazia	149
Santo remédio	149
Sem desconto e com juro	150
Sem perna não dá	150
Serenata diferente	151
Silêncio... por favor	151
Siqueira é igual Silveira	152
Sobravam fantasmas	152
Só em dinheiro	153
Só vou na janelinha	153
Socorro errado	154
Somente um soco	154
Soro de bode	154
Sorvete Sabor Dinheiro	155
Sou mais eu	156
Sou prefeito... exijo respeito	156
Sua Majestade, a distraída	157
Superstição	157
Tem que apertar o botão	158
Tiro no traseiro do gerente	158
Tiro saiu pela culatra	159
Tô de olho	160
Toalha papel embrulho	160
Toco da discórdia	161

Um brinde cancelado na marra	161
Um dedo só não faz falta	162
Um metro bem esticado	162
Um pé sim... outro não	163
Um soco só.....	163
Um tiro certo e mal intencionado	164
Uma luz diferente	164
Veia safena viciada (ou: o fanático por cerveja)	165
Velas	165
Vento muito forte a favor	166
Vidros quebrados	166
Viva a banana	167
Viva o candidato	167
Zero mata zero	168

11 que valiam 110

Quando Joaquim Brites foi chamado pela Companhia Siderúrgica Paulista (Cosipa – atual Usiminas) para assinar a escritura da venda de suas terras, no lugar onde hoje está construída a usina, exigiu da empresa uma condução para se dirigir a Piaçaguera.

O veículo enviado era um Jeep-Willys, conduzido pelo motorista João de Oliveira (*João Bota-Fora*), e como copiloto mandaram o Quirino. O odômetro do Jeep era diferente dos atuais, só marcava de 01 a 11 km, o equivalente hoje a 10 a 110 km, por hora.

O *João Bota-Fora* era conhecido como motorista pé-de-chumbo. Seo Brites, com medo de morrer e ficar sem seu rico dinheirinho, reclamou:

- Seo motorista... o senhor tá correndo muito...

- Tá não senhor, respondeu o Quirino (que tinha pouca leitura), nós tamos somente andando a 11 km por hora...

A ansiedade para ser o primeiro

Em uma visita do governador Franco Montoro ao município, no comitê de recepção estavam o prefeito Nei Serra e o presidente da Câmara Municipal e também presidente do PMDB, o Manoel Ubirajara Pinheiro Machado, e mais muitos cubatenses que respeitavam a autoridade do governador.

Quando o helicóptero do palácio do governo pousou em frente ao Paço Municipal, foi um desespero para os políticos cubatenses. Quase todos correram em direção ao governador - porém o Bira e o prefeito procuraram ser os primeiros.

A vontade de chegar na frente era tão grande que o prefeito e o pre-

sidente da Câmara trombaram, caindo por cima do governador – que, sem esperar isso, acabou caindo também.

A atenção do fã

No baile do Grito de Carnaval do Esporte Clube Cubatão de 1956, o famoso cantor Jorge Goulart foi convidado, como atração, para abrilhantar o evento. Terminado o *show*, ele se mandou em seu carrão, junto com uma linda menina santista.

Para fazer média com a garota, parou no Bar São Paulo para um rápido lanche. O bar já estava fechando, não tinha mais nada para comer. Mas, ao deparar com o cantor, Edson, o copeiro do bar, que era seu fã, correu ao bar vizinho, buscando comida. Encontrou só restos e migalhas de pão velho. Mesmo assim, improvisou dois lanches e foi servir o distinto casal.

Apesar de enganado, Jorge Goulart pagou bem e, além do autó-grafo, presenteou o copeiro com uma bela gorjeta.

A bronca do Cuca

Escalaram o Evanir Groppi (*Alemão*), motorista da Prefeitura, para trabalhar com o caminhão de lixo apelidado de *Cuca*. Era um caminhão horrível, cheio de manivelas que não funcionavam e, para piorar, o lixo depositado era todo empurrado para fora do carro, sujando toda a rua, dando o maior trabalho para recorrer de novo.

Certo dia, com o caminhão todo sujo, espirrando lixo pra todo lado, *Alemão* entrou no estacionamento do Paço Municipal, jogou o caminhão em frente à porta de entrada do prefeito Passarelli, para fazer o protesto.

Avisaram o secretário de Obras sobre o ocorrido e Pedro Hildebrando, puto da vida, desceu as escadas, expulsando o motorista *Alémão* e seu ajudante Luís Silveira, que saíram correndo.

A cabeleira da Zezé

Morava nas ruas da cidade Maria José, que lamentavelmente era possuidora de saúde mental perturbada. Sua “residência” era debaixo da marquise da Praça do Comércio. Ali mesmo fazia todas as necessidades que o corpo obriga. Para facilitar esses procedimentos, nunca usou calcinha, tornando as coisas mais fáceis.

erto dia de verão, um calor de rachar, Zezé, para se refrescar, levantava a saia até a cintura, recebendo aquele ventinho agradável.

Em frente à Farmais da Pedro Cardoso com Nove de Abril, Francisco o Mineiro, dono da banca de jornal dessa esquina, almoçava calmamente em sua marmitta, que era sempre trazida pela sua esposa. Olhando para o lance, tossiu, espirrou, engasgou, tendo que ser socorrido pelo Neco da Farmácia, deixando de lado seu almoço daquele dia.

A criança no cestinho

Fui chamado certo dia por Rozemeri de França Abreu Santos, irmã do presidente da Câmara na época, João Ivaniel de França Abreu, para junto com a Marlene Alves Pereira montarmos o Arquivo Histórico da Câmara Municipal. Achei a ideia excelente, uma vez que sempre sonhei em montar um museu na cidade e nunca tive apoio das autoridades.

O encontro seria na Câmara Municipal e pra lá fui em um certo dia pela manhã. Para não entrar pelo gabinete da Presidência e não incomo-

dar talvez uma audiência com o presidente, entrei pela porta lateral, que dava acesso internamente à sala da Roze. Eu me assustei na entrada, quando deparei com uma criança recém-nascida, em um cesto/berço, que na época chamavam de *Moisés*.

Brincalhão como sempre, pensei logo em dar um susto na mãe da criança, escondendo o cestinho. Reparei que na sala estava também meu amigo Rodolpho Moreno, filho da Roze e do seu marido Carlos dos Santos. Deixei o cesto perto dele e me mandei para a reunião programada, sem ouvir a resposta do rapaz.

Roze estava conversando com seu irmão presidente da Câmara, João Ivaniel, e fui logo contando a brincadeira, quando ouvi e me alegrei, até:

- Arlindo... Aquela criança é minha filha Ursula Maria, e o Rodolpho tá ali tomando conta dela...!!!

A era do rádio (I)

Quando a Prefeitura, por ocasião da extinção da Vila Parisi pelo prefeito Nei Serra, organizou uma grande festança com a apresentação marcante do rei Roberto Carlos, eu estava chefe da Limpeza Urbana e o Wilson Amado dos Santos era chefe de Parques e Jardins. Ao cobrar do chefe Wilson uma providência qualquer, todo inspirado, e homenageando Roberto Carlos, mandou pelo rádio:

- Arlindo, estou no meu “Calhambeque”, a P-73, na Cota 95, nas “Curvas da Estrada de Santos”, em direção à Vila Parisi, cheio de “Emoções”. Quanto às providências que você me pediu, é somente questão de “Detalhes”, você sabe... “É preciso saber viver”.

A era do rádio (II)

Era costume na cidade algumas pessoas serem conhecidas por apelidos. Por exemplo: Milton (*Cebola*); Gustavo (*Batata*); Adalberto (*Abobrão*), Toninho Bento do D.E.R. (*Tomate*), Luís Carlos (*Jabá*).

Por ocasião do mutirão na administração Nei Serra, na Cota 200, ouviram pelo rádio os seguintes diálogos:

- Atenção *Abobrão*, é *Jabá*, somente pra avisar que já executei o serviço que você mandou...

Em seguida:

- Atenção, *Cebola*, é *Batata*, somente pra avisar que já consegui do *Tomate* autorização para cruzar a pista da Via Anchieta...

O engenheiro Guimarães, inspirado no que ouviu, pegou seu rádio e disse:

- Atenção *Eduardão*, me lembrei que está na hora do almoço, te espero no restaurante do João do *Prato Sujo*, perto do *Zé Padeiro*, que fica ao lado do posto de gasolina do *Brahma*...

A falha do apito

Inscrito para um vestibular para a Faculdade de Direito, Adilson Antonio montou um esquema para sua aprovação que, na sua opinião, seria infalível. Pediu ajuda para um amigo que morava perto do local da prova e deu-lhe um apito. O código para cada resposta certa na questão número 1 seria 1 apito, na 2, dois apitos e 3, três apitos e assim sucessivamente.

Tudo estava indo bem até que o amigo cansou de tanto apitar. A esposa do Adilson, que também “acompanhava” o vestibular, assumiu as funções. Só que ela não havia ensaiado e começou a apitar desordenadamente, embananando a cabeça do vestibulando.

Adilson não conseguiu ser aprovado.

A fã do compositor

O ex-ministro da Educação do governo do presidente Lula chama-se Cristovam Buarque. Na Secretaria da Educação da Prefeitura de Cubatão foi datilografado um ofício que deveria ser enviado para Brasília, aos cuidados do senhor ministro. Só que a estagiária do setor, por força de sua falta de experiência, lógico, bateu o ofício endereçando assim:

“Exmo. Senhor

Cristovam Buarque de Holanda

Brasília

D. F.”

O ofício já estava quase para ser assinado, quando avisaram para a Márcia:

- Não seria melhor corrigir o nome do homem???

Lógico que tudo foi feito.

A fidelidade do presidente

Na campanha eleitoral municipal de 2004, o presidente do PPS era o Adalberto Ferreira da Silva. Certo dia, Adalberto precisava sair mais cedo da sede do partido, pois tinha consulta médica marcada para aquele dia, em Santos.

Quando ligou seu carro, deparou com a carreta do candidato Nei Serra, que passava na Avenida Martins Fontes, no sentido da Vila Natal, o mesmo trajeto que seria usado pelo *Adal*.

Para não se comprometer politicamente, mudou seu caminho para a Avenida Tiradentes. Só que a carreta não seguiu para a Vila Natal e,

retornando, estava no mesmo trajeto do presidente.

Adalberto retornou e seguiu pela Avenida Martins Fontes até a Nove de Abril, prosseguindo sua viagem pela Tancredo Neves. Ao chegar à Escola João Ramalho, deparou novamente com os carros da carreta do Nei, que estavam seguindo para o Casqueiro.

Desanimado, pegou o celular, ligou para o médico e cancelou a consulta, mas não se comprometeu.

A grande família

Já morava em Cubatão, e trabalhava na Prefeitura, Fernando de Souza, quando veio pra cidade seu irmão Elias, para trabalhar também na Prefeitura.

Em um domingo de sol, Fernando convidou o Elias para conhecer as praias de Santos. Pegaram o ônibus Canal 6 e seguiram viagem. Na entrada de Santos, ao atingir o Cemitério do Saboó, o ônibus parou no ponto. Ônibus lotado, os dois em pé, quando Elias comentou:

- Fernando, como é grande essa família enterrada aqui!!!
- Que família, Mano???
- Essa família Perpétua...

A Grande Família e a superstição

Nas vezes em que morei em Santos, meu corte de cabelo sempre foi no salão “Grande Família”, instalado no Super Centro Boqueirão, há mais de sessenta anos.

Começou com Gileno, Adão, e funciona até os dias de hoje com os outros irmãos, Toninho, Zezinho e Bonfim. São excelentes profissionais e

de um bom humor contagiante, fazendo com que essa obrigação mensal de cortar o cabelo seja até uma diversão.

Só que, do dia 13 de agosto de 2014 em diante – mais precisamente, no dia da queda do avião do candidato a presidente Eduardo Campos -, toda vez que lá vou, um desastre marcante está acontecendo. No mês seguinte, quando cheguei, Bonfim perguntou:

- Arlindo, veio hoje por quê? Caiu algum avião???

Fomos descobrir depois. Havia caído sim, um avião grande, da Malásia, morrendo mais de cem pessoas. Noutra vez, estava acontecendo o velório da esposa do ex-presidente Lula - primeiro assunto que ouvi do Silvano e do Walter, sobrinhos da família. Outro dia foi o acidente com o avião da Chapecoense, que também coincidiu com a visita que fiz ao salão. Quando me preparava para cortar o cabelo em março de 2017, numa consulta no hospital da Santa Casa, fiquei internado e com cirurgia já marcada para o dia 13 de março. Supersticioso como sou, pedi encarecidamente à equipe técnica para adiar para outro dia, para que eu ficasse sem essa mania de desastres...

- Tudo bem, então... – ouvi da Dra. Lucimara - ...sua cirurgia será, então, dia 21 de março.

Aí, o susto foi maior... Exatamente no dia 22 de março de 2017 seria a comemoração dos meus oitenta anos. Mas... deu tudo certo, e acabei de vez com essa superstição que não estava levando a nada...

A greve da carne

Certo dia, no refeitório da Cosipa, um funcionário, líder sindical, louco pra criar caso, gritou que não queria mais comer a carne, porque

estava estragada. Gritou, fez discurso e jogou o pedaço da carne para o cachorro, que costumava ficar por ali, aguardando pacientemente um resto pra matar sua fome. Só que o Bob já tinha comido, estava sem fome, logo cheirou... e não quis comer. O sindicalista fez o maior auê:

- Tá vendo, a carne tá estragada... vamos em passeata reclamar, talvez até provocar uma greve...

Todo mundo no refeitório se levantou, e se mandaram para a sala do chefe do suprimento.

- Seu chefe, olha aí, a carne tá estragada, nem o Bob quis comer...

O chefe, recém contratado, militar da reserva, puxa-saco da revolução, vendo a má intenção do líder, pegou a carne, tacou na boca, comeu e disse:

- Esta carne tá estragada coisa nenhuma, olha aí, tá uma delícia, eu vou é mandar te prender...

Todo mundo voltou para o refeitório. Acabaram com todo pedaço de carne que sobrou no prato, menos o líder, que perdeu seu pedaço para o cachorro, que resolveu comer mais um pouco.

A isca devolvida

Pescando no Rio Abacateiro, no Amazonas, junto com Álvaro Almeida, Elídio José Silveira conseguiu pegar um enorme tucunaré, daqueles de não deixar dúvidas. Só que o peixe, de tão grande que era, conseguiu fugir, levando o anzol e mais a isca artificial importada.

Alguns minutos depois, o referido peixe, parece que por gozação, pulou à altura do barco e cuspiu no pé do Elídio sua isca artificial, totalmente intacta.

Fiquei em dúvida, porém Álvaro jurou que foi verdade.

A morte da minha tia

Recebi recado do jornal *Acontece* sobre a necessidade do Cido falar comigo. Liguei no dia seguinte. Quem atendeu foi a Jaqueline.

- Jaque, quero falar com teu irmão...

- Ele não está, Arlindo. Daqui a alguns minutos, quando ele chegar, eu falo pra ele entrar em contato.

- Hoje não, porque estou saindo para Santo André, para o enterro de uma tia.

- E ela morreu ...???

A morte do cão

Junto com o avô Júlio Cunha, moravam Sílvia e seus dois filhos, Fernando Cezar e Darcy Jr., o *Maninho*. Na casa ao lado, um cachorro bravo ameaçava morder todo mundo e com mais perigo os dois garotos. Tônico Ribeiro, tio dos garotos e dono de um bar na esquina, observava o fato.

Certo dia, falando para o dono do cachorro, ameaçou:

- Se meus sobrinhos forem mordidos pelo seu cachorro, eu mato esse bicho...

O vizinho não acreditou, e ainda por cima não tomou nenhuma providência para prender o cão.

Um dia, Darcy não conseguiu se safar do cachorro, levando uma tremenda mordida no braço. Tônico, cumprindo sua palavra, puxou o revólver e matou o animal.

- Tônico... você matou meu cachorro???

- Matei, e se ele ressuscitar e morder meu outro sobrinho, mato ele de novo.

A mulher barbada

O chefe da Oficina de Máquinas Pesadas da Cosipa, João Basalobo, convidou seus funcionários mais diretos, Nasareno e Manoel Bigode (Pernambuco), para irem ao circo montado na Avenida Nove de Abril, onde hoje estão a Caixa Federal e o Banespa.

Quando da apresentação da mulher barbada, foi ouvido pelo apresentador um desafio:

- Quem conseguir dar um tranco na mulher barbada ganha 50 cruzeiros.

Pernambuco, já um tanto mamado, se ofereceu a fim de ganhar a grana. Não conseguiu derrotar a mulher e – nervoso pelas vaias – puxou sua faca e partiu pra cima dela. A barbada tirou a faca do valentão e com um só golpe jogou-o no chão e ainda pisou em cima.

A outra Ilha Bela

Com a criação da Regional da Vila Esperança, Sebastião Nascimento, o Zumbi, chefe da Regional, solicitou do prefeito Clermont a nomeação de um assessor para ajudá-lo. Foi então nomeado um cara que não sabia nada de Cubatão. No gabinete lhe informaram:

- Com esta portaria se apresente ao chefe da regional lá na Ilha Bela.

Só que o “assessor”, como não conhecia nada de Cubatão, pegou seu carro e se mandou pela Cubatão-Guarujá.

- É do gabinete? - perguntou o Zumbi...- Cadê o assessor nomeado, ele não chegou ainda.

Ligaram para o celular do cara e reclamaram da sua demora.

- Calma, gente... já passei por Juquehy... estou chegando perto de São Sebastião (??? !!!)

A poltrona... e a lembrança...

Antes de ser a Igreja Batista - na Rua Embaixador Pedro de Toledo, na Vila Santa Rosa -, naquele prédio funcionava o Cine São Francisco, que, apesar de muito conforto, teve pouca duração como cinema. Era uma sala com poltronas personalizadas, tendo no tampo do encosto um logotipo muito bonito, com as iniciais “C.S.F.”.

Lurdinha Alonso gostava de assistir filmes aos domingos na manhã, sempre acompanhada por seu namoradinho, que mais tarde se tornaria seu marido.

Em uma solenidade de casamento da igreja, Lurdinha compareceu, apesar de católica, pois se tratava de uma parente sua. Ao ver as poltronas ela se emocionou, pela lembrança do passado, e sentiu interesse em comprar uma poltrona pra guardar como lembrança. Perguntou ao pastor titular do templo se poderia vender duas dessas poltronas. A resposta do pastor não agradou: ele disse que só poderia vender a carreira toda, que seriam dez poltronas.

A lembrança era somente de duas, onde o casal assistia os filmes. Então, o negócio não foi feito, pois sairia muito caro. Algum tempo depois, Lurdinha ficou chocada quando viu na calçada, jogadas como lixo, essas poltronas, totalmente destruídas por cupim.

“O cupim venceu o Cupido”.

A ponte invisível

O engenheiro Guimarães, viajando travado para sua terra natal (Araraquara), junto com a família, avisou sua esposa:

- Mulher, quando passar a ponte do Porto Ferrão me avisa, que é para você revezar ao volante...

Essa ponte, entre Araraquara e Promissão, é uma obra de arte, muito vistosa, chama atenção pela sua beleza, bem como pela sua extensão, 2.900 m, quase três quilômetros, impossível não notá-la.

- Mulher, não esqueça da ponte!!!

- *Guima*, essa ponte nós já passamos há mais de uma hora...

A procissão e o ônibus

Darcy Esteves, motorista da Cia. Santista de Papel, contou para a esposa Sílvia e seus filhos Darcy e Fernando um “causo” acontecido em sua terra. Em um domingo de Ramos, percorria pela principal rua da cidade uma procissão comandada pelo pároco da cidade, titular da Igreja Matriz. Essa rua era também a rota da linha de ônibus, que o padre, já bem velhinho, chamava de jardineira.

A procissão, bastante concorrida, ocupava todo o espaço da rua e, atrás da procissão, desesperado, o motorista de um ônibus buzina-va insistentemente pedindo passagem. Os fiéis não conseguiam ouvir, compenetrados nos hinos religiosos, inclusive com acompanhamento da banda musical municipal.

- Queremos Deus... Ave... Ave... Ave Maria!!!

Quando o padre percebeu o desespero do motorista do ônibus buzinando, pedindo passagem, gritou para seus fiéis:

- Irmãos... a jardineira... a jardineira... irmãos... a jardineira...

Aí o povão mandou brasa, obedecendo ao pároco, cantando bem animado:

- Ó jardineira, por que estás tão triste... mas o que foi que te aconteceu!

A prova do crime

Para reforçar a ceia de Natal, Júlio Campbel, o *Jacaré da Banca*, saiu à rua na intenção de *aliviar* algumas *penas* de alguém. Invadiu o quintal do *Costa Novo* e meteu a mão em duas galinhas. No dia seguinte, ao atender um chamado em sua porta, escutou:

- *Jacaré*, seu safado, devolve minhas galinhas...

- Não sei de nada. Que galinhas, como você pode me acusar??

- As tuas pegadas estão lá no chão, é um sapato e dois buracos de muletas.

Com essa prova concreta, Julinho não teve jeito, devolveu as galinhas e saiu em procura de outros quintais.

A sacola era igual

Para economizar alguns trocados, o Wilson Amado dos Santos, da Promoção Social da Prefeitura, andou trazendo para o serviço a marmitta do almoço.

Certo dia, já em cima da hora, com pressa, Wilson catou duas sacolas de supermercado, Uma com a marmitta e a outra com lixo para jogar no suporte da calçada.

Entrou na perua do Zé Mário. Três quadras depois, os ocupantes do veículo já não suportavam o mau cheiro. Conferindo a sacola é que ele percebeu; o lixo estava com ele. A marmitta do almoço é que foi jogada no lixo.

A sorte do Irineu

No ano de 1962, trabalhava na Cosipa, junto com o Nasareno

do Círculo de Amigos do Menor Patrulheiro de Cubatão (Camp), o Irineu dos Santos. O Irineu era chefe da turma da limpeza da Oficina de Manutenção.

No fim do mês, o salário do Irineu era sempre o maior, recheado de horas extras. Nenhum de seus colegas entendia por que essa diferença.

Depois, foi desvendado o mistério, é que o cartão de ponto do Irineu era de número 1962, e na hora de fazer a relação de convocação para trabalho extraordinário constava sempre a data. Por coincidência, na coluna dos números de cartões. Em 1963 acabou a farra...

A torta muito direita

Nas reuniões mensais da diretoria do Camp, Silvana e Marisa, encarregadas da copa, por ordem do presidente Antonio Jorge, preparam uma mesa com sucos, bolachas, café e outras iguarias.

Ultimamente, Silvana anda caprichando numa tal de “torta salgada” que virou a atração nas reuniões. Eu, Emídio, Zé Carlos e Rochinha avançamos antes do início da reunião. Francisca, Miriam e Dra. Neusa evitam comer, para não contrariar o regime.

Mas quem estraçalha mesmo é o Mário Luiz, da Caixa de Previdência. Ele, certo dia, comeu tanto que logo em seguida pegou o celular e ligou para o motorista do ônibus que o leva à faculdade, cancelando sua viagem.

- Não vai à aula hoje, Mário??? – perguntou o Emanuel...

- Hoje não, comi muito, estou com medo de me sentir mal na viagem.

A volta do avô escravo

Foram passear na Serra Velha o Padovani, o Maneco Rebouças, o Zé Dias e mais Deusdeth de Almeida, lutador de boxe, valentão do D.E.R.

No Rancho da Maioridade (Casa de Pedra) existe uma prisão com porta de grades de ferro, que diziam ser pra prender os escravos daquele tempo.

Deusdeth, carteando, disse ser neto de escravos, contrariando a história, porque com sua idade jamais isso seria possível – evidente que o valentão estava inventando.

Padovani, dando a volta pelos fundos, imitando um velho, gritou:

- Deusdeth, meu neto, aqui é seu avo Benedito!!!

O lutador valente acreditou, se assustou e se mandou correndo serra abaixo.

Abonizete

No maior sufoco, necessitando de aumento de salário, os funcionários da Prefeitura Municipal de Cubatão, em alguns momentos, inventam coisas.

Na Biblioteca Municipal, após ouvir muitas reclamações dos funcionários em geral, Donizete Carneiro orgulhosamente dizia ter a solução:

- Calma, Odete e Lina, a gente vai ter um abono...

De tanto falar no tal abono que nunca chegou a sair, começaram a chamar o Donizete de “Abonizete”.

Abuso de poder

Em um jogo do segundo quadro do E. C. Cubatão contra o União

Cubatense, ferrenhamente disputado pelo campeonato da Liga de Futebol Amador de Cubatão, José Antonio Ribeiro (*Xibiu*), no banco de reservas, não via a hora de entrar em campo. Porém, o técnico Fernando Telmo Vale aguardava o momento certo.

Xibiu, que além de atleta era também *cartola*, como primeiro-tesoureiro, não esperou a ordem do técnico, gritou para o Sérgio Carranca sair e entrou em seu lugar. Surpreso, o técnico Fernando perguntou:

- Saiu por que, Carranca... 'tá machucado???

- Não, foi ordem do Zé Antonio.

Dentro do campo, o tesoureiro autoritário olhava para o banco e dava gozadoras gargalhadas.

Agenda inútil

O coordenador de Educação, professor João Peralta, tinha uma agenda onde anotava tudo que ouvia para futuras providências. Só que, na hora das tais providências, não achava e não consultava nada em sua agenda.

Em uma reunião no gabinete do prefeito, Aldomiro, o *Manau*, escondeu a agenda do professor e mostrou depois ao prefeito Passarelli.

- Joga fora, *Manau*, não serve pra nada...

A agenda foi escondida por muito tempo e o Peralta nunca consultou suas anotações para providências.

Manau, mais tarde, devolveu o objeto para o professor, fazendo a maior gozação.

Água na agulha

Na Farmácia Americana, do Sinval Duarte Pereira, o funcionário

José Rocha, o Rochinha, após um breve curso de aplicação de injeções, por distração ou falha, colocou na seringa somente água destilada, esquecendo da ampola do remédio propriamente dito, e aplicou a injeção em um cliente.

Quando Rocha percebeu o engano, já era tarde, o cliente já tinha se mandado.

No dia seguinte, Sinval, já sabendo do caso, recebeu o paciente e, preocupado, perguntou:

- Tá melhor, neguinho???
 - Estou sim, Seo Sinval, não sinto mais nada.
 - É... mas, por via das dúvidas, é melhor tomar outra... é para “reforço”!!!
- Rochinha completou o serviço, tremendo de medo.

Animal de autoridade

O vereador e presidente da Câmara, Gigino Aldo Trombino, criava em sua casa, na Rua Goiás, diversos pássaros – e, com muito mais carinho, um quati, que conseguiu pegar em uma de suas caçadas.

Para reforçar a ceia de Natal, Moacir José dos Santos, Zezinho Cervantes, mais o policial militar João Assis, “passaram a mão” no bicho e foram prepará-lo no bar do Waldemar Martins, situado à Praça Princesa Isabel, esquina com Rua Alfredo Pujol.

Pensando em fuga do animal, Gino procurou o correspondente de *A Tribuna* e anunciou o sumiço do quati, prometendo recompensa a quem o devolvesse.

Quando soube da verdade, Gino, enfurecido, foi à Delegacia de Polícia e deu parte do ocorrido, registrando Boletim de Ocorrência, dando os nomes dos suspeitos e exigindo providências enérgicas, já que era

uma autoridade do município.

Relatou como culpados os três que “aliviaram” o bicho, mais o Waldemar Martins, dono do bar. Apesar de não ter participado do caso, Waldemar era o que mais tremia de medo, quando recebeu a intimação para prestar esclarecimentos. Além de comerciante, sua esposa era professora, e Waldemar tinha medo do escândalo que o assunto iria provocar.

João Assis, o PM, conseguiu o perdão do Gino, correu à delegacia para cancelar o B.O. – o que acabou conseguindo. Fazendo média com o medroso dono do bar, João Soldado rasgou solenemente as intimações.

Como agradecimento, ele e os seus “comparsas” beberam a tarde toda, sem pagar um tostão sequer.

Apito... nunca mais

Funcionário do Centro de Processamento de Dados (CPD) da Prefeitura, José Ricardo Pereira dos Santos resolveu ser juiz de futsal. Fez o curso, formando-se com louvor até. Apitou alguns jogos em Cubatão, saindo-se muito bem, foi até elogiado.

Nos Jogos Abertos do Interior de Campinas, foi escalado para apitar, representando nossa cidade. Em um jogo, foi infeliz ao apitar uma falta inexistente, sendo ameaçado de surra.

Esperto, saiu correndo, só parando na Rodoviária, onde pegou um ônibus para Santos, encerrando naquele momento sua carreira de juiz de futsal.

Aranha assustadora

Neusa foi admitida no Banco Itaú-Cubatão, para trabalhar junto com a Yeda e a Betinha. Era muito educada nos primeiros dias, porém com o

tempo revelou-se uma menina nervosa, temperamental e mal-educada em certas ocasiões.

Sem conhecer bem o gênio forte da nova funcionária, Carlinhos Cruz colocou na bolsa da Neusinha uma aranha de plástico, na simples intenção de assustá-la.

Quando ela abriu a bolsa e notou a aranha, pensando ser de verdade, a moça aprontou o maior escândalo, gritando, chorando, chamando a atenção dos seguranças - que vieram acudi-la, pensando tratar-se de um assalto.

Até hoje, Carlinhos não se apresentou como autor da brincadeira, evidentemente!!!

Areia de graça é bem melhor

No exercício da fiscalização de obras, na Rua Maria do Carmo, no Jardim Casqueiro, um fiscal de obras, o muito exigente José Lourenço (*Canivete*), deparou-se com um monte de areia na calçada em frente da residência do Sr. Joaquim. Puxou seu talão de intimação e multas e deu seis horas de prazo para que o proprietário retirasse a areia, sob pena de multa e remoção do material.

O português, muito pão-duro, mal intencionado, imediatamente tacou toda a areia pra dentro de casa.

No dia seguinte, Eduardo Silva, o chefe da Conservação, vendo o calceteiro Elias Abrunheiro (*Cabeleira*) parado, estrilou:

- Tá parado por que?
- Não tem areia, como vou trabalhar?

Eduardão tinha certeza de que havia descarregado a areia, e vendo

que o material estava dentro da casa, chamou o proprietário:

- Essa areia é da Prefeitura, como o senhor puxou pra dentro de sua casa?
- Só cumpri ordens, senão seria multado, olha aqui a intimação...

As penas delatoras

Foram ao Maraca, para *aliviar* alguns patos, o Hélio e o Toninho Diegues, mais o Célio de Almeida. Conseguiram quatro patos e levaram direto à padaria Princesa na Avenida Nove de Abril, cujo dono era o Seo Sérgio Diegues. Como já era muito tarde, deixaram os patos guardadinhos no latão de lixo.

No dia seguinte, bem cedo, compareceram à padaria dois policiais, mais o dono dos patos, que reconheceu um dos Diegues. O latão de lixo já estava na calçada para ser recolhido pelo caminhão da Prefeitura. Após vasculhar toda a padaria, os policiais já estavam indo embora, conformados, quando apareceu o caminhão recolhendo o lixo.

Foi só pato que voou, estragando tudo. Dona Bruna sentiu-se na obrigação de indenizar o dono dos patos, o que acabou fazendo, descontando depois da mesada dos filhos.

Assim não dá

Para cumprir compromisso semestral do Almoço da Confraria dos Marreteiros, fomos – eu, Roney, Jura e o Amauri Petrone – em seu carrão Escort 98, que na estrada não anda a menos de 120 km por hora. Para levar também nosso amigo Ednir Esteves, que mora no Jardim Samambaia, na Praia Grande, Amauri pegou a Via Manoel da Nóbrega e me pediu:

- Arlindo, identifica a placa do bairro...

Só que na estrada - e empolgado - o Petrone chegou a embalar 140 km/h. Passou a entrada do Jardim Samambaia, mais ou menos 500 metros.

- Pô, caramba, vocês não me avisaram, agora tenho que ir a Mongaguá, fazer o retorno...

Jura lá atrás, quietinho, com medo da velocidade, respondeu:

- E deu tempo???

Bar muito barulhento

Na Rua Armando de Salles Oliveira, bem ao lado da agência do Banco Itaú, tá instalado o bar que antigamente pertencia ao Lima e ao Santino. Era um bar barulhento, incomodando o morador importante do apartamento acima do banco, que era o Mário Marinuzzi, gerente dessa agência.

Certo dia, Mário pegou uma espingarda de “chumbinho” e começou a atirar com balas de borracha na direção dos bebuns que não o deixavam assistir televisão em paz.

Carlinhos Cruz escutou mais tarde os donos do bar reclamando que não sabiam porque seus fregueses tinham todos eles as orelhas inchadas... Carlinhos descobriu, então, que eram os tiros de borracha da espingarda do Mário, que acertava sempre nas orelhas dos bêbados.

Bar sem banheiro

Na Avenida Joaquim Miguel Couto, perto da Praça Getúlio Vargas, ficava o Bar do João dos Santos, muito organizado, boa comida, cerveja geladi-

nha, bom atendimento. João dos Santos era de uma educação fora de série.

O único senão foi na construção do prédio: esqueceu de construir um espaço para funcionar como depósito. Conseqüentemente, todas as caixas de bebidas eram depositadas no único banheiro da casa.

Certo dia, após beber mais que seu limite (como sempre), Elias Abrunheiro (Cabeleira), freguês velho do bar, sentiu vontade de tirar água de joelho. Não achando o banheiro, claro, despejou toda a cerveja no muro do bar, na calçada, quase no meio da rua.

Na situação em que se encontrava, não percebeu que dois policiais observavam sua conduta imoral. Em nome da lei, deram-lhe voz de prisão.

Apesar das precárias condições físicas, Cabeleira rebelou-se, debatendo-se com os policiais, procurando evitar sua prisão.

Durou tanto o agarra-solta-agarra que a bebedeira passou, tornando-o lúcido, achando por bem entregar-se, porém já arquitetando um momento para a fuga.

Por inexperiência dos PMs, Cabeleira ficou sozinho no banco traseiro da viatura e, na primeira parada, no semáforo da Nove de Abril, abriu a porta e saiu correndo pelos bananais afora, já totalmente curado de mais uma ressaca.

Barcaças, o juiz

O XV de Novembro de Piaçaguera, time tradicional cubatense do núcleo residencial de mesmo nome, em quase todos os jogos em seu campo, dificilmente perdia uma partida. É que o juiz escalado era sempre o maquinista da Estrada de Ferro, Manoel Barcaças, quinzista roxo. Quando, por acaso, esse juiz apitava alguma coisa dentro da área do XV,

um torcedor do time local, valentão do pedaço, logo gritava:

- Ô Barcaças, o que tu destes... pênalti ou “friquique” (jogo perigoso):???

Lógico que o juiz imediatamente indicava o local do “Free Kick”...

Bem socado é melhor

O engenheiro Guimarães, responsável por uma obra, ligou para a Conservação para falar com o fiscal dessa mesma obra, o Paulo Severo. Carlinhos atendeu:

- Alô... é da Conservação.

- Chama o Paulinho.

- Pois não, engenheiro Guimarães – respondeu o Paulo.

- É o seguinte, vocês estão socando bem a terra nessa construção?

Paulinho, com todo respeito, mas gozador, batendo o pé no chão, respondeu:

- Estamos socando sim, escuta o barulho...

Benzetacil é só para gente

Em dia de folga no Pronto Socorro Municipal, Lourival, um dos enfermeiros da casa, se prontificou para participar de uma cirurgia em um cavalo do Severino. Levou todos os seus apetrechos médicos e, vestindo um jaleco branco, começou a cirurgia.

Deu logo de cara uma injeção de Benzetacil no cavalo, levando o maior susto. Acontece que a injeção não era apropriada e acabou matando o cavalo.

Saiu correndo, quase apanhou dos filhos de Severino.

Bife bem passado, acebolado e... escarrado

Era muito raro, mas certo dia Seu Emílio saiu com sua esposa para comer no Bar do Dinho um de seus pratos preferidos. Era o famoso bife grelhado, com cebolas e mal passado. Quando Seu Emílio chegou, já não estava na cozinha Dona Mariana, a dona das mãos de ouro que tornaram famosos os tais bifes.

Ao ouvir a conversa, Rogério Vidal, inimigo mortal do freguês em questão, se prontificou a preparar o tal bife, já pensando em alguma vingança. Dinho, que também não nutria pelo Seu Emílio nenhuma simpatia, não só autorizou Rogério a fritar o bife, como também pediu “aquele capricho”.

Na cozinha, o nosso mestre-cuca improvisado já começou batendo o bife de maneira original, jogando no chão, pisoteando até ficar bem batido. Para melhor sabor, cuspiu de um lado, virou, cuspiu do outro, completando o tempero com toda a gordura das panelas que estavam pra lavar e levou ao fogo, para a devida fritura.

Por falta de garçom no momento, o próprio “cozinheiro” fez questão de levar o prato à mesa, sem tirar o pano sujo que lhe servia de avental.

Quando o casal estava de saída, Dinho perguntou ao Seu Emílio sobre o bife...

- Estava excelente, muito obrigado! Voltarei outras vezes!!!

Boca-dura vai a pé...

Trabalhava na seção de Cadastro da Prefeitura o Carlos Alberto Lopes, que por coincidência era vizinho do engenheiro Lamartine. Em

função disso, o engenheiro dava carona todo dia para o Carlinhos, deixando-o na porta de casa.

Precisando parar na Padaria Santa Catarina, na Princesa Isabel, para fazer compras, Lamartine estacionou e retornou logo em seguida, pois estava com pressa. Encontrou o Carlinhos batendo papo na calçada, e não parava mais de falar, atrasando mais ainda o Lamartine.

O engenheiro buzinava, gritava e Carlinhos não dava a menor bola e ainda respondia malcriadamente.

- Não enche o saco... não vê que estou conversando!!!

Lamartine ligou seu *boogie* e se mandou, deixando o boca-dura conversando. Chegando em casa, sua primeira atitude foi ligar para a Ottila Campinas, mãe do Carlinhos, avisando do ocorrido.

Brilho maior

Por ocasião do 3º Fórum Cultural, realizado em 2005 na Câmara Municipal, Mário Leite apareceu no momento do encerramento, todo elegante e com o rosto cheio de purpurina. Irmã Genilde chamou o Edson *Bom Bril* e perguntou:

- *Bom Bril*, reparou no rosto do Mário Leite???

- Já vi, é uma maneira dele brilhar mais!!!

Depois de contestado, Mário explicou que o brilho era purpurina de sua filha, que caiu em seu pente, e não vontade de aparecer mais que os outros...

Brincadeira de mau gosto

O ex-vereador Mário Canelas, na administração do prefeito Nei Serra, no lançamento da pedra fundamental do Kartódromo, atrás do Paço

Municipal, muito gozador, achou um filhote de cobra no mato do terreno acima citado.

Com uma vareta, jogou-o em cima do prefeito que, empolgado, fazia seu discurso.

Nei Serra levou o maior susto e, por deduragem, descobriu o autor da brincadeira.

Mário Canelas quase foi exonerado no dia seguinte...

Cabeçudo para a mãe

Pescando na ponte do Rio Casqueiro, Renato Cretela, Manoel Patrício, junto com o Pelicas, receberam uma senhora paulista curiosa com os peixes pescados, que eram tainhas, também chamadas de cabeçudas.

- Quanto peixe... é fácil pescar assim???

Renato, querendo ser gentil, se apresentou:

- Pera aí, minha senhora... que já vou pegar um “cabeçudo” pra senhora.

Brava, mal educada, sem entender nada de peixes pescados, respondeu a senhora paulista:

- Cabeçudo... dá pra tua mãe, seu safado...

Cachaça obediente

Na Light, para tranquilidade de seus moradores, os vigilantes das porteiros tinham como obrigação impedir a entrada de bebidas alcoólicas no acampamento.

Jaú, morador do pedaço, voltando para casa, bolou um plano para

enganar o vigilante. Comprou um litro de pinga, embrulhou com bastante jornal, amarrou no gargalo um barbante bem comprido e foi entrando pela porteira, puxando a cachaça que estava dez metros atrás.

O esperto vigilante, verificando a malandragem do moço, não se conteve:

- O que é isso, Jaú???

- É que eu gosto tanto dela, e ela tanto de mim, que veio me seguindo, uai...

Cacho de banana passando mal

Na estrada Cubatão-Piaçaguera, na altura do Rio Perequê, havia uma guarita instalada para que guardas rodoviários fiscalizassem o trânsito. João Pieruzzi Neto, o Tambaú, quando motorista da ambulância da Prefeitura, para abrir caminho mais fácil, abria a sirene, provocando um tremendo barulho.

Certo dia, um vigilante, desconfiado com o número muito grande de doentes passando mal, parou a ambulância e foi conferir. Encontrou dentro da ambulância um cacho de bananas, são e forte, quase maduro. Porém, não estava passando mal.

Caixa de câmbio incompleta

Na intenção de comprar um carro novo, o engenheiro Marquinhos Pinto Dias levou seu Fiat 147 para o Vilmar, dono da Hidromar, comprar.

Vilmar, em confiança ao vice-prefeito à época, ficou com o carro e pagou sem conferir nada. Mais tarde, na oficina do *Quinho*, foi verificado que o carro do vice-prefeito não tinha a terceira e quarta marchas.

Caixa pesada de D.A.C.

No primeiro dia de serviço do Michel Rocha Farah, hoje alto funcionário da Agência Cubatão do Banco Itaú, o trote até que foi suave.

Carlinhos Cruz, como gerente da agência, determinou ao Milton Custódio que “receptionasse” o calouro, ensinando como transportar o D.A.C. para inspeção da Gerência. D. A. C. quer dizer Dígito de Auto Conferência, é somente uma sigla técnica.

Milton mandou que Michel retirasse no almoxarifado seis caixas de bobinas para máquina de somar, que completas formam um peso até razoável. Após este colocar ao lado da mesa do gerente as seis caixas de bobinas, foi que o Carlinhos avisou ao calouro da brincadeira.

Necessitando do emprego, ficou calado e levou de volta ao lugar as caixas de bobinas, que até hoje têm, para o Michel, o apelido de DAC.

Caixão misterioso

Vado, funcionário do Departamento de Estradas de Rodagem (DER), esperava no canteiro de obras da Gota de Leite, na Alemoa, uma condução para seguir até o hospital da Cota 200. Surgiu um caminhão do Setor, conduzido pelo Ferdinando e mais dois na cabine. Vado esticou o braço e pediu carona.

- Tudo bem, só que se você não se importa, tem aí atrás um caixão de defunto vazio, que estou levando para o hospital.

Menino corajoso, não se importou com um simples caixão. Topou e subiu na carroceria. Na altura do Casqueiro, caiu o maior toró e, para não se molhar, corajoso como era, entrou no caixão e com uma caneta segu-

rou a tampa, para poder respirar. Na altura da Fabril, mais dois servidores do DER pediram carona.

- Lógico, subam aí, tem um colega de vocês e um caixão vazio, se não for problema.

Mais ou menos na altura da Cota 95, os dois caras, tremendo de medo, viram a tampa do caixão se abrir, um braço esticando pra fora e a pergunta:

- Parou de chover???

Um dos caras pulou do caminhão, machucando-se todo.

Campainha barulhenta demais

Voltavam do Samba-Danças de Santos o Raul, o Alfredo Portela, o Ademário e o Enedio Martins dos Santos, o *Sorinho*. Com o sacolejo do ônibus, Raul e Ademário, apesar de toda bebida ingerida, já estavam “curados”; Alfredo estava normal porque nunca foi de beber. Porém, *Sorinho* estava totalmente “travado”.

O pai de *Sorinho*, *Seu* Otávio Martins, era eletricista da Companhia Santista de Papel e, em função de sua profissão, montou em sua casa uma campainha que, por ser feita em casa, não tinha regulagem, era de um som muito forte e estridente. Era a única casa na Fabril que tinha campainha.

Com medo de serem repreendidos pela Dona Vinória, mãe do *Sorinho*, Alfredo e Raul trataram de se livrar logo do mesmo. Ajeitaram-no em pé junto à porta e amarraram sua mão presa à campainha.

Imaginem, quatro horas da madrugada, o escândalo provocado. Ao abrir a porta, *Sorinho* estatelou-se no chão, fazendo mais barulho ainda.

No dia seguinte, por ordem do Sr. Cássio, a campainha foi desliga-

da, em função da reclamação do seu pai, Sr. Alberto, vizinho da casa da família Martins.

Carregadores de pasta

J. Ferreira, conhecido radialista cubatense, saía de casa diariamente para o escritório onde exercia suas atividades, com uma pasta cheia de papéis, uma bolsa com documentos e, às vezes, também algum dinheiro. Com a ameaça de chuvas, num certo dia, repetiu o ritual, carregando também seu guarda-chuva, paraguai legítimo.

Ao chegar ao escritório, largou em sua mesa, por sinal próxima da porta do corredor, todos os seus apetrechos, dirigindo-se à outra sala para bater papo. Logo em seguida, chegaram à sala Cido Barbosa mais o Oswaldo, a fim de se prepararem para uma viagem a São Paulo, a serviço. Na saída, Cido agarrou a pasta, a bolsa mais o guarda-chuva e seguiram viagem.

Durante o percurso, Cido entregava ao Oswaldo o peso que carregava, e este, minutos depois, o devolvia. Esta cena se repetiu várias vezes, sobrando para o Cido a incumbência de carregar os bagulhos, revoltando-se por achar que tudo pertencia ao Oswaldo, e este estava lhe explorando.

Aqui em Cubatão, Pereirinha logo notou a falta de seus pertences. Indignado, gritou:

- Fui roubado, tenho que ir registrar B. O. na delegacia...

A primeira providência foi trocar a fechadura da porta, para evitar o retorno do “ladrão” e aumentar o prejuízo. Após o pagamento pela troca das chaves, Pereira dirigiu-se à delegacia, para o competente B. O.

- Faça a lista das perdas – disse o escrivão.

- Minha pasta, meu guarda-chuva, minha identidade, minha carteira de jornalista e mais três reais...

No dia seguinte, após toda a confusão, lá estava, no mesmo lugar, tudo que por engano Oswaldo e Cido tinham carregado. Pereira, em véspera de viagem para a Europa, teve que tirar novos documentos, fazer novas chaves e também comprar outro guarda-chuva, para se prevenir de “tempo ruim”...

Carta para Deus...

Após sua formatura no Camp, Arlindo Fagundes Filho, na época com 17 anos, foi designado a trabalhar na agência dos Correios de Cubatão.

Sua função era trabalhar internamente e selecionar as cartas, já que como carteiro ele não poderia, em função de sua idade. Certo dia, ele deparou com um envelope muito bonito, com o destinatário seguinte:

Para: Deus

Céu...

Essa carta ficou, como não poderia ser de outro modo, em um canto, um longo período, até que, por sugestão do próprio Arlindo, resolveram abri-la e saber do seu conteúdo.

Dentro da carta estava escrito:

“Senhor Deus... por favor me ajude, estou desempregado, passando fome, sem roupas pra vestir, necessitando de muita ajuda”. E constava o endereço, que por sinal era em uma das favelas de Cubatão.

Todos os funcionários do Correio decidiram, então, fazer um rateio e ajudar esse senhor necessitado.

Foram certo dia levar duas cestas básicas, roupas, refrigerantes e tudo que podiam para amenizar o sofrimento desse senhor.

Trinta dias depois, Arlindo deparou com outra carta, com o mesmo tipo de envelope, mesma caligrafia. Era a mesma pessoa repetindo seu pedido anterior, porém acrescentando:

“Senhor Deus, muito obrigado pela ajuda, foi muito bom, mas... Agora eu estou precisando é de dinheiro mesmo para poder pagar algumas contas. Mas... por favor... não mande o dinheiro pelo Correio não. Lá... só tem ‘ladrão’...”

Cartas para as moçoilas

Quando era solteiro, muito jovem ainda, Orlando Padovani se mudou para Cubatão. Louro, alto e de olhos azuis, começou a esnobar as moças da cidade. No primeiro baile que frequentou, sentiu que tava com a bola toda. No segundo, aumentou sua prepotência.

Resolveu escrever, então, uma carta para oito moçoilas da sociedade local, declarando-se totalmente apaixonado. Escreveu nas cartas que sua cor de roupa preferida era o verde, pedindo então que no próximo baile essa seria a cor do vestido escolhido.

No dia do baile, mais de dez moças vestiam-se de verde. Padô se mandou, pra não causar confusão: era muito verde pro seu gosto.

Chave certa, carro trocado

No estacionamento da Refinaria Presidente Bernardes, Durval Ribeiro dos Santos (Neno) tentava abrir um *fusca* cor de vinho, quando o dono do carro chegou.

É que o Neno não conhecia bem o veículo, pois não era seu, e sim

de sua irmã. Como a cor era idêntica, isso confundiu o moço.

O cara dono do carro era visitante e, não aceitando as explicações, foi se queixar aos seguranças da portaria. Após tudo esclarecido, cada qual partiu em seu respectivo *fusca*.

Delaíde trocou de carro na semana seguinte.

Cheirinho mau

Na década de 70, Zé Carlos, o Zé do Caixão, que trabalhava na oficina de máquinas pesadas da antiga Companhia Siderúrgica Paulista (Cosipa – hoje Usiminas), colocou certo dia graxa nas botas de serviço de seus colegas Ademir e Nasareno.

Como o bom cabrito não berra, Nasa e Ademir se vingaram. Uma semana depois, colocaram merda com uma vareta dentro da bota do Zé e, com a sobra do “material”, lambuzaram o cadeado da caixa de ferramentas do próprio.

Zé do Caixão, muito resfriado, não percebeu o cheiro, que só foi notado quando entrou na sala do chefe para uma reunião.

Claustrofobia

Quando eu trabalhava na Câmara Municipal, toda semana ia a São Paulo para executar diversos serviços. De quebra, dava carona para o Ivo da Banca, para fazer suas compras de números atrasados de revistas, em uma livraria da Praça da Sé.

O motorista que certo dia nos levou foi o José Jairo (*Nininho*), que dirigia geralmente cansado. Como o serviço era na Caixa Econômica da Praça da Sé, sugeri ao motorista estacionar na Estação Jabaquara e se-

guirmos de metrô, até por medida de economia de combustível.

A cada parada do metrô, *Nininho*, alegando sofrer de claustrofobia, descia do trem e ao sinal embarcava novamente. Na estação Praça da Árvore, por gozação do Ivo, dizendo ter mais tempo, *Nininho* se lascou, a porta fechou e ele ficou do lado de fora, perdendo o trem.

Fomos encontrá-lo três horas depois, puxando um ronco dentro do carro.

Clube do Bolinha

Uma vez por mês, sempre na sexta-feira, era realizada uma festa por funcionários da Prefeitura de Cubatão, a cada mês por um dos participantes. Era conhecida como o Clube do Bolinha. Só participava marmanjo, mulher não podia entrar.

Organizado por Antonio Santana, o *Bocão*, nos altos da Panificadora Fênix, antiga Castelões, após muita comida e muito mais bebida, *Bocão* – conhecido pão-duro – fez um desafio:

- Quem tomar esta bebida neste prato com colher, além de não pagar a cota da despesa, vai ganhar um prêmio em dinheiro.

O engenheiro Antonio Carlos, outro pão-duro, pensando em economizar o rateio e ganhar o prêmio, aceitou o desafio.

Começou bem, porém, do meio do prato em diante, a coisa foi ficando preta. Faltavam somente duas colheradas e o Carlos já estava caindo pelas tabelas. Na última, achou fácil, se empolgou e, quando foi levar à boca, não aguentou, correu para o parapeito do prédio, vomitando toda a cerveja e alguns pedaços de carne.

Bocão ria e festejava a economia que conseguiu...

Coitado do marido

Na Vila Nova funcionava o Serviço de Assistência Jurídica Gratuita (Sajug) da Prefeitura, e era bastante procurado pelos munícipes. Quem atendia no balcão era o Jurandir Silva, o *Manga*.

Certo dia apareceu uma senhora muito bonita, bem arrumada, reclamando muito.

- Pois não, senhora, bom dia... em que posso ser útil?

- Sabe o que é, moço, eu vim aqui, porque eu quero colocar o corno do meu marido no pau...

Com capim na boca não se fala

Possuidor de uma Brasília velha, José Geraldo Ferreira, conhecido como Geraldino, toda folga sua na Santista de Papel, pegava sua *caranga* e se mandava para o Jardim Casqueiro, onde – junto com os amigos – jogava baralho e tomava algumas.

Certo dia, cumprindo sua rotina, batendo papo, bebeu um pouco bastante mais. Voltando para a Fabril (onde morava), de madrugada, ao fazer a curva da Fábrica de Fertilizantes (Fafer), embalado como estava, esqueceu de fazer a curva e foi parar na vala que margeava a pista.

Estava sozinho, foi uma dificuldade em sair do carro, que atolou até a metade. Com muito esforço, se safou e - cheio de lama e capim por todo o corpo - foi a pé pra casa. Chegando às 4 da madrugada, foi recebido por sua esposa, Maria Nardina, que, brava, perguntou:

- Estava onde, até agora???

Ele se mandou direto pro chuveiro, não tendo condições de responder nada.

Conclusão demorada

Existem indivíduos que, apesar de inteligentes, têm raciocínio demorado. É o caso do Orlando Barbosa, funcionário da Prefeitura. Ele ouve um assunto, fica olhando pra tua cara e cinco minutos depois te responde.

Na Ilha Caraguatá, sua irmã Djanira contou-lhe uma piada e ficou desapontada, pois o moço não deu a maior importância. Dentro do ônibus, voltando pra casa, Orlando começou a gargalhar sozinho, mas parecendo um acesso de loucura. Meia hora de risada sem parar fez com que o motorista parasse o ônibus e o obrigasse a descer, por medida até de segurança, comparando-o a um louco.

- Vou descer mesmo, vou voltar à casa de minha irmã, para dizer que agora entendi a piada!!!

Conselheiro arrependido

Estavam se dirigindo a serviço ao escritório do Departamento de Estradas de Rodagem (D.E.R.), em São Vicente, Pedro Pivato e Orlando Padovani.

Pivato, muito amigo do Padovani, ia dando conselhos ao amigo, para se acalmar, evitar confusões, dentro do maior sentido paternalista. Padô escutava, porém não levava muito a sério, resmungando, brigando com o motorista a cada escorregada no trânsito. Pivato voltava a pedir calma e novamente dava outros conselhos para acalmá-lo.

Depois de uma hora de atendimento no escritório, Padovani foi chamado ao 10º andar do prédio, urgentemente. Era o Pivato, enchendo o Mané, seu colega de trabalho, de porrada.

- Pivato, calma – falou o Padovani.

- Fica na tua, faça o que eu digo e não faça o que eu faço...

Defunto vivo

Sinval Duarte Pereira, farmacêutico e vereador, foi chamado para, com sua experiência, vestir junto com seu irmão Ditinho um amigo muito estimado por todos, que havia falecido.

É normal, quando em vida, qualquer pessoa acumular gases, e mesmo já morto, também é normal que seu gás tenha que ser expelido.

Ao dobrar o infeliz que morreu, para vestir-lhe a camisa, este - evidentemente sem nenhuma má intenção - soltou um tremendo de um arrotos, daqueles que ninguém bota defeito.

Coitado... ficou sem roupa por muito tempo, pois somente no dia seguinte é que foram encontrados os dois irmãos, ainda tremendo de medo.

Dentadura derretida

Pegou fogo no motor do fusca do Darci Neves Esteves (*Maninho*). Na tentativa de apagar o incêndio, Luís Antonio, pai da namorada do Bil, correu com um balde cheio d'água e jogou com toda força nas labaredas.

A força foi tanta que, junto com a água, foi também sua dentadura. Pensando que a dentadura havia caído na calçada, não se preocupou, continuou dando uma de bombeiro.

Após terminado o incêndio, o coitado do Luís, desdentado, encontrou dentro do motor queimado do fusca um monte de dentes todos derretidos.

Depois do túnel

Quando moleque novo, vindo de Ruças, no Ceará, com 20 anos e meio, Raimundo Valter Pinheiro ouviu de seu pai:

- Meu filho... em Santos vai procurar seu tiro, que mora logo após a

saída do túnel.

Quando chegou a São Paulo, Pinheiro pegou o ônibus para Santos e, na Via Anchieta, quando viu o primeiro túnel, se apavorou, correu para o motorista e, afobado, gritou:

- Pára, moço, eu tenho que descer aqui em Santos, depois do túnel.

- Calma, menino, vai sentar, nós nem chegamos a Santos. O túnel que você procura é na Praça dos Andradas!!!

Desconto no holerite dos outros era fresco

Um dos chefes de Vigilantes da Cosipa era o Ricardinho, que pecava por excesso de zelo. A cada mancada de um dos seus subordinados, escrevia logo à chefia maior, exigindo punição. Era odiado por isso, poucos amigos tinha no pedaço.

Certo dia, cansado por não dormir à noite, devido ao nascimento de um filho, apesar de rígido no cumprimento das leis, não resistindo, caiu no sono – e sono pesado, ainda por cima.

Quando acordou, vendo que havia sido flagrado pelos seus subordinados, tomou a atitude que julgou ser correta. Escreveu um memorando para seus chefes, pedindo punição para si mesmo. O pior é que, para servir de exemplo, acabou mesmo sendo punido.

O prejuízo ele só foi sentir no desconto em suas férias, coisa que ele nunca imaginara. Maneirou, daí em diante.

Despertador legislador

Pelo regimento interno da Câmara Municipal, toda sessão tem que começar às 20 horas e não pode passar das 23 horas. O relógio do ple-

nário estava no conserto, então o vereador Chico Inácio gritava para o presidente Gigino Trombino encerrar a sessão no horário, quando o assunto não lhe agradava.

Gino, da oposição ao Chico, resolveu o problema. Levou escondido um despertador daqueles bem antigos, atrasava alguns minutos e às 23 horas, mais ou menos, o aparelho fazia a maior zorra.

Compraram logo um relógio novo para o plenário, para evitar confusões no futuro.

Diploma sem gosto

Renato de Oliveira Braga, hoje aposentado pela Refinaria e que se projetou nacionalmente como árbitro de futebol da Federação Paulista, era na infância um dos maiores torcedores do Clube Atlético Usina de Cubatão. Viajava com o Light a qualquer lugar que o clube atuasse.

Certa vez, o time da Usina foi a Piaçaguera enfrentar o XV de Novembro local, uma partida válida pelo Campeonato da Liga Cubatense. Na confecção da súmula do jogo, Acácio Gonçalves, técnico do Light, notou a falta da ficha do jogador Dedéu, artilheiro e um dos melhores jogadores do time. Sem ficha o craque não jogava, e não jogando ia fazer muita falta.

Por camaradagem do representante do jogo, ficou acertado que se a ficha chegasse até os 40 minutos do segundo tempo, seria válida a presença do Dedéu na partida – caso contrário, o Light perderia os pontos.

Renatinho, ouvindo a conversa, “laitiano” fanático, se propôs a vir de Piaçaguera à Light, buscar na casa do técnico a ficha que faltava. Pediu emprestado uma bicicleta e se colocou a caminho. Sabendo que pela estrada ia ser mais

difícil (havia chovido muito), fez o percurso pela lateral dos trilhos da EFSJ, seguindo até a estação, de lá pelo asfalto da Avenida Nove de Abril até o Cruzeiro, depois até o acampamento da Light. Gastou na ida 40 minutos e mais 40 na volta – tempo de sobra, ainda faltavam alguns minutos para o jogo acabar.

Chegou cansado, esbaforido, respiração difícil, entregou a ficha ao Acácio e se jogou no chão para descansar.

- Valeu a intenção, Renato – falou o técnico -, porém tudo foi inútil. Dedeu foi expulso aos 10 minutos do primeiro tempo!

Renato guarda até hoje uma carta de “Honra ao Mérito” concedida pela diretoria do clube.

Distração

Na Promoção Social da Prefeitura trabalhava Eliana Dias, eficiente funcionária, muito simpática, porém totalmente distraída. Precisando chegar cedo ao serviço num certo dia, pediu ao seu colega Wilson Amado dos Santos que lhe desse carona. Na hora combinada, Wilson, pelo seu celular, ligou pra Eliana:

- Desce, já estou aqui embaixo te esperando...

Eliana já estava quase pronta. Vestiu uma bata e, como estava frio, colocou uma meia-calça. No espelho do elevador foi que ela notou: tinha esquecido de colocar a saia. Voltou rapidinho, completou sua vestimenta e desceu.

Na porta do prédio tinha um carro parado. Eliana deu a volta, abriu a porta e entrou. Atrás desse carro, Wilson ria, buzina, ria cada vez mais e buzina mais forte. Escutou Eliana dizer ao desconhecido:

- Desculpe, senhor... acho que entrei no carro errado!!!

Saiu e – junto com o Wilson Amado – veio rindo até chegar a Cubatão.

Do cano eu não esqueço

Seu Joaquim contou ao Carlinhos seu começo de dia. Ao se espreguiçar logo cedo no portão de casa, esticando os braços para o alto, um ladrão puxou o revólver e disse:

- Fica do jeito que está... é um assalto...

Mais tarde, Carlinhos perguntou ao amigo:

- E o senhor seria capaz de reconhecer o ladrão, Seo Joaquim???

- O ladrão não, mas do cano do revólver não vou esquecer nunca mais...

Doação de sangue pelo lado errado

Por ocasião da enfermidade do prefeito José Rodrigues Lopes, convocaram, dentre os funcionários da Prefeitura, aproximadamente vinte pessoas para doação de sangue no Hospital das Clínicas em São Paulo.

Dentre os benfeitores doadores encontrava-se Abraão Elias, hoje funcionário do Grêmio, que na sua simplicidade desconhecia sua missão, nunca havia doado sangue na sua vida.

Quando chegou sua vez, a enfermeira do hospital pediu para Abraão se preparar, enquanto – de costas para o doador – preparava a seringa.

Ao virar-se, deu de cara com o moço totalmente nu da cintura pra baixo. Assustada, gritou:

- Que é isso, senhor? Sangue a gente tira do braço, e não da bunda!

Dourado amigo

Em uma pescaria no Pantanal, Armando Cunha Jr., por falta de prática, não soube preparar o empate de sua vara de pescar, provocando a revolta

de Carneiro, seu companheiro de barco, pois acabou perdendo um enorme dourado, que acabou levando toda a parafernália de sua vara de pescar.

Em outro barco, Elídio Silveira e Joaquim Campello, além da gozação, prometeram solenemente apanhar o referido dourado, para ensinar a Armando como se pesca, e recuperar os instrumentos.

Por ironia do destino, Joaquim acabou pegando o mesmo peixe, entregando a Elídio o anzol a ser devolvido ao pescador Armando, ensinando também técnicas de pesca.

Por via das dúvidas, Armando Cunha Jr. Trocou seus companheiros de pesca, para evitar gozações.

Dúvida cruel

Na infância, Argemiro Cascardi foi coroinha da Igreja da Fabril. Seo Braz Sant'Anna Leite exigia com muito rigor de seus comandados, nos domingos, dia de missa, que o sino fosse tocado em três horários: meia hora antes, quinze minutos antes e oito horas em ponto, anunciando para o início da missa.

Certo dia, quando o Miro subiu até a torre, para uma das toçadas, reparou na casa do lado da igreja, as duas irmãs do Ney trocando de roupa, totalmente nuas.

Argemiro ficou indeciso: se tocasse o sino, alertaria as moças de que alguém estava na torre e acabaria com o “visual”; se não tocasse, levaria uma tremenda bronca do Seo Braz e de seu pai Salvador, que tinha o maior orgulho de vê-lo ajudando na missa.

Escolheu não tocar o sino, sendo posteriormente expulso do quadro de coroinhas.

E agora, Josés...

Por ocasião da inauguração em 1957, pelo prefeito Armando Cunha, do chafariz da Praça Princesa Isabel, Zé de Góis e Zé da Cruz tiveram uma “brilhante” ideia, depois de tomarem quase um latão de pinga juntos.

Ainda antes do corte tradicional da fita verde e amarela, os dois, pra lá de vermelhos, se jogaram dentro da fonte e nadaram na maior alegria.

Para que o evento tivesse prosseguimento, a polícia foi chamada e os dois Josés foram dormir, todos molhados, não só por dentro, como por fora também.

É proibido pescar

No município, na década de 1950, o PM Jaime de Souza, o *Volta Seca*, tinha como incumbência fiscalizar irregularidades das bicicletas. Respeitado ao máximo, apreendia bicicletas que andavam nas calçadas, com pneus carecas e outros abusos.

Raimundo Apolinário da Silva, o *Baixinho*, zelador do Edifício Maria Pinho de Oliveira, vinha de bicicleta do Casqueiro, após uma pesca bem sucedida, quando foi interpelado pelo *Volta*:

- Que tá levando aí, moço???

- Peixe que peguei no Rio Casqueiro – respondeu o *Baixinho*.

Pode ir embora... tua bicicleta tá em ordem. Porém, os peixes ficam.

Raimundo foi embora e *Volta Seca* levou os peixes pra casa. Dona Ivete caprichou no almoço, naquele dia.

Elogio sem direção

Voltavam da praia em seu fusca envenenado, o Elcy Cascardi e

seus amigos Maurício Cuqui e Francisco Cunha Evangelista. Perto do trilho da Sorocabana, na Av. Washington Luiz, em Santos, Elcy percebeu na calçada uma tremenda santista em um diminuto biquíni. Distraíndo-se, olhando para o biquíni da moça, Eloy deu uma porrada no carro da frente, que havia parado no sinal vermelho. O carro da frente foi bater no outro veículo mais à frente, em que estava o *Manau*.

Manau levantou-se bravo para reclamar. Percebendo que a cagada foi do amigo Elcy, desculpou-se e foi socorrer o Cascardi que, independentemente da confusão, não parava de olhar pro biquíni da menina.

Em dia de explosão, me mando

Na falta de funcionário para cobrir o plantão do Pronto Socorro Municipal, Eduardo Silva, o *Eduardão*, para colaborar com o setor da Saúde, cedeu seu fiscal de obras, José Lourenço (*Canivete*) para suprir a falta de recepcionista, naquela noite somente.

Por azar do *Canivete*, estourou uma caldeira na Refinaria, provocando o maior estrondo, colocando em pânico todo o pessoal do P. S.

Havia um boato que qualquer explosão na Refinaria atingiria toda a cidade. Quando os feridos chegaram, foram atendidos sem ficha, pois *Canivete*, com base no boato, se mandou, não só do P.S, como da própria cidade.

Entrando quase numa fria

Certo dia, na Panificadora Vila Nova, estavam jogando conversa fora, regada por muitas cervejas, o vereador Agrimaldo e Aloísio Gomes de Souza, o *Lua*. Parou atrás do carro do *Lua* uma viatura policial. Saíram dela dois soldados que foram tomar café, deixando o condutor ao volante, na espera.

Após algumas e outras e em seguida outras tantas saideiras, *Lua* precisou ir a seu carro buscar um modelo de requerimento para entregar ao *Grima*. Levantou-se, tropeçou, derrubou duas cadeiras e por engano entrou no carro da PM.

Quando *Lua* viu um radiocomunicador, alguns cassetetes e ao volante o Sargentão, é que notou o erro que cometeu.

Agrinaldo, preocupado com o amigo, gritou:

- *Lua*, sai daí, se não tu vai preso, cara...

Era só um passeio

Caiu na Serra, perto dos canos do Oleoduto, um avião teco-teco, com quatro tripulantes. Acionado o Pronto Socorro Municipal, Lourival, um dos enfermeiros, se ofereceu como guia para o helicóptero da Base Aérea de Santos, em socorro dos acidentados.

Após meia hora de voo, o socorro ainda não havia chegado ao local. Era porque o Lourival não conhecia nada da serra onde o avião tinha caído.

Na volta, apertaram o enfermeiro:

- Eu só queria dar uma volta de helicóptero... era novidade pra mim...

No dia seguinte, dr. Luiz, o prefeito, exonerou o turista enfermeiro.

Era gasolina

Na enchente de 1976, no posto do Antonio Lopes dos Santos (*Brahma*) vazava muito líquido pela tampa do tanque de gasolina. João Souza Dantas e Jonas correram para avisar o *Brahma*. Tentando tapar o vazamento estavam o Wagner Antiorio e o José Bibiano dos Santos, o *Bente-Vi*. Era gasolina... era água... – na dúvida, sugeriu o Wagner:

- *Bente-Vi*, risca um fósforo. Se pegar fogo você já vê se é gasolina...,
Uma explosão, um incêndio, calamidade pública...
- Foi o Wagno... foi o Wagno... – reclamava o Bibiano.
José Bibiano se mandou pra São Vicente. Só voltou uma semana depois.

Escondido do engenheiro Guimarães

Na Confraria Guará Vermelho do Bar do Lúcio, os preparados do tradicional almoço de quinta-feira são do engenheiro Antonio Guimarães Neto e do Roberto Marques de Souza, o *Betinho*, funcionários da Prefeitura. A obrigação dos “cozinheiros” obedece a um revezamento: ora o Guimarães, ora o *Betinho*.

Certo dia, veio a notícia de que o Adalberto Ferreira tinha levado o Guimarães para o hospital Ana Costa, após um mal estar que resultou em seu internamento, felizmente só para exames.

- E agora... tem almoço na quinta? – perguntei ao Betinho.
- Tem sim, Arlindo, vou fazer um “escondidinho”...

Confesso que não gostei de se fazer almoço escondido só pro *Guima* não ficar sabendo.

Fui saber, mais tarde, que o escondidinho é um prato com carne seca escondida dentro de purê de batata.

Espólio de quê?

Quando por ocasião do falecimento de Joaquim Saragoça, seu filho mais velho, Manoel, foi nomeado para ser o inventariante da família. Apresentando-se no cartório do Armando Cunha, foi recebido pelo Joel Gonçalves, que trabalhava muito “distraído” em certos momentos.

- Quem é o senhor, e veio tratar de quê???
- Espólio - respondeu o Maneco.
- Puxa vida... conheço você há tanto tempo, não sabia que seu nome era Espólio...

Esse dinheiro é meu

Na antevéspera de Natal, o Sr. Tokukaro Nakajo, dono da lavanderia da Antonio Lemos, convidou seu amigo, o fiscal Moacir, da Prefeitura, para uma cervejada no Bar do Nilson. No bolso de sua camisa, o dinheiro do dia transbordava. Por gozação, Moacir tirou toda a grana do bolso do japonês e escondeu.

Beberam até meia noite, quando o Tokukaro pediu a conta pra pagar, não encontrando nada em seu bolso. Moacir ainda deu a volta:

- Tu não tem dinheiro, deixa que eu pago.

Quando puxou o dinheiro, o seu Tokukaro reconheceu:

- Esse dinheiro é meu, seu safado, fiscal é todo *ladron*...

Moacir, ofendido, foi embora, deixando em cima do balcão o resto do dinheiro, que afinal era do japonês.

Estou de macaquinho

Recém-chegado de sua santa terrinha, Fernando conseguiu, através de parentes, ser logo admitido na Santista de Papel, no setor de expedição, o local mais completo de gozadores da fábrica.

Certo dia, o Beto Magalhães mandou o Fernando ficar em cima de uma pilha de papel, para observar o aparecimento do chefe José Reingruber, o *Macarrão*.

Argemiro Cascardi, indo em direção ao escritório, assustou-se com a posição do Fernando, que por sinal não sabia que o *Miro* também era chefe.

- Tá fazendo o que, aí???

- Tô de macaquinho, para - quando chegar algum chefe - avisar o Paulão, que tá dormindo lá no fundo....

Estouros

Na época de festas juninas, *Zé Pinguinha* enchia os bolsos de bombinha de dez centavos e saía se divertindo. Em frente à farmácia Americana, do Sinval Duarte Pereira, *Pinguinha* acendia três ou quatro bombinhas, jogava dentro da farmácia e saía correndo.

Certo dia, Sinval, aproveitando da distração do *Zé*, colocou dentro do bolso dele uma ponta de cigarro acesa, provocando o estouro das bombas. *Pinguinha* saiu correndo, pulando e procurando água para apagar o incêndio em sua calça.

Mudou de calçada. Nunca mais passou pela Drogaria Americana.

Exagero do juiz

Quando o Júlio Alves Neves (*Lula*) estava dirigindo um treino do Juvenil do Comercial da Fabril, apitando um pênalti, quase foi linchado, pois era tanta reclamação do time – que se achava prejudicado, por não considerar uma falta tão violenta.

Lula segurou o braço do jogador derrubado e foi demonstrar como foi a falta. Exagerou na demonstração, derrubando o jogador, que – no tombo – acabou quebrando o braço e teve que ser socorrido no Pronto Socorro.

Acabou ali, para o *Lula*, sua carreira de juiz de futebol.

Fã do Valdick

Para agradar os fregueses do seu bar, Dinho alugou uma máquina eletrônica de tocar discos. Era só pôr a moeda, escolher a música e se deliciar com o repertório de músicas variadas.

Certo dia, chegou um freguês estranho ao pedaço, pediu um almoço caprichado e, enquanto aguardava, tacou na máquina vinte fichas para tocar sem parar a “pérola musical” do cancionista Valdick Soriano, “Eu Não Sou Cachorro Não”

Após repetir cinco vezes a mesma música, Dinho, já com o saco cheio, mandou suspender o almoço do freguês, convidando-o a se mandar, cantando:

- Você não é cachorro, não... E o meu saco já tá grandão!!!

Em seguida, indenizou o moço pelas quinze fichas restantes.

Falta de diploma

Quando fui chefe da Limpeza Urbana em 1992, recebi a incumbência de preencher cargos para o Plano de Carreira que seria implantado. No intuito de colaborar, nomeei para o cargo de mecânico o Gervásio, que lamentavelmente não sabia o que era uma chave de boca. E, como motorista da carreta do inseticida, nomeei o Abílio, que sabia dirigir, mas não tinha habilitação.

Certo dia, como teste, Pedrinho Cesar solicitou ao Abílio pra tirar a carretinha da garagem. Como ajudante foi escalado o Gervásio.

Após meia hora de manobras inúteis, vendo que a carreta não sairia da garagem, juntamos o Erialdo, Renato, Beto, Alemão, Ismael e o *Bundinha* e, com as mãos, foi feito o teste. À força.

Falta de memória

Na abertura do 5º Festival de Teatro Amador de Cubatão (Festac), no dia 1º de dezembro de 2001, no Bloco Cultural do Paço Municipal, onde seriam homenageados atores e atrizes do teatro amador cubatense da década de 50, por falha da Prefeitura não foi instalado o serviço de som.

Comentei, reclamando com alguém, que era uma falha inaceitável, pois microfone nessa hora é de grande utilidade. Essa pessoa, que até hoje não sei quem foi, me falou que se prontificaria para buscar em sua casa um aparelho de som melhor do que o da Prefeitura, e mais, com dois microfones.

Ao deparar com a Eliana Tavares Guimarães, ora presidindo o Agtac, organizadora do festival, relatei o caso. Nervosa, preocupada também com a falta de som, disparou:

- Deve ser alguém querendo aparecer, vai ver que ele nem tem aparelho de som, coisa nenhuma.

Ao final da festa, encontrei novamente uma pessoa que, por engano, pensei ser o tal que ofereceu a aparelhagem, e comentei com a Eliana:

- Olha, o cara que ofereceu o aparelho de som é esse aqui...
- Tá louco, Arlindo, esse é o Paulo, meu marido!!!

Famosos quem?

Na posse do presidente Silvano na Associação Comercial e Industrial de Cubatão (Acic), eu estava conversando com a assistente social

Erenita, quando deparei com o Rolando Roebbelen se posicionando para bater fotos. Fiz a maior pose, a Erenita também.

Rolando, meio sem jeito, bateu a foto. Continuamos posando para uma outra possível foto, quando o Rolando foi direto:

- Me dão licença, a foto é do grupo atrás de vocês.

Disfarçando, saí e depois escutei da Ere:

- Não tem importância, Arlindo... um dia nós seremos famosos também.

Faro fino

O engenheiro Lamartine, da Prefeitura, sempre foi o encarregado da avaliação do grau de insalubridade que atinge os servidores, para o devido pagamento em folha. Os funcionários do Horto reclamavam para o chefe Miguel Rivau sobre a exposição que sofriam ao manusear o esterco enviado para adubo.

Lamartine foi convocado, deu uma volta no Horto e em seguida, em voz alta, falou:

- Não vejo necessidade de pagar insalubridade, não tem nenhum mal cheiro aqui...

Revoltados, alguns funcionários encheram o carro do Lamartine de esterco e mais “outros” cheiros. Ao ligar seu carro para sair, não suportou o cheiro horrível vindo do banco traseiro do carro, desceu e se rendeu:

- É... vocês têm razão... o cheiro é insuportável...

Sem jeito, despachou favoravelmente ao pagamento da insalubridade.

Feriado furado

O prefeito Abel Tenório de Oliveira decretou ponto facultativo o dia 15 de agosto de 1961, quando este dia ainda não era considerado feria-

do. Assinou o documento do decreto e viajou em seguida.

Lindoro Couto, sem ordem expressa do prefeito, requisitou junto ao Setor de Transportes um caminhão, para realizar um piquenique à praia do Perequê no Guarujá, aproveitando a folga. No dia marcado, quando os funcionários e familiares já se encontravam devidamente instalados em bancos no caminhão, com suas sacolas, bolas, frangos e farofas, eis que retorna inesperadamente de viagem o prefeito Abel.

- Que bagunça é essa, com que ordem um caminhão da Prefeitura vai servir de transporte em piquenique???

- Fui eu que organizei, senhor prefeito... - respondeu, gaguejando, o Lindoro.

- Ó xente, desce todo mundo, tá cancelado o facultativo...

Abel voltou ao seu passeio, porém os funcionários, ao meio dia, estavam batendo o ponto.

Festa sem bolo

No aniversário da filha do Fidelis Campos de Almeida, um dos convidados especiais foi o Antonio Carlos Cruz. Quando todos os convidados estavam na sala, aconteceu um *apagão*, escuridão total. Para não tropeçar em alguém, Carlinhos procurou um canto e ficou na dele.

A energia demorou a ser restabelecida e o moço, sentindo-se cansado, debruçou seu braço em um monte que ele achava ser de roupas passadas e dobradas.

Após a luz ser acesa é que o Carlinhos viu a sujeira que fez. O que ele pensava ser um monte de roupas era, na realidade, o bolo de aniversário, todo decorado, já com velinhas e tudo. O peso do braço cansado afundou o bolo e, na hora do “parabéns a você”, só salvaram as velinhas.

Fim do horário de verão

Trabalham na Lopes Contabilidade o João Teixeira Lopes e seus filhos, Augusto e Solange. Meio dia em ponto, os três fecham o escritório e se mandam pra casa, para o almoço, já pronto dentro do horário.

Com o fim do horário de verão, esqueceram-se de atrasar o relógio em uma hora, como seria normal. Pelo relógio do escritório, lá se foram os três para o almoço.

Chegando em casa, além da boia não estar pronta, tomaram uma bronca da Dona Iraci, que além da bronca fez a Solange lavar a louça, Augusto descascar as batatas e o Teixeirão lavar o arroz, como castigo pra aprenderem a se ligarem mais no horário.

Fogo andante

Sem dúvida alguma, o cubatense mais folclórico foi o Wilson Guimarães, mais conhecido por *Bicho-Miau*. Em uma festa de São Lázaro, com a ajuda de Oscar Macedo, administrador do cemitério, Bicho acendeu um maço de velas nas costas de diversos caranguejos. Esperou a hora da festa, soltou os crustáceos todos iluminados, lá pelas dez da noite.

Para chegar ao local da festa, Ruthe Cunha Costa e suas amigas tinham que passar pela porta principal do cemitério. Ao deparar com o quadro, achando tratar-se de almas do outro mundo, as moças saíram correndo, voltando pra casa.

Perderam a tradicional festa, que era realizada uma vez por ano.

Fotos em zoom menor

Existia no porão do sobrado do Saragoça, na antiga Avenida Ban-

deirantes, hoje Avenida Nove de Abril, um estúdio fotográfico, cujo proprietário era Sebastião Valeriano. Sua máquina fotográfica era daquelas caixote (lambe-lambe), com um pano preto para cobrir a cabeça e dois buracos para as mãos do fotógrafo poderem manipular o filme dentro da máquina, sem receber claridade prejudicial ao filme. Máquina apropriada somente para fotos 3x4, tão poucos eram seus recursos.

No aniversário do Jefferson, filho do Celso Grandis do Amaral, apesar de todo capricho, somente apareceu na foto o rosto do garoto, ainda assim do nariz pra cima. Ao fotografar uma dupla sertaneja, somente apareceu a escada em que os músicos estavam.

Eis que um dia surge uma família grande, composta por dez pessoas, para fazer uma foto artística de todo o pessoal. Com uma distância de dois metros, só aparecia o casal central, com três metros entravam na foto dos filhos. Então, a única saída era recuar para enquadrar toda a família.

Sebastião já estava na calçada, quase no meio-fio, e mesmo assim faltavam dois filhos para a família sair completa. Foi recuando, recuando, até que se assustou com uma buzina forte, fazendo nosso fotógrafo pular, evitando ser atropelado por um ônibus, pois já se encontrava no meio da avenida.

Frangos de madeira

No casamento do Lucas Gouvêa com a Adelaide Cunha, quem comandou a festa foi o Francisco Vicente da Silva (*Chicão*), muito amigo do pai da noiva, Carlos Cunha.

Chicão trabalhou muito, organizando a parte do churrasco e do cho-

pe, que em festa era a que dava mais trabalho.

Como o Seu Carlos era um tremendo mão-aberta, *Chicão* alertou-o que havia muito frango, fatalmente iria sobrar e estragar também. Conseguiu então de Dona Francisca, mãe da noiva, a doação de um saco de sessenta quilos, cheio de frangos, já temperados inclusive.

Quando estava carregando o saco com os frangos, foi pilhado pelo Lucas, que não sabia sobre a doação. Escondido, *Luquinhas* retirou do saco todos os frangos, substituindo-os por tacos de madeira, que haviam sobrado da construção da casa. *Chicão* não percebeu a roca e no fim da festa, já cansado e com a cabeça inchada de tanto chope, se mandou pra casa com a carga, avisando sua família para os “frangos” do almoço de domingo.

O máximo que conseguiu foi economizar lenha no seu fogão, pois de raiva fez o fogo com os tacos “doados” pelo Lucas.

Fuscão amarelo

Tentando atravessar a rua, Julio Campbell Penna, o *Jacaré*, quase foi atropelado por um *fuscão* amarelo de chapa de São Paulo, e por ele não identificado. Como o único *fuscão* amarelo de Cubatão pertencia ao Tokunori José Nakajo, dono de uma lavanderia na Rua Antonio Lemos, *Jacaré*, puto da vida, se mandou pra lá e quase rebentou o *fuscão* do Zé Nakajo. A irmã do Zé, assustada, reclamou:

- Tá louco, *Jacaré*, meu irmão nem saiu de casa hoje!!!

No dia seguinte, após sarado da ressaca, Julinho, percebendo o engano, foi até a casa do amigo e indenizou todo o prejuízo, que aliás não foi pouco..

Gaguices (I)

Na residência do casal Leonel e Regina trabalhava Maria, excelente moça, muito educada, limpinha, porém tremendamente gaga. Nunca atendia telefone, para não ter aborrecimentos.

Marcelo, filho de José Duarte, outro gago, era amigo do Branco, filho do Leonel, e ligava sempre para a casa dele.

Certo dia, véspera de Natal, tocou o telefone na sala do Leonel e, com todo mundo ocupado, não teve outro jeito, Maria teve que atender:

- A... A... A... Alô...

- Por... Por... fa... fa... favor, cha... cha... chama o Branco.

- E... E... E... ele não tá.

Marcelo desligou o telefone e, bufando e raiva, se mandou pra casa do Leonel, para acertar contas com quem o imitava.

- Cha... Cha... Cha... chama o Bran... Bran... Branco.

Tentou responder Maria:

- E... E... E... ele num tá...

Foi aí que Marcelo reparou que ele não era o único gago no mundo. Ficaram amigos, porém Maria pediu demissão e se mandou de Cubatão.

Gaguices (II)

O correspondente de *A Tribuna* em Cubatão era o Áureo Rodrigues de Carvalho, o *Gaguinho*, tremendamente gago, gaguejando muito mais quando nervoso.

Certo dia, atendendo ao telefone, provocado por seu interlocutor, ficava cada vez mais gago e mais nervoso e não conseguia falar nem alô.

Após cinco minutos de rosnados ao telefone, *Gaguinho* perdeu a educação e gritou:

- Vai à puta que pariu... você não sabe que eu sou gago!!!

Ganho pouco e não recebo

Em uma das passagens do Circo Guaraciaba por Cubatão, por falta de atração, o dono do circo bolou um concurso para passar o tempo mais rápido. Puxou uma elefante fêmea (elefoa ou aliá) até o centro do picadeiro e desafiou:

- Quem fizer esta “elefoa” chorar, ganha mil cruzeiros...

Guilhermino, pião da Sobraf, empresa que operava na Cosipa, sem um tostão no bolso, há três meses sem receber salário, topou o desafio. Cochichou no orelhão do animal, e esperou pelo resultado.

- Você venceu, seu danado, a elefanta tá chorando! Mas que segredo você contou a ela???

- Só falei que trabalho na Sobraf...

Genérico que não se vende

Na Farmais da Avenida Nove de Abril com a Pedro Cardoso, o gerente da drogaria chama-se Genésio Batista de Souza (*Neco da Farmais*). Certo dia, uma freguesa pediu um remédio para suas dores:

- Por favor, tem “genésio”???

Neco, sem se abalar, respondeu:

- Genésio sou eu, mas não estou à venda...

Grafitado

Para formar o acervo histórico, todos os eventos organizados pela Prefeitura-

ra eram filmados e guardados em arquivos. O operador de filmagem era o Marquinho do Som. Todo orgulhoso em sua nova obrigação, não percebeu a gozação que lhe fizeram o Edson, o Serafim, o Pedrinho Bianchini e outros colegas seus.

Passaram na parte de baixo da filmadora (de cor grafite) um pó preto que era usado para conservação dos aparelhos.

Marquinhos, de camisa branca, ficou todo sujo de preto: sujou a calça, o rosto e ganhou a maior pinta preta no nariz. Quando estava para sair é que reparou na gozação. Ficou bravo, querendo bater em todo mundo.

Grande, e bom apetite

Era muito comum, antigamente, as famílias cubatenses convidarem o pároco da Matriz Nossa Senhora da Lapa para almoçar. João Rodrigues dos Reis Jr. Certa vez convidou o padre Primo Maria Vieira para almoçar em um domingo, depois da missa em comemoração ao aniversário de uma filha.

Após comer bastante, dirigindo-se ao padre Primo, o filho João Sérgio comentou:

- Comi como um padre!!!

- Como um padre comi eu... tu comestes como uma besta... – respondeu o padre Primo.

Guaraná amargo

Mário dos Santos, falecido presidente do Camp, sustentáculo da organização até sua morte, era conhecido pela sua mudança de temperamento em questão de segundos. Para mudar de calmo para agitado e nervoso, bastavam simplesmente dois segundos.

Certo dia, sentado à mesa do Bar do Banha, tomando seu guaraná, totalmente calmo, avistou seu gerente Giovane Ferreira Campos, e gentilmente convidou-o para acompanhá-lo no refrigerante. Após Giovane tomar seu primeiro gole, Mário perguntou:

- Tudo bem?

- Tudo bem, seu Mário. O único problema é sobre aquele associado que fui cobrar a mensalidade e ele não pagou.

Mário, bravo, respondeu gritando:

- NÃO PAGOU POR INCOMPETÊNCIA SUA, FALTA DE ORGANIZAÇÃO DE SUA PARTE, VOCÊ NÃO SABE COMO COBRAR!!!

Foi o guaraná mais azedo da vida do Giovane.

Guarda-chuva no delegado

Em um baile de carnaval do Esporte Clube Cubatão, Padovani, Zé Dias e Antonio Fonseca (o *Sexta-feira*) - amigos do diretor do clube, Alfredo Coca-da -, todos embalados, se acharam no direito de entrar no baile sem pagar.

Por sorte, Padovani e Zé Dias conseguiram entrar, só ficando de fora o *Sexta-feira*, na maior bronca, gritando que também queria dançar.

O porteiro tratou logo de chamar a autoridade presente para resolver o impasse. Veio até a portaria o recém empossado delegado da cidade, dr. Décio Funaro, rapaz novo ainda. *Sexta*, não acreditando que aquele rapazola era autoridade, tacou o guarda-chuva na cabeça do delegado. Passou o fim de semana “dançando” na delegacia.

Hidramático é mais difícil

No bar do Milton Santana, na Rua São Paulo, era frequentador assíduo

o Edístio Rebouças, o *Bireu*, que às vezes abusava nas doses de conhaque.

Um dos carros de táxi do ponto em frente ao bar era o Galaxie Landau Hidramático, do Toninho Marco, sobrinho do Seo Garcia.

Por gozação do Lucio Santana, gerente do bar, *Bireu*, vendo as chaves no contato, tentou puxar o caro pra frente da fila. Sem ver quase nada, em vez de primeira, engatou a marcha a ré, causando o maior estrago.

Subiu na calçada, amassando duas bicicletas. Acabou parando no Gordini do Carlos, jogando-o no portão da casa do Sinval, rebentando quase tudo

Hospital de nudismo

A família Benassi já tinha reservado, numa clínica de Itapira, um apartamento para o Cesar Benassi, um dos familiares que necessitava tratamento. Só que o Cesar não queria ir de jeito nenhum.

Vai não vai, quero não quero, chamaram o Edístio Rebouças, o *Biréu*, para aconselhar o moço. Mostrando uma revista sobre campo de nudismo que tinha em mãos, foi logo dizendo:

- Cesar, o local para onde você vai é esse aqui, olha só!!!

Depois de folhear a revista toda, Cesar Benassi aceitou na hora.

- Por favor, me levem agora, e me deixem lá por muito tempo...

Quando descobriu o golpe do *Biréu*, tentou voltar, mas não conseguiu.

Ninguém quis buscá-lo, até que ele ficasse bom de vez.

Igual àquele

Recém-chegado de Olímpio Noronha/Minas Gerais, Daniel de Souza Nogueira conseguiu emprego na Cia. Santista de Papel, através de seu cunhado Argemiro Cascardi. Trabalhando na expedição, encantou-

se com um sapato moderno que o Miro usava:

- Comprei na Casa Mendes... – afirmou o cunhado.

No dia de seu primeiro pagamento, foi à sapataria Casa Mendes do Zé Gonçalves e pediu:

- Moço... por favor, quero comprar um sapato...

- Que modelo, freguês???

- Aquele muito bonito... igual ao do Miro!!!

Nesse dia, Zé não vendeu mais um par de sapatos: não existia modelo Argemiro

Jaca direcionada

Em uma visita ao sítio do Maneco Cunha, no km 8 em Pilões, Juca Torres, em cima de um pé de jaca, escutou lá de baixo o José Cuqui, o *Quita*, gritando:

- Xoca a xaca Xuca...

Juca Torres, muito gozador, escolheu uma fruta já passada e tacou na direção da cara do *Quita*. Distraído, Quita não viu e levou a maior “jacada” na cara.

- Xuca, safado, sem vergonha, vou xubir na árvore e xocar você no chão...

José Bonifácio Ribeiro – o Boni

A caminho da Santa Casa de Santos (não existia ainda o túnel Rubens Ferreira Martins), estavam em uma picape do D.E.R., ao volante o Geraldo Luizatto; ao lado, o enfermeiro Santana; e, deitadinha atrás, em um colchonete, não muito confortável, a Tia Kita, esposa de Sebastião Ribeiro, já em trabalho de parto... de mais um filho.

Pra chegar ao hospital, o caminho era pela Avenida São Francis-

co, Senador Feijó e posteriormente Avenida Pinheiro Machado, já que aquele túnel de ligação do Centro ao bairro do Jabaquara (onde ficava o hospital) só seria inaugurado em 1954.

Na Avenida São Francisco, altura da Praça José Bonifácio, Tia Kita, não resistindo às dores, pediu para o Geraldo e o Santana, eles mesmos, ajudarem nos procedimentos de praxe, porque sua criança já estava nascendo.

Santana, que tinha cursos de enfermagem, realizou ali mesmo o parto, na caçamba da picape, com a ajuda do Geraldão, Para felicidade geral, nasceu naquele momento um garoto sadio e forte, o quarto da família.

Em homenagem ao local do nascimento, Bastiãozinho deu ao seu filho o nome de José Bonifácio, com seu sobrenome, Ribeiro. O Boni mais tarde veio a formar, com outros irmãos e a irmã Nancy, a banda – orgulho dos cubatenses – “Os Irmãos Ribeiros”.

Viva... Valtermir, Vavá, Ademir, Aviz, Nancy, Boni e Gelson... parabéns!

Jogo proibido

Nos fundos da Casa Brasil, da família Farah, todo fim de semana funcionava um mini-cassino. Era comandado pelo Fued Farah, um dos fundadores do Centro Organizador do Teatro Amador de Cubatão (Cotac), com a intenção de arrecadar fundos para a encenação da Paixão de Cristo.

Certo dia, sargento Leão, recém-nomeado para a cidade de Cubatão, após denúncia, resolveu dar uma “batida” nesse tal de cassino. Entrou pelo portão lateral e pegou no “flagra” mais de vinte pessoas jogando e gastando seu dinheiro...

- Todo mundo preso – gritou o sargento...

Apesar das desculpas do Fued, de que se tratava de um “joguinho familiar”, todo foram para a rua para serem conduzidos à delegacia. Não tinha viatura suficiente para caberem todos os detidos. Então, foi organizada uma fila e todos foram a pé para a delegacia, que ficava perto da Ponte dos Arcos, onde hoje está instalado o Hospital Ana Costa.

Ao mesmo tempo, Alex Farah telefonou para seu irmão, dr. Salim Farah, avisando do ocorrido. Acontece que o Salim estava no Sírio-Libanês em Santos, junto com seu pai, seu Jorge Farah, também jogando a valer. Proibido na época...

Ao chegar à Delegacia de Polícia, o delegado solicitou ao Salim que mostrasse sua carteirinha da O. A. B. para em seguida libertar todo mundo, alegando não estarem fazendo nada de errado, era uma causa nobre.

Ao procurar em seu paletó, foi jogando tudo que tinha lá guardado, fichas de jogos, vale do Sírio, cartas de baralho, menos sua carteira de identidade de advogado.

O delegado começou a rir e libertou todo mundo, não sem antes dar uma gozada no seu colega, dr. Salim, por estar também jogando a valer dinheiro.

Foram libertados Paulão, Fued, Aduar, Chapéu de Couro, Macedo, Zico, Jamil, Ivon e outros mais - menos o Manga, que havia saído um minuto antes para comprar água na padaria da frente.

Karaokê sem graça...

Na festa do Amigo Secreto, do Camp, em dezembro de 2003, estavam cantando e dançando na maior animação, em karaoke, as funcioná-

rias do setor, Francilene, Janine, Viviane, Cida, Daniele, mais Edna dos Santos, esposa do presidente Jorge, e sua filha Beatriz.

De repente, surgiu, todo alegre e contente, o Nasareno, vindo da churrascaria, e se colocou à frente do monitor de TV, tapando a visão das meninas, que precisavam ler as letras no aparelho. Todo mundo parou de cantar e dançar, só ficando o Nasareno alegre, feliz e contente.

Acabando a música, o *Nasa* perguntou para o René:

- Por que elas pararam???
- Porque você tapou a visão da TV.
- Puxa vida, pensei que era porque eu estava agradando!!!

Ladrão que rouba ladrão...

No intuito de preparar um almoço caprichado no domingo, Cecília Aló, chefe do escritório do D.E.R., comprou três frangos e guardou na geladeira. Armandinho Silva passou a mão nos frangos, levou para a oficina mecânica e, gastando algum trocado, começou a temperá-los para levar pra casa, direto ao forno.

Seu chefe, o engenheiro Quintanilha, chamou-o para saírem em direção à Cota 200, a serviço. Demoraram para voltar, chegando após o expediente. Não achou mais nada quando voltou, o pessoal da oficina passou a mão nos frangos.

Era a Cecília chiando de um lado, Armandinho chiando do outro. Descoberto, ainda teve que pagar à Dona Cecília pelos frangos roubados, fora o prejuízo no gasto com os temperos.

Lista ingrata

O café dos funcionários do escritório do D.E.R. em Cubatão era preparado e servido por Dona Mariquinha, sogra do Haroldo. Para

agradar ao engenheiro Manequinho, a copeira caprichava no açúcar, bem a gosto do chefe.

Orlando Padovani tinha preferência por café amargo, ficava bronqueado com o café servido pela Dona Maria.

Tentando resolver o problema, bolou uma lista, dizendo ser para pedir aumento, quando no cabeçalho estava escrito para substituir a servente por outra.

Por falta de leitura, Dona Maria foi a primeira da lista a assinar, o que acabou causando sua transferência para a copa da oficina.

Mais tarde, esclarecida a confusão, a mulher voltou e continuou com o café muito doce. Padô nunca mais tomou café no D.E.R.

Mata-burro econômico

Viajando para Campo do Meio, Elcio Santana, em uma estrada de fazenda, meio distraído, foi alertado pelo seu tio Murilo Santana:

- Elcio... cuidado, olha o boi...

Élcio não acreditou no tio, não reparou e deu uma trombada no boi. O fusca morreu e, sem bateria, só pegava no tranco. Três passageiros empurrando o carro e o tio Murilo no meio.

Passando em um mata-burro econômico, daqueles que só tem ponte na direção das rodas, o carro pegou e correram para entrar no fusca.

Tá faltando o meu tio. Cadê ele???

Foram procurar. Encontraram o Murilão caído no meio do mata-burro, com a cara enterrada na vala.

Memorando falso com valor

Ao assumir a chefia do D.E.R. da unidade de Cubatão, o engenheiro *Manequinho* notou a evasão de alguns funcionários do escritório, que, de hora em hora, davam uma escapadinha ao bar em frente para a tradicional *branquinha*. Além do mau andamento dos serviços, não ficava bem, para a reputação do chefe, seus comandados beberem no horário de expediente.

Com a autoridade que o cargo lhe conferia, dr. *Manequinho* determinou ao porteiro Paulo Baltazar que a saída, daquele dia em diante, só com memorando específico e com sua assinatura. Padovani, um dos componentes do grupo, resolveu testar a ordem do chefe. Foi barrado com veemência e não conseguiu sair. Voltou à sala e, na sua máquina de escrever, bateu o seguinte “memorandum”:

“Pelo presente memorando, autorizo a saída do funcionário Orlando Padovani, a qualquer hora do dia, para fazer o que bem entender. Fique sabendo, seu safado sem vergonha, filho da mãe, malandro, imbecil, que não é para impedir a saída do portador deste”.

Ele mesmo carimbou e assinou. O porteiro, coitado, que não sabia nada de letras, fingiu ler e disse:

- Tá vendo... custa sair com ordem por escrito???

No dia seguinte, o engenheiro *Manequinho* cancelou sua ordem, para não ficar desmoralizado, percebendo que não ia funcionar.

Meu nome é Jorge

Nos Jogos Abertos do Interior de 1970, na cidade de Franca, Jorge

Reis jogou irregularmente com a documentação de outro jogador. Por azar, o jogo era contra a cidade de São Vicente e o técnico desta cidade, o Centenário, conhecia todos os jogadores cubatenses e muito mais o técnico Zé Teixeira.

Alertado pelo chefe da delegação, Mário Braga, nosso técnico providenciou logo a substituição do Jorge que jogava com outro nome, para pelo menos Cubatão não ser penalizada:

- Jorge, cai... finge que está machucado...

Todo mundo ouviu que o nome do atleta era outro, em virtude da mancada do Zé Banana. Cubatão ganhou o jogo, mas perdeu os pontos e foi desclassificada...

Meu pé de laranja lima

Um dos chefes da vigilância da Cosipa era um tenente-coronel reformado do exército, que, na época da Redentora, conseguiu um bico pra defender um pouco mais de salário. Era o maior cricri, tão fanático que até morava dentro da usina, para melhor cumprimento de suas obrigações.

No quintal de sua casa tinha um pé produtor de laranjas. Os cosipanos se deliciavam com as laranjas roubadas do coronel. Só de raiva e provocação, roubavam o mais que podiam.

Com os poderes de chefe que tinha, o coronel colocou dois vigilantes, 24 horas por dia, só pra tomar conta da laranjeira.

Por gozação, os vigilantes faziam relatórios, inclusive anexando aos papéis algumas laranjas roubadas e recuperadas, já totalmente sem condições de fazer suco.

Vendo o prejuízo que os vigilantes estavam dando, o superintendente da Cosipa achou melhor acabar com a farra. Mandou derrubar a casa do chefe, com laranjeira e tudo, construindo uma oficina no lugar.

Miragem...

Descendo pela Via Anchieta, Antonio Simone, pai do Ricardo e sogro da Viviane do Camp, após tomar algumas, pediu para o ônibus parar pra “tirar água do joelho”.

Depois de dez minutos de ausência é que os outros passageiros estranharam a demora, nada do Antonio Voltar. Foram procurar e acharam o moço, dez metros barranco abaixo.

- Que aconteceu???

- Fui encostar em uma árvore, pra melhor conforto, acontece que era uma visão, não tinha árvore nenhuma...

Mosquitinho maldoso

No bar da Dona Rosa, na Avenida Miguel Couto, esquina com Praça Getúlio Vargas, Chico Bruto, totalmente pilecado, com sono, puxou o ronco.

Mário Torres tirou os tamancos do Chico e colocou-os em suas mãos. Em seguida, Mário acendeu um fósforo e fez uma brincadeira chamada *mosquitinho*, no rosto do Francisco.

Ao sentir a dor do queimado, pensando ser mosquito de verdade, Chico tacou os dois tamancos na própria cara. Fez sangrar o nariz, e teve que ser atendido no Pronto Socorro.

Mudança do visual

Candidata a vereadora em 2000, para a carreata da vitória organizada pelo partido, Ana Luiza de Siqueira preparou uma bandeira com seu nome, seu número, no maior capricho. Saiu caro a bandeira, de tão bonita que era.

No dia da carreata, empolgada, em cima de uma caminhonete, não percebeu o avanço de um participante, que, num gesto rápido, passou a mão na bandeira da candidata Ana Luíza e se mandou.

Ana Luiza, nesse dia, estava bem produzida, chegou até a passar no salão de beleza para sair-se bem no evento. Em um comício seguinte, sem o penteado do desfile, de cima do palanque avistou sua bonita bandeira sendo agitada. Correu até o cara e, desesperada, falou:

- Essa bandeira é minha, por favor me devolva...

- Não pode ser, essa bandeira eu roubei de uma moça muito bonita, no dia da carreata – respondeu o eleitor.

Muito suor

Certo dia, na Foto Benassi, compareceu Dona Maria para fazer foto 3xr4 para documentos. Sérgio Benassi, um dos donos do Studio, foi encarregado pelo seu irmão Mansuetto para a empreitada. Acontece que era verão, estava muito calor e, com as lâmpadas, o calor aumentava.

Dona Maria, suando muito, pediu ao Sérgio uma toalha para enxugar seu suor. Só que, depois da foto retocada, o suor, é claro, seria totalmente eliminado – coisa que a cliente não aceitava.

- Me dá a toalha, garoto, estou suando muito mais...

Como o calor não acabava e o suor também não, Dona Maria se mandou, fazendo a foto somente no inverno.

Na dúvida, correr é melhor

Perto do Aterro Sanitário da Prefeitura, no Areais, morava Dona Zélia. Certo dia, procurou no Paço Municipal alguém para reclamar da água que corria em seu sítio, e que estava matando suas patas. O prefeito recomendou ao engenheiro Marco Antonio Pinto Dias – diretor de Serviços Públicos – e ao Antonio Santana (*Bocão*), responsável pelo aterro, para resolverem o problema.

No sítio da dona das patas, foi descoberto que o chorume que vinha do aterro era o causador da morte das aves. Após algumas discussões, o engenheiro Marquinhos falou:

- A senhora é culpada pelas mortes, este terreno é da Prefeitura, e aqui a senhora é invasora...

Dona Zélia foi até dentro de sua casa, saiu com um facão de 50 centímetros, xingando, brava, e colocou *Bocão* e Marquinhos pra correr...

Negão da Padaria I e II

Quando o Lourival Lima dos Santos tinha uma padaria em frente ao Fórum, ao perceber que o forno elétrico dava muita despesa, procurou logo se desfazer dele, vendendo o forno para o Donizete, que era dono de uma padaria na Cota 200.

O forno era muito grande, dando o maior trabalho para o comprador. Teve que quebrar uma parede e depois reconstruí-la, para instalar aquele monstrego. Com raiva, Donizete se negou a pagar o preço total, dizendo-se prejudicado. Somente após muita pressão é que o Lourival

acabou recebendo.

- Tá vendo... Eu sou o verdadeiro Negão da Padaria... – contou Lourival.

Após assumir sua cadeira de vereador na Câmara é que o Donizete destronou o Lourival, passando a ser o verdadeiro Negão da Padaria.

No tempo dos bondes

Na época dos bondes em Santos, eram muito comuns os consertos nos trilhos, em que os operários tiravam os paralelepípedos, ficando a linha de ferro totalmente intacta. Não impedia a passagem dos bondes, porém ficava um enorme buraco no leito da rua.

Lauro Picado, com o Citroen 1950 de seu pai, Seo Raul Picado, enfileirou atrás de um bonde na Avenida Conselheiro Nébias, em Santos e, totalmente distraído, crente que estava “abafando”, viu o bonde passar pelos trilhos, mas se arreventou todo nos buracos do conserto.

Não convidaram o Alex

Quando Alex Farah era o presidente do Cotac, recebeu certo dia, na sede, a visita de Marilda Canelas, diretora de cultura da Prefeitura Municipal de Cubatão. O motivo da visita era solicitar, por empréstimo do Cotac, roupas de soldados romanos, para serem usadas em uma peça teatral que Marilda dizia estar produzindo. Alex, cumprindo determinação da diretoria, falou à Marilda:

- Só posso emprestar, se for para peça teatral...

Após o acordo, as roupas foram emprestadas com a condição rigorosa de serem utilizadas somente em uma peça teatral. À noite, Alex

procurou a tal encenação, quando foi avisado que as roupas estavam sendo usadas em uma festa romana ao estilo Imperador Nero, com os componentes “romanos” todos travados e com algumas roupas rasgadas, após o derramamento de muitas cervejas.

Alex, além de traído, não foi convidado para a festança.

Não eram relógios

Trabalhava como motorista de turno na Fundação Cubatense o Lourival Lima. Por ter tempo nas horas de folga, virou comerciante. Subia a São Paulo e, na Galeria Pagé comprava as muambas que depois revendia, aumentando seus rendimentos mensais.

Quando acontecia batida da Polícia Federal na Galeria Pagé, o que voava de contrabando pelas janelas era de deixar os transeuntes na rua apreensivos e preparados para encher o bolso de relógios, radinhos e outras bugigangas. Lourival, não sendo diferente dos paulistanos, também se preparava para a avalanche.

Certo dia desses, conseguiu algumas dúzias de relógios, radinhos, anéis e – com tremendo olho gordo – viu caindo uma caixa bem grande. Largou tudo e foi em direção à tal caixa. Dentro dela tinha de tudo: lixo, papel higiênico usado...

Perdeu tudo que tinha apanhado. Saiu de lá todo borrado e, ao voltar de ônibus para casa, em Cubatão, ainda escutou do motorista, ao descer:

- Moço, tomar um banho de vez em quando, é muito bom!!!

Não me envolva

Na época do governo militar, logo após o estouro da revolução de

1964, encheram a Cosipa de militares reformados, no intuito de se infiltrarem entre os operários e descobrirem os pseudo-comunistas.

Barral era soldador chefe e, vendo um desses indivíduos se encaminhar ao seu setor, ordenou ao seu ajudante:

- Rochinha... mostra a casa pra ele, você já sabe das “coordenadas”...

Rocha levou o moço para os piores lugares da Cosipa, inclusive fazendo ele se molhar, pegar chuva, pisar em barro, sujar-se de graxa etc.

Depois de perceber a má intenção do Zé Rocha, o “espião” alertou:

- Moço, fica na tua, nós estamos de olho é no Barral.

Dáí em diante, Rochinha, muito esperto, só levou o cara para os lugares da elite cosipana, e até ao refeitório, para servir-lhe um cafezinho..

Não parou... quebrou

Por indicação do seu amigo Juca Torres, José Cuqui, o *Quita*, foi fichado na Fábrica de Fertilizantes de Cubatão (Fafer), na época de sua construção. Sem profissão definida, *Quita* foi colocado como ajudante de encanador.

Certo dia, ajudando o encanador oficial a transportar, apoiando nos ombros, um tubo galvanizado de seis metros por três polegadas de diâmetro, de cinco em cinco minutos, dizendo-se cansado, pedia para o encanador parar para descansar. O encanador, tendo pressa em executar o serviço, não parava.

No terceiro pedido do *Quita* não atendido, ele largou o tubo no chão, provocando a fratura da clavícula do seu colega de trabalho.

Foi despedido na hora.

Não pula não, moço

Na reforma da piscina do Centro Esportivo, o chefe de Segurança da Prefeitura era o Celestino Ribeiro. Por causa de uma lesão na coluna, Celestino só conseguia andar curvado, pois levantando o corno lhe doía muito, o que fazia com que ele voltasse a se curvar novamente.

Avisado pelo Renato, sobre uma inspeção das obras, encontrou-se na beira da piscina com o prefeito Passarelli, o engenheiro Mesquita e o secretário *Pedraõ*. Chegando perto da beirada, curvado como sempre, o segurança escutou do pedreiro que estava dentro da piscina:

- Não pula não, moço... a piscina está sem água...

Num tô nem aí...

Quando trabalhou como encarregado da Norton Engenharia, Vanderlei Barreto, o *Corruíra*, tinha um Opala novo que o levava para todos os lados da Baixada. Só que o Vanderlei, relaxado, não tinha tirado ainda a Carteira de Habilitação, dirigindo então totalmente irregular.

Certo dia, bebendo com seus amigos Alfredo Portela e seu irmão Aldomiro (*Manau*) na Mercearia Cruzeiro, em Santos, aconteceu o maior acidente com o Opala do *Corruíra*. Um caminhão, perdendo o controle, arrebentou com o carro, dando o maior prejuízo.

Totalmente irregular, Vanderlei Barreto resolveu logo o assunto, dirigindo-se ao dono do caminhão:

- Tudo bem, você fica com o seu prejuízo e eu fico com o meu...

No dia seguinte, *Corruíra* comprou um carro, mais novo ainda.

O assessor esfomeado

Na eleição de outubro de 2004, Fernando Cesar Neves Esteves trabalhava na assessoria de um candidato. Deixou o Estevão respondendo pelo setor e foi buscar lanches para os dois, pois já era hora do almoço. Parando na casa da Catarina para algumas instruções, foi convidado para almoçar.

Estava na mesa do almoço um caprichado estrogonofe de camarão, abrindo o apetite do Fernandão. Sem cerimônias, comeu bastante e ainda repetiu.

Quando chegou na sede do partido com os dois lanches, passou um para o Estevão e, sem constrangimento algum, passou na cara o outro lanche, apesar de já ter almoçado – e muito bem.

O barbeiro que esquecia

No salão do Armando Milone, na Fabril, seu parceiro de tesoura nas horas vagas era o Francisco Tavares (*Chico Paraíba*). Fazia aquilo por esporte, quase sem necessidade. Em função disso, não levava muito a sério o que fazia.

Certa vez, ao cortar a barba do Sebastião Cafunga, deixou-o todo ensaboado e foi até o bar ao lado, tomar um cafezinho. No bar do Toledo estavam três amigos seus, tentando parceria pra jogar truco. Chico Paraíba logo se ofereceu, esquecendo que havia deixado um freguês esperando na cadeira.

- TRUCO... SAFADO... gritou Seo Chico.

- Safado é você, que tá me fazendo de bobo, gritou o Cafunga lá do salão.

Tirou a espuma e foi cortar a barba em casa.

O bilhete falso

Trabalhavam no Banco Itaú, como gerente, Marinuzzi, um cara bacana, que tinha como subgerente um outro cara bacana, o Antonio Diniz.

Toninho Diniz, hoje diretor-presidente do Grupo Terracom, era um tremendo gozador, criador dos testes “pegadinhas” para os novos funcionários do banco, entre outros aprontos.

Certo dia, em São Vicente, notou no estacionamento da Praia do Itararé o carro do Mário, mal estacionado. Pensou logo em aprontar pra cima de seu colega do banco. Pegou um papel e escreveu um bilhete assim:

“Mário, segui você até aqui, em casa a gente conversa.

Terezinha”

Terezinha era a esposa do Mário, uma senhora muito bacana também.

Era normal naquela época, nas construções dos prédios dos bancos, fazerem residências em cima da agência bancária, para moradia dos funcionários. Gerente morava no apartamento 01 e o subgerente no apto. 02.

À noite, quando Toninho foi para a área de serviço, notou o Mário, lá embaixo, no Bar do Lima, totalmente calado, situação nada compatível com seu jeito brincalhão. Lembrou na hora a brincadeira do bilhete e sentiu que a atitude do gerente era de preocupação.

Para aumentar mais sua brincadeira, ficou quieto, olhando e rindo da situação. Não era normal o gerente fora de casa até aquela hora,

Mais ou menos dez horas da noite, Mário resolveu voltar pra casa e enfrentar a bronca, que ele pensava que iria existir. Subiu, foi direto para a área de serviço e comentou com o Toninho:

- Tô esperando a bronca da Dona Terezinha...!!!

Para acabar logo com o sofrimento do colega, Toninho se abriu e contou:

- Mário, aquele bilhete, fui eu que escrevi, seu bobo... !!!!

A alegria foi tão grande que Mário Marinuzzi pulou de sua área, correndo o risco de cair e se ferir, e se jogou em cima do Toninho, abraçando e agradecendo pela notícia. Para não voltar mais pela sacada da área de serviço, Marinuzzi saiu pela porta do apartamento do Toninho e tocou a campainha no seu, e assim complicou mais ainda sua situação:

- Pai – disse uma de suas filhas -, o senhor entrou agora por esta porta e volta pela mesma porta, como pode ser isso?

O bispo... era outro...

Ademir Rocha da Silva, recém contratado como motorista da Câmara Municipal, recebeu o aviso para procurar cedo sua parte-diária, para conferir e executar o serviço a ele destinado. Chegou cedo à Câmara, pegou do vigilante a parte-diária, onde constava:

“Levar o bispo no Hospital da Beneficência em São Paulo para exames”.

João Bispo, um militante político cubatense, havia conseguido autorização do presidente da Câmara para levá-lo ao hospital citado.

Ademir, por falta de prática – era novo no serviço -, pegou a parte-diária e se mandou para a Cúria em Santos, onde morava o bispo Dom David Picão.

O padre que o recebeu não estava entendendo nada: o bispo, Dom David, não estava doente e não tinha nenhuma consulta marcada em São Paulo... Em Cubatão, o político Bispo já havia ligado para a Câmara umas dez vezes, perguntando pelo carro que ia levá-lo a São Paulo.

Após uma advertência verbal, o Ademir nunca mais cumpriu parte

diária sem perguntar direito para o Zé Lemes, que era realmente seu acompanhante.

Para piorar... Dom David Picão já tinha ligado para a Câmara, tentando entender por que um carro da Câmara de Cubatão queria levá-lo a um hospital, sem que ele estivesse doente.

O caçador de cabras

Quando José Joaquim de Jesus veio da terrinha, junto com sua jovem esposa Graça Viana, passaram por sérios problemas, desempregados em Cubatão. Até que o prefeito José Rodrigues Lopes reconheceu o valor do José, empregando-o na Prefeitura.

Seu primeiro setor de trabalho foi no canil. Como o quadro de caçadores de cães já estava completo, José Joaquim foi encarregado de caçar algumas cabras soltas pela cidade. Na primeira caçada, saiu-se bem; na segunda, também; mas na terceira levou a maior chifrada de um bode velho, que não se conformava de ver sua cabritinha presa.

Hoje, aposentado da Prefeitura, trabalha na Terracom e é mais conhecido como o Zé das Cabras...

O candidato pão-duro

Em 1960, Lauro Picado, um tremendo pão-duro, resolveu se candidatar a vereador. Recebeu como incentivo o apoio de seu pai Raul Picado, muito mais pão-duro que o filho.

A propaganda eleitoral era feita com cal, com os cabos eleitorais pintando os muros e postes da cidade com o nome do candidato.

Certa noite, Lauro pediu ao Paiva, Oldemar e o Zé da Burra para

ajudarem na campanha, com a promessa de um lanche no final do serviço. Ficou certo que iriam no 'fusca' do Seo Raul, porém foram a pé porque o carro foi negado por economia de gasolina. Pelas 22 horas, Lauro cancelou o lanche, alegando falta de dinheiro.

Com raiva, Paiva e o Zé jogaram no bueiro a única lata de cal que tinham à disposição. No dia da eleição, no final da votação, foram todos à casa do Seu Picado para comentar sobre a votação.

O pai do candidato, todo alegre, dizia:

- Graças a Deus, afinal tenho um filho 'vereadore'!!!

Só alegria, comemoração... nada...

Para eleger-se, eram necessários 180 votos mais ou menos. Lauro só teve vinte e sete.

O carioca que não é Raul

Um dos donos da Padaria Santa Isabel, o Abel, muitas vezes não pensa pra falar coisas que não deve. Ao deparar com o Rubens, o *Carioca*, freguesão da padaria, Abel falou alto, pra todo mundo ouvir:

- Ô gajo, tá na hora de pagares a conta que me debes.

Carioca, assustado e também envergonhado, contestou o português:

- Não te devo nada, cara...

- Mas tu não és o Raul???

- Não... sou o Rubens, o *Carioca*...

Ao perceber a mancada, Abel deveria se desculpar, o que não fez, deixando o *Carioca* bravo. Ele achou melhor nunca mais entrar na padaria quando o Abel está na direção.

O casamento que não houve

Certo dia, Deusdeth de Almeida, motorista do D.E.R., conheceu a tia do Orlando Padovani, uma loira muito bonita. Foi paixão à primeira vista.

Daí em diante, passou a chamar o Padovani de sobrinho. Era sobrinho pra cá, sobrinho pra lá, até que a tia do Orlando veio visitá-lo em Cubatão. Por coincidência, Deusdeth foi dar um recado na casa do Padovani naquele dia. Padovani, muito gozador, aprontou:

- Tia Iraci, vem cá, quero lhe apresentar um apaixonado por você...

Deusdeth saiu correndo, tropeçou no tapete, levou o maior tombo na escada. Para desgosto do Padovani, não deu casamento.

O chefe enfumaçado

No escritório central do Departamento de Estradas de Rodagem (DER) em Cubatão, Mário Cardozo chegava cedo, ia direto para o banheiro, levando a *Gazeta Esportiva* e, sentado no trono, lia o jornal inteiro.

Bronqueado, Padovani fez um rastilho de pólvora que entrava pelo WC, provocando um festival de fumaça que seria uma lição para o Marinho.

Ao sinal de positivo do Maneco Rebouças, *Padô* acendeu a pólvora, provocando quase um incêndio pelo exagero no produto. De dentro do W.C. saiu o engenheiro Manequinho, chefe geral da unidade, bravo, tossindo, procurando saber o autor da brincadeira.

Mais tarde, Padovani ficou sabendo - pelo próprio Marinho - que o sinal do Rebouças fora propositadamente enganoso...

O Comercial entrou numa fria

Para a final do campeonato de futebol da Liga Cubatense em 1959, entre o Comercial e o E. C. Cubatão, foram convocados à sede da Liga os dois presidentes dos clubes, Paulo de Souza Nogueira pelo Comercial e Aristides Lopes dos Santos, o *Dinho*, pelo Cubatão.

A reunião tinha por finalidade o sorteio do juiz, para não haver dúvidas quanto à honestidade na decisão da partida. Antes do sorteio, Dinho pegou o papel com o nome do juiz de sua preferência, o Ademar Otero Neves, conhecido verde-e-branco fanático, e tacou no congelador da geladeira da cozinha.

Na hora do sorteio, ficou fácil. A secretária da liga, outra *cubatense* doente, já orientada, puxou da sacola o papel gelado, sendo então “sorteado” o Ademar.

Na hora da partida, em quinze minutos de jogo, o juiz escolhido expulsou o Simplício do Comercial, o goleador do time. Após outras *gafes* do juiz em favor da equipe adversária, Paulinho entrou em campo e retirou seu time, dando assim o título de campeão ao E. C. Cubatão, para a alegria de *Dinho*, seu presidente.

O desafio do carateca

Todo japonês sabe e gosta muito de caratê. Tokunori José Nakajo não poderia ser diferente. Carteava para o Moacir, que sabia tudo desse esporte. Apostou com o Moacir 50 cruzeiros, que era capaz de levantar o pé na parede acima de um metro e meio. *Moaça* casou os 50 cruzeiros em dinheiro e Zé Nakajo, não tendo o dinheiro na hora, emitiu um cheque no valor da aposta.

O local do desafio era o Bar do Nilson e, na hora de provar sua ca-

pacidade, Zé gritou:

- YAAAHHHHH...

Não conseguiu atingir nem um metro e, por azar, caiu de bunda no chão.

Moacir não descontou o cheque. Porém, pra servir de lição, só devolveu o cheque vinte anos depois.

O desafio... do século 20

Pensando estar ainda na Idade Média, o engenheiro Alberto Pinto Aguiar, em uma violenta discussão com seu colega engenheiro Carlan, desafiou-o para um duelo. Dentro dos conformes, foram escolhidos para padrinhos o engenheiro Jairo Martins e Pedrão, que aceitaram de imediato e já escolheram o local. Seria nos trilhos da antiga Estrada de Ferro Santos-Jundiaí (EFSJ), local quase deserto na época.

No dia e hora marcados, estavam no local os padrinhos mais o desafiante, só não comparecendo o desafiado, que não estava com vontade de perder tempo.

O Aguiar, para provar que levou o assunto a sério, mostrou aos padrinhos sua garrucha, somente com uma bala, a única que conseguiu ser carregada, de tanta ferrugem que tinha a arma.

O drama que virou comédia

Era muito comum, a apresentação, na sede do Comercial na Fabril, do Teatro Mambembe do palhaço Zé Garrafa. Por sugestão de amigos, Zé incluiu no elenco dramático do grupo Seo Nenê, porteiro da Cia. Santista, que já havia trabalhado em circo.

Na peça teatral, Seo Nenê fazia o papel do “Ricardão” que, sur-

preendido pelo marido traído, leva um “tiro” bem no coração. Seo Nenê enxergava pouco, em virtude de seu estrabismo, porém como galã se apresentou sem seus óculos, para melhor aparência. Na hora do “tiro”, o nosso galã saiu cambaleando sem nada enxergar. Pensando estar agarrando as cortinas, acabou se pendurando no cenário de papel que, despencando, jogou o velho ator para fora do palco, estatelando-o no chão.

Era um drama, que acabou virando comédia. Nunca mais chamaram o porteiro para papel nenhum em peça teatral.

O ferro despertador

Armando Silva, vigilante da Cosipa, em seu plantão noturno, segurava com a maior dificuldade sua vontade de puxar o ronco. Após muito sofrimento, pegou uma barra de ferro e bolou uma maneira de dormir e acordar de vez em quando para a ronda no seu setor. Sentava em uma poltrona, colocava a barra de ferro no colo, pegava no sono e, ao tombar, o ferro caía no chão, provocando um tremendo barulho, que o acordava.

Seus colegas, percebendo a trama do vigilante, tiravam a barra de ferro e Armando só acordava na hora da saída.

Uma vez, foi pego pelo seu chefe, tomou um “gancho” de três dias, pediu transferência de setor e nunca mais usou barra de ferro em seu turno de vigilância.

O festival da farofa

Viajando a serviço de uma contabilidade, José Rocha foi a São Paulo, mais precisamente à Junta Comercial. Na hora do almoço, foi ao Restaurante Leão D’Oídio, na Avenida São João, muito conhecido pela

rapidez no atendimento. Pediu filé com farofa e fritas.

A farofa estava uma delícia, as batatinhas também, mas o bife era uma sola de sapato (dos antigos).

Ao forçar a faca para cortar a carne, forçou tanto que espalhou arroz e farofa para todo o canto, atingindo um senhor engravatado ao seu lado.

- Desculpe, senhor!!!

O senhor não só não desculpou, como fez uma tremenda cara feia. Rochinha perdeu a fome, pagou a conta mesmo sem comer e se mandou.

O flanelinha de luxo

Com a missão de fechar uma compra de agasalhos para o setor de Esportes da Prefeitura, seguiram para Santos quatro dos mais altos funcionários da Gerência de Esportes: Leo, Miltão, Márcio e Carlos Alberto Felix da Silva, mais conhecido como *Bacalhau*.

A loja de artigos esportivos Fernan ficava na Avenida Washington Luiz, perto de um famoso restaurante, que também ficava perto de uma casa um tanto suspeita, toda enfeitada com flores, panos cor-de-rosa, ostentando um símbolo em forma de uma luz vermelha.

Terminada a reunião, foram todos para o restaurante almoçar, encontrando lá dentro, lógico, as vizinhas em trajes típicos todos transparentes, algumas mais assanhadas que as outras. *Bacalhau* se recusou a entrar, dizendo-se um homem direito, respeitador, e que jamais iria almoçar num ambiente daqueles.

Ficou mais de três horas, do lado de fora, no estacionamento, tomando conta do carro.

O fura-greve

O desenhista de Obras Particulares da Prefeitura, Mário Sérgio, tinha a maior paixão por andar de ônibus. A viagem de uma hora, dentro do ônibus, dava-lhe o maior prazer. Fazia isso diariamente, por muito tempo.

Por ocasião de uma greve nos transportes urbanos, Mário perdia a hora por falta de condução. O engenheiro Lamartine, em seu tradicional *boogie*, ao avistar o Mário no ponto de ônibus, sempre lhe dava carona.

Certo dia, Lamartine, avistando o Mário no ponto, parou, abriu a porta, quando escutou:

- Você é burro... não vê que a greve já acabou...

Alguns dias depois, com nova greve, Mário, ao avistar o engenheiro, esticou o braço, pedindo carona:

- Por favor, estou atrasado.

Lamartine parou o carro e gritou:

- Burro é você... e se mandou.

O furo da bota

Em visita à sede do deputado Herbert Levy em São Paulo, no intuito de pedir apoio para um candidato a prefeito de Cubatão, foram Armando Campinas, Agenor da Cota 200 e o vereador Manoel Ubirajara Pinheiro Machado.

Sentados na sala de espera, Armando reparou que a bota do pé direito do *Bira* estava toda despregada, mostrando a meia que já estava totalmente suja.

- *Bira*... olha o estado da tua bota, dá uma arrumada...

O vereador, na maior tranquilidade, enfiou a meia pra dentro e ten-

tou apertar o couro levantado da sua bota.

Dentro da sala do deputado, outro aviso:

- *Bira*, a meia saiu de novo...

Para espanto do Armando, *Bira*, na maior tranquilidade, puxou pelo buraco a meia inteira pra fora e tacou no bolso do paletó.

Ele não ficou sem meia, porque tinha outra, de uma cor totalmente diferente, dentro da bota!!!

O furo do projeto

Quando eu cursava a Faculdade de Direito da Unisantos, reparei em um cartaz na parede sobre o Projeto Rondon, que escolhia voluntários dentre os cursos para um serviço de benemerência junto às cidades carentes do Nordeste, às vezes do país inteiro. Era uma viagem totalmente grátis, para conhecer algum estado brasileiro.

Me falaram que os estudantes de Direito iriam para uma cidade de praia no estado do Ceará. Fiz minha inscrição para duas semanas de “passeio” nas praias do Nordeste. Depois do curso preparatório, veio a surpresa:

- Atenção... os estudantes de Direito, excepcionalmente este ano, não vão para o Nordeste, e sim para a cidade de Cubatão.

Quebrei a cara, Cubatão eu já conhecia há 40 anos.

O fuscão preto é mais garantido

Certo dia de 1994, na praça da frente do Paço Municipal, mais ou menos 16h45, estacionou uma senhora limusine branca. O prefeito Passarelli pensou que a visita seria para ele, devido à imponência do veículo. Desceu do carrão

o engenheiro Marcos Cezar Costa, mais os filhos Alex, Cris, Bia e Sandra.

Era o dia da aposentadoria de sua esposa Ilda, e Marcos, cheio da grana, gastou R\$ 350,00 para essa surpresa. Ilda se atrasou devido à festa organizada por seus colegas do setor, encomendada ao Restaurante Primor e elaborada por Dona Edmeia, esposa do Braz. Por motivo do atraso, o preço da limusine foi aumentando, pois era cobrada por hora.

Terminada a festa, Ilda, toda emocionada, dirigiu-se com os filhos para o auto, que mais parecia uma carruagem dos contos de fadas.

A emoção acabou logo, pois o carrão, na altura da Vila Nova, engasgou, enguiçou, parou e não funcionou mais. Marquinhos teve que pegar seu *fusão* 82, pra poder chegar à sua casa.

Mas valeu. Foi uma homenagem emocionante.

O cago que não é chapo

No quintal do Seo Salvador Cascardi, na Fabril, era mantido dentro de um tanque um cágado, da família das tartarugas. Seus netos Elcy e Jorge, então com três anos de idade, iam todos os dias brincar na casa do avô, sob os cuidados da avó Maria.

O Jorge já conhecia o bicho, só que o Elcy ainda não. Ao pegar uma bola chutada pelo primo, Elcy levou o maior susto:

- Jorge, aqui tem um “*chapo*” grandão...

- Não é “*chapo*”, seu bobo, é um “*cago*”!

O garçom elegante (ou: O elegante garçom da CVN)

Em 1976, por ocasião da visita a Cubatão do presidente Geisel,

após encerradas as solenidades, foi servido no Centro Esportivo Castelo Branco um coquetel para todas as autoridades presentes.

O *'buffet'* foi organizado pela Churrascaria Vila Nova, sob o comando do garçom Expedito. Uma das exigências do protocolo seria que o garçom, além de bem vestido, deveria também usar luvas, de preferência brancas.

Amintas, o outro garçom, estava muito bem vestido, só não tinha as luvas. Por sorte, Ana Paula de Oliveira estava presente e emprestou suas luvas (de mulher, lógico), para que o garçom completasse sua vestimenta. Lá foi o Amintas, meio envergonhado, porém com toda elegância, servir os convidados, vestindo as luvas da Paulinha.

O guarda-chuva muito pesado

Trabalhava na portaria da Santista de Papel o Benedito Conceição da Silva, mais conhecido por Seu Nenê, carismático, muito querido pelos moradores da Fabril. Convidado para o casamento do Alfredo Portela com a Arminda, participou da festa em companhia de seu amigo Celso Neves Pereira.

Em virtude do tempo chuvoso, Seo Nenê levou seu guarda-chuva, colocando-o no local apropriado. Celso, por brincadeira, foi colocando todos os talheres que podia dentro do guarda-chuva do amigo. No fim da festa, ao despedir-se do pai da noiva e abrir o guarda-chuva, passou a maior vergonha da vida. Despencou da peça uma dúzia de facas, colheres, garfos da coleção da mãe da noiva.

- A gente convida as pessoas, e esses marotos querem nos *'roubair'*!!! – reclamou o Manuel da Silva Saragoça, pai da noiva.

O honesto de Cubatão

Trabalhava na Cia. Santista de Papel, como mensageiro, Fernando Ferreira Pereira, um dos portugueses-cubatenses mais honestos da cidade. Seu serviço era viajar a São Paulo diariamente, levando documentos para o escritório central e trazendo os de lá para a fábrica.

Certo dia, em uma sexta-feira, recebeu como encomenda do Paulo Preto comprar em uma casa lotérica um bilhete da Loteria Federal para o dia seguinte. Comprou o bilhete encomendado e, por superstição, resolveu comprar mais um. Separou os bilhetes em dois envelopes, colocando os nomes para identificação.

Um dos bilhetes deu na cabeça, em primeiro prêmio, uma grana violenta para aquela época. Só que o bilhete premiado estava no envelope do Paulo.

Sua primeira providência foi avisar o feliz contemplado da novidade.

Acontece que Paulo Preto havia viajado como ajudante da carreta para o Rio de Janeiro, para entrega de papel.

Na terça-feira seguinte, com o retorno da carreta, a primeira providência do Fernando foi entregar ao Paulo o bilhete premiado.

Tão contente o felizardo ficou que esqueceu até do tradicional 'agradecimento'. Não pagou e nem 'obrigado falou.

Foi uma das maiores provas de honestidade que aconteceu em Cubatão.

O juiz inventor

Escalado pelo diretor de árbitros da Liga de Futebol Amador de Cubatão, Nelson Reis, o juiz de futebol Antonio Guilherme – sempre

olhado como *estrela* – se preparou para atuar na partida pelo campeonato entre E. C. Vila Bandeirantes e o Comercial Santista F. C.

Começou o jogo sempre reclamando da falta de policiamento para apitar com segurança. Mário Braga, presidente da Liga, garantiu que providenciaria os PMs tão solicitados pelo árbitro, e chegou com cinco policiais no fim do primeiro tempo, quando o resultado estava 1 x 0 para o Bandeirantes. O Comercial conseguiu marcar um gol no segundo tempo, empatando o jogo, mantendo-o vivo no campeonato.

Para surpresa geral, e mais ainda do presidente do Bandeirantes, Armando do Nascimento Reis, no relatório estava escrito: "Por falta de segurança, o primeiro tempo foi por mim considerado amistoso".

Com esse relatório, simplesmente o Comercial, ao fazer um gol no segundo tempo, passou a ser o vencedor da partida, eliminando as chances do Bandeirantes brigar pelo título. Através de recurso à federação, Armando conseguiu apagar essa aberração relatorial, e o resultado do jogo, para alegria de todos, ficou sendo empate de 1 x 1.

Antonio Guilherme, o juiz inventor, nunca mais apitou.

O lutador desconhecido

O lutador oficial de boxe em Cubatão era o Deusdeth de Almeida, motorista do Departamento de Estradas de Rodagem (D.E.R.). A cidade não conhecia outro, nem mesmo o próprio Deusdeth.

Certo dia, no pátio do D.E.R., Paul Reis, sem querer, pisou no pé do lutador. Deusdeth, bravo, não aceitou desculpas e, no melhor estilo das antigas, desafiou o moço para um duelo no ringue de boxe armado na Praça Princesa Isabel.

ó que o Paulo treinava boxe há muito tempo em uma academia em

São Paulo, fato que os cubatenses desconheciam.

Deusdeth de Almeida levou a maior surra da sua vida esportiva.

O manco vendedor que não se manca

O Ubirajara, antes de ser vereador e assessor da Prefeitura, era funcionário da Refinaria e, nas horas vagas, *Bira* era vendedor de livros – tão chato que acabava convencendo seus amigos a comprarem seus produtos, para se livrarem do incômodo.

O casamento do Carlos Alberto Rocha e da Cleide foi no sábado e, na segunda-feira, 23 horas, toa a campainha do apartamento do casal, ainda em plena lua de mel. Era o *Bira* oferecendo livros de receitas culinárias.

Compra não compra, vende não vende, o *Bira* só foi embora às 2 horas da madrugada, deixando os recém-casados na maior bronca... é claro!!!

O medroso assustando outro

José Rocha vinha a pé pela Rua Maranhão, na maior escuridão, com um medo danado para atravessar a Avenida Henry Borden. Pra fugir do medo, saiu correndo para sair o mais rápido possível da escuridão.

Na sua frente estava uma pessoa mais medrosa que ele. Quando o sujeito viu o Rochinha correr, saiu correndo também. Só que o Rochinha foi mais rápido e alcançou o desconhecido.

- Não vem não... Eu to duro, não tenho dinheiro...

- Não sou assaltante não, só corri porque estava com medo, e vi que você estava correndo.

Depois ficaram amigos.

O medroso da Cosipa

Encarregado da manutenção dos motores dos exaustores da Cosipa, Zé Eletricista o fazia diariamente. Porém, medroso como ele era, tinha todo o cuidado, assustando-se com o simples voo de uma mosca.

Dois colegas seus, por gozação, vestindo sacos de estopa, esperaram o Zé descer para o subterrâneo e, pulando e aos gritos, deram o maior susto no eletricista.

O que não era esperado é que o moço desmaiou, só acordando no ambulatório médico, branco, com a pressão alterada. Rochinha, seu colega, preocupado, perguntou:

- Tá melhor, Zé?

A resposta era sempre a mesma.

- É o bicho... é o bicho... é o bicho...

Traumatizado, foi internado em um hospital por algum tempo.

O melhor remédio

Depois de muito conselho, Severino Amaro da Silva (*Ximbica*) parou de beber cachaça. Alegou mais tarde que sentia-se melhor e que a pinga não lhe fazia falta alguma.

Um ano depois, totalmente recuperado, sentiu uma tremenda dor de dente, que lhe dava desespero. Moacir, para preservar o amigo, dizia:

- Toma Melhoral, pô...

Mas ensinaram ao *Ximbica* que pinga colocada em cima do dente doente aliviava a dor. *Ximba* pediu no Bar do Nilson dois copos de pinga, um para cada lado da boca, dizendo não ter certeza qual era o dente que doía.

A dor de dente não passou, porém *Ximbica*, daí em diante, voltou a saborear uma pinguinha.

O milagre do Zito

Excelente ator, José Augusto Silvério (*Zito*), residindo atualmente em Caconde, interior de São Paulo -, anualmente, na Sexta-Feira Santa, estava em Cubatão para participar da peça *Paixão de Cristo* do Cotac, no papel de Jesus Cristo.

Certa vez, participando de uma entrevista à FM Cidade, no programa do Aguinaldo Araújo, junto com Ramiro Lopes, falando com devoção, foi ouvido na Via Anchieta por um desconhecido em sua carreta com carga para o porto de Santos.

O motorista - que não conseguia livrar-se do seu maldito vício da bebida -, ao ouvir o Zito falando tão bem da Bíblia, interpretando os ensinamentos de Jesus, ficou emocionado. Parou o caminhão, desceu da boleia, ajoelhou-se e prometeu nunca mais beber.

Ligando depois para a rádio, fez questão de relatar ao pastor Benito que - ouvindo aquele programa - conseguiu o milagre de nunca mais beber.

O mineirinho... era mineirão

Na Cosipa, no setor onde trabalhava o José Rocha, o *Rochinha*, seu colega de trabalho Valdemar não era exemplo de funcionário. Então, frequentemente era chamado pelo novo chefe, recentemente escalado, cujo apelido era *Mineirinho*. Só que o Valdemar não dava a mínima bola para a convocação do chefe *Mineirinho*.

Após ser intimado durante a semana por mais de cinco vezes, resolveu

atender ao chamamento do chefe. Se encheu de coragem:

- Vou lá e vou dar um pau nesse *Mineirinho*...

Ao abrir a porta, um cara de quase dois metros de altura, quase 120 quilos e cara de poucos amigos, convidou:

- Entra, Valdemar... prazer, eu sou o novo chefe... o *Mineirinho*.

O moralista azarado

Em um jogo do Comercial Santista da Fabril, contra o Flamengo F. C. do Macuco, em Santos, o vestiário era dentro da residência do caseiro do clube. No quintal, tinha um pé de carambola carregado e, por desconfiar dos atletas cubatenses, o caseiro pediu:

- Por favor, não tirem nenhuma fruta, é para meus filhos...

De nada adiantou o pedido, Santiago e Mário Cascardi logo avançaram no pé das carambolas. Piolim, lateral direito, muito moralista, repreendia com bastante energia os seus colegas gatunos. A cada roubo, lá vinha Piolim, bravo, com sua lição de moral a seus colegas.

Terminado o jogo, todos foram convidados para a sede social do clube, para um coquetel. Achando sua sacola muito pesada, Piolim, totalmente inocente, foi conferir o porque daquele peso todo. Da sacola, que deveria conter somente material esportivo, despencou uma quantidade enorme de carambolas, espalhando pelo salão, chamando a atenção de todo mundo, inclusive do caseiro.

Envergonhado, Piolim pediu demissão do Comercial, indo jogar pelo Clube Atlético Usina de Cubatão, como prova de revolta.

O motivo da gravidez

Quando em 2007 substituí o Antonio Jorge, na presidência do Círculo

de Amigos do Menor Patrulheiro (Camp), um certo dia, após o almoço, conversando com a Cida Batista,- no momento, no lugar do Giovani -, recebemos de uma forma assustada, na sala da gerência, a Silvânia Abreu, junto com a psicóloga Janine Casali, na época grávida de oito meses mais ou menos.

O motivo era para autorizar o motorista Nasareno a levar a Janine ao hospital, por não estar passando bem, em função do seu estado de gestante, naturalmente. O almoço naquele dia foi peixe, talvez indigesto para a pessoa grávida.

Em um momento de “espírito de porco”, me deu um estalo e perguntei:

- Janine... Tu tá passando mal, porquê??? Foi comida...???

Silvania gritou no ato, gargalhando:

- FOI !!!

Risada geral, por parte das colegas Val, Kamilla, Viviane, Thamires e outras mais que estavam ali no pedaço, incluindo a gerente Cida, que por sinal era a que mais dava risada...

Para aumentar mais ainda o momento de risadas, Janine, totalmente “desligada”, respondeu:

- Não... seu Arlindo, é por causa da gravidez mesmo... !!!

Socorrida em tempo (ainda bem!), não foi nada grave.. um mês depois nasceu Matheus, para alegria dos pais. Um garoto lindo e sadio, que tem hoje 10 anos, mais ou menos.

O noivo perdido

O funcionário Darcy, do velório municipal, passou o maior constrangimento no dia do seu casamento. Na cerimônia anterior, marcada para as 18 horas, a noiva já estava no altar, quem não estava

era o noivo. É que o moço era de outra cidade e não conhecia o local onde ficava a igreja, local de seu casamento.

Darcy e Claudete foram então chamados para antecipar a cerimônia, que estava marcada para 18:30.

Após a *Marcha Nupcial*, o noivo perdido apareceu e, todo esbaforido, reclamou ao padre que o casamento era o céu.

Darcy e Claudete tiveram que sair do altar e voltar depois, começando tudo de novo, para poderem ser felizes para sempre.

O novo V-8 do Chico Cunha

Em uma quermesse da Festa de São Lázaro, na Raiz da Serra, Manoel Campinas e Chico Cunha, já embalados por alguns muitos copos de vinho, disputaram no leilão quem vestiria uma calçola de rendinha (V-8), moda daquela época.

Lance vai, lance vem, Manoel Campinas venceu a parada e obrigou o Chico Cunha a vestir, totalmente envergonhado, a peça de roupa, no palco diante de enorme público que frequentava a festa.

Chico cunha se ausentou da tradicional festa, naquele fim de semana.

O novo velho

Um grupo de cubatenses foi pescar à noite na praia do Perequê, e levaram o Antonio Costa Novo. Não era o dia do Costa, levou uma trombada de uma forte onda, caindo dentro da rede, se enroscando todo. Quase morreu afogado, pois seus companheiros não perceberam, em função da escuridão da noite.

Acabando a pescaria, foram participar de uma caranguejada e o Novo comeu tanto, que não suportou o “dia seguinte”. Virou rei, de tanto que sentava no trono. Nunca mais comeu caranguejo – e nunca mais foi pescar.

O pagamento no feriado

Após três meses de salários atrasados – algo muito comum no D.E.R. naquela época -, Orlando Padovani bateu um ofício direto ao governador Jânio Quadros, protestando sobre a falta de vergonha do diretor da Secretaria de Obras, no tocante aos salários atrasados.

Jânio, austero como sempre, ordenou ao secretário de Obras que o pagamento fosse efetuado em 24 horas e já exonerou o diretor-tesoureiro dr. Rossi, somente para dar exemplo. Só que era dia 8 de abril, e 24 horas após acontecia exatamente o dia 9 de abril, feriado em Cubatão.

O tesoureiro, o pagador e os funcionários da Tesouraria moravam em Santos e já estavam todos na praia, se divertindo. Tiveram que vir a Cubatão, putos da vida, e cumprir a ordem do governador.

Não sem antes ameaçarem o *Padô*, que foi logo identificado.

O “pânico” da cliente em pane

Certo dia, um grande alvoroço na agência Cubatão do Banco do Estado de São Paulo (Banespa). Uma cliente, desesperada, dirigiu-se à gerente Renilza:

- Moça... me ajude...
- O que foi, senhora?
- O caixa eletrônico entrou em P Â N I C O...

O patativo enganado

Alceu Amaral, chefe dos fiscais da Prefeitura por muito tempo, tinha como hábito imitar o cantor Vicente Celestino. Acabava seu trabalho, levantava e mandava ver:

- Acorda Patativa... Vem cantar!!!

Seu Jorge, muito amigo do Alceu, lhe deu de presente um coelho de raça para este levar para seu sítio e iniciar a maior criação de coelhos da cidade. Alceu encarregou seus subordinados Moacir e Zé Dantas para apanhar o coelho na casa do seu Jonas, pois no dia seguinte iria para o sítio preparar sua criação.

Zé e Moacir pegaram o bicho - muito bonito por sinal -, levaram para o bar do Luís Sola, na Praça Princesa Isabel, mataram o coelho e o prepararam. No fim do expediente, convidaram o Alceu para a tradicional cervejada de sexta-feira. Alceu comeu, bebeu, voltou a beber e comer e - já embalado - perguntou:

- Que carne é essa, tá com gosto de coelho???

- E é - respondeu Moacir - ... e é o teu coelho...

Alceu engasgou, pensou em vingança, porém preferiu ir até a porta do bar e cantar:

- Tornei-me um ébrio... na bebida busco esquecer!!!

O peladão da pelada

Quase todo dia, depois do apito final da Cia. Santista de Papel, juntavam-se alguns fabrilenses no campo do Comercial, para disputar – na base do par ou ímpar – uma *pelada* que só acabava quando anoitecia.

Aldomiro (*Manau*) e *Quelu* comandavam os times, jogo bem disputado até quase duas horas de ração. Falta no meio do campo, *Quelu* ameaçou bater e fazer o gol. *Manau*, desafiando:

- Se fizer o gol dessa distância, eu tiro toda a roupa e saio pelado do campo.

Quelu ajeitou a bola e ainda deu de lambujem:

- Se for frango do goleiro, não vale...

Batida a falta, a bola subiu e no maior capricho caiu dentro das redes.

Manau tirou a roupa e saiu peladão do campo, cumprindo a aposta.

O perde livros

Na Mercúrio Contabilidade, na década de 1970, trabalhava Roberto Nascimento dos Santos (*Mikuin*). Um de seus patrões era o Evaristo Muniz, denominado Guarda-Livros. A incumbência principal do Roberto era percorrer os clientes do escritório, recolhendo e entregando posteriormente livros de registros contábeis. Roberto, muito inteligente, porém tremendamente desligado, levava 10 livros e perdia metade. No dia seguinte, recolhia no comércio mais livros e novamente perdia alguns.

Após três meses de desaparecimento de muitos livros, Evaristo chamou o José Gouvêa, o pai do *Mikuin*, e educadamente falou:

- Zé, gosto muito do seu filho, não quero demiti-lo. Por favor, peça a ele para pedir demissão...

Demissão concretizada, hoje Roberto é empresário no ramo de pinturas e propagandas em geral, porém sua esposa Ana Luiza todo dia confere, no fim do dia, lápis, tintas e pincéis, para ver se não tem nada perdido.

O peso de uma laranja

A quitanda mais famosa de Cubatão ficava em frente à Igreja Matriz, ao lado do Bar Esporte, na Avenida Nove de Abril. Seu dono era o Seu José Joaquim Ribeiro, mais conhecido como Fuzarca.

Para abastecer seu comércio, Zé Ribeiro ia diariamente ao mercado municipal em Santos, comprar verduras, frutas etc. Era dono de um Ford Ramona 1929, cuja capacidade de carga era limitada. Trazia sempre 500 laranjas e não admitia mais que isso, apesar da insistência dos vendedores.

Certo dia, Juca Pinho, vindo do Casqueiro, deparou – na altura da hoje Vila São José – com o Fuzarca trocando um pneu traseiro de sua caminhonete. Juca ajudou seu amigo e, no dia seguinte, foi saber, na quitanda, do acontecido na véspera.

- Foram aqueles malditos moleques do setor de laranjas. Em vez de 500, colocaram na caixa 501..

O prêmio surpresa

Certo dia, Wilson Guimarães, o *Bicho*, saiu vendendo uma rifa de uma espingarda de caça novinha em folha. O vencedor da rifa foi o Avelino Ruivo.

Só que o *Bicho*, necessitando de dinheiro, vendeu a espingarda, antes até do dia marcado para o sorteio, pensando que não teria acertador.

Após muitas cobranças do Avelino, apareceu o prêmio: era uma espingarda velha, improvisada, onde o cano era amarrado com um tubo de antena de televisão.

O rabugento

Quando eu, *Manau*, Renato Cretela e o Aguinaldo de Souza (o *Pela-*

do) fomos a Mogi das Cruzes visitar o nosso amigo de infância Antonio Sídney Claro, descobrimos no nosso meio o rabugento. Após a visita, procuramos um restaurante para o almoço. Aguinaldo reclamava o tempo todo:

- Vamos comer sanduíche, é mais barato...

Continuamos procurando um restaurante e o *Pelado* insistia:

- Vamos em um *lata cheia*... é bem mais barato...

Quando achamos o Gauchão Grill, um belo restaurante, o Aguinaldo reclamou outra vez:

- Esse luxo todo, manobrista na porta, guarda uniformizado, vai ser muito caro, gente...

Nós três pedimos cerveja, o *Pelado* pediu vinho, e importado ainda por cima. Como o sistema era de rodízio, nenhuma carne servia para o Aguinaldo.

- Isso eu como em casa, por favor traga carne de javali.

- É questão de dar um tempo, tempos que esquentar, respondeu o garçom.

Quando a carne de javali chegou, o *Pelado* não estava na mesa, estava no bandeirão, enchendo o prato de macarrão.

- Aguinaldo, não vai provar o javali ??? – perguntou o *Manau*.

- Vou não... está muito ruim, vou comer só a sobremesa, nem o macarrão tá bom.

Após reclamar do total da conta, na saída ainda teve tempo para mais uma chiadeira:

- Olha aí: aceita cartão, nós podíamos pagar fiado.

Voltou a viagem toda reclamando:

- Eu não falei que um sanduíche era mais barato? !!!

O rei da tainha

Na construção da estrada Bertioga-São Sebastião, executada pelos

funcionários do D.E.R. de Cubatão, em um fim de semana na praia do Juquehy, o chefe Benevenuto Gonçalves organizou um “comes e bebes” para comemorar o fim de uma etapa.

Pescaram algumas tainhas e, logo em seguida, o Zé Timóteo assou três das maiores. Tainhas na mesa, preparadas para serem comidas, eis que lembraram que faltavam as bebidas. Como comer sem beber fica difícil, foram ao boteco mais perto comprar e tomar algumas, menos o Joaquim Pereira da Silva, que ficou tomando conta dos peixes.

Joaquim não gostava de pinga, porém adorava tainhas e, não resistindo, começou a comer. Quando seus companheiros voltaram, só encontraram as espinhas, não tinha mais tainha na mesa.

Hoje, o comilão é mais conhecido como “Joaquim Tainha”.

O relógio esquisito

Na antiga Companhia Siderúrgica Paulista (Cosipa, hoje Usiminas), trabalhavam em um salão enorme alguns engenheiros e um arquiteto que foi secretário de Planejamento da Prefeitura de Cubatão, o Marcus Alonso Duarte.

Como secretária da sala, atuava Dona Maria Conceição, uma senhora extremamente metódica. Tinha sua mesa toda arrumadinha, como toda mulher sabia fazer, mas um dos cacoetes da Dona Maria era de exatamente, faltando quinze minutos para o fim do expediente, ajeitar toda a sua mesa e se mandar para o relógio de ponto, para ser a primeira e conseguir um lugar melhor no ônibus fretado pela Cosipa.

Certo dia, Marcus Alonso bolou com seus colegas uma brincadeira para infernizar a vida da secretária. Em uma de suas saídas da sala, eles adiantaram o relógio que ficava na sala em uma hora. Quando Dona Maria voltou à

sala, os ponteiros marcavam exatamente 16h45. Ela reparou na hora e fez o que fazia todos os dias, se mandou para o relógio de ponto. Só que o chefe do setor passou exatamente naquela hora e chamou a atenção da moça:

- Por que a senhora vai sair mais cedo, são quatro horas ainda???

Ao mesmo tempo, a turma da sala voltou ao relógio e o acertou para o horário normal, 16 horas.

Dona Maria já se aposentou. Mas não conseguia saber como foi que aconteceu aquilo...

O roubo no rodeio

Em caravana, seguiram para Barretos, sob o comando de Lourival, alguns cubatenses: Joelma, Pedro Kalil, Eduardo, Guilherme, Leandro Katis, Osano, mais o casal Keith e *Binho*. Na praça do rodeio, lágrimas da menina Keith:

- Roubaram meu celular e minha fotográfica...

Binho, seu namorado, secou as lágrimas de seu amor e começou ele a chorar...

Alguns minutos após, Keith deu um chega pra lá no *Binho* e gritou:

- O roubo foi do meu celular e da minha fotográfica. Cale a boca, quem vai chorar sou eu...

O sem perna

O dono da banca na Praça Princesa Isabel é o Júlio Campbel Penna, o *Jacaré*. Julinho é casado com a Dona Rosana, professora da escola Júlio Conceição, e pai de três filhos que estudam na mesma escola. Cumprindo lição de casa perto do Dia dos Pais, os três alunos tinham que falar do pai e desenhá-lo.

Juliana, Mariana e Guilherme desenharam o pai sem a perna direita, o que deixou o Jacaré triste, porém orgulhoso dos filhos.

Perto da banca morava uma garotinha muito esperta, chamada Geovanna, filha do Anderson, e que tinha somente três anos de idade. Deram a ela uma bonequinha de pano que tinha braços e pernas amarrados. Com o tempo, a perna direita da boneca caiu e sumiu. Olhando com carinho e pena para a boneca, disse, dentro de sua inocência:

- Papai, a minha boneca parece filha do *Jacaré*...

O sensor e o sushi

Em uma excursão do Camp de Cubatão à cidade de Valinhos, Juçilene, na mesa do almoço, resolveu comer sushi, comida japonesa toda enfeitada. Colocou no prato todos os tipos da comida e todos os enfeites possíveis. Sem conhecer muito do Japão, Ju enfeitou mais ainda seu prato. Jogou por cima quase meio quilo de farofa.

Mais tarde, ao lavar as mãos no banheiro, não conseguiu, não saía água da torneira.

- Ju... a torneira funciona com sensor, avisou a Vivi.

- Ainda bem, eu já ia sair sem lavar as mãos...

O sergipano

Veio morar e trabalhar em Cubatão o João Bispo da Cruz, um sergipano que tinha o ofício de carpinteiro... Conseguiu um emprego na Prefeitura e foi trabalhar fora de suas funções, foi ser vigilante. Seu posto de vigilância era sempre na Praça da Independência, no Jardim Casqueiro.

Como morava na Rua Portugal, perto desse local, na hora de seu plantão levava seus filhos – Márcia, Eliane e Joãozinho – para ficarem

brincando na praça, junto com muitas crianças que ali também brincavam.

Naquela época, os vigilantes tinham ordem para portar armas, com direito a munição, lógico. Antes do João, seu posto era do vigilante Abdias, que em uma noite de loucura deu tiros em direção a uma árvore, dizendo que era só para ver se a arma funcionava. Com a denúncia dos moradores do local, o prefeito Zadir Castello Branco mandou retirar as armas de todos os vigilantes, para alívio de Dona Ivete, esposa do João...

O serviço de bordo

Apareceu certa vez na Limpeza Urbana o senhor Sebastião, de Curitiba, representante de máquinas e equipamentos para limpeza das ruas da cidade. Oferecia uma máquina de varrer sarjetas, que nos seria útil, porém logo de momento sabíamos que a Prefeitura não tinha verba para comprá-la.

Para encurtar a conversa, disse-lhe que queria ver a tal máquina para estudar a oferta. O moço pegou o telefone, ligou para a matriz em Curitiba e - com toda autoridade - mandou:

- Alô, mande o jatinho amanhã às 9 horas para a Base Aérea de Santos, que o pessoal da Prefeitura de Cubatão vai visitar a fábrica...

Lá fomos nós, eu, Jorge, Pedrinho de Sá, Aragão e o Piccoli. No lugar deste último era para ir o Santana (*Bocão*), porém este recusou o convite, gozando, dizendo que o tal jatinho deveria ser um simples teco-teco.

- Vocês vão ver a droga de avião em que vocês vão viajar!!!

No dia seguinte, 9 da manhã, estacionado na Base Aérea, estava um senhor Lear-Jet, jatinho dos maiores, superequipado, tão luxuoso pra ninguém botar defeito. Tão logo levantamos voo, foi servido um almoço caprichado, cortesia da firma. Todo mundo comeu, menos eu, que, esno-

bando, agradei, pensado em comer tudo a que tinha direito na volta.

Depois da visita, já na volta, me preparei:

- Agora como de tudo!!

Me lasquei, só foram servidos saquinhos de amendoim, salgadinhos e similares. Me lasquei pra deixar de ser besta... - pensei depois.

O soco no rosto errado

Foram ao primeiro dia de baile de Carnaval, na Associação Atlética Guimarães, o Antonio Costa Novo, sua esposa Rute, cabo Horácio e sua esposa. Após um entrevero normal em baile carnavalesco, João Cordião, irmão do Beto, deu um soco na direção de um provocador. O cara se abaixou e o soco foi direto ao olho da mulher do cabo Horácio.

Como olho roxo não é fantasia, acharam melhor se mandarem do baile, terminando nesse dia o carnaval daquele ano.

O sonho acabou

Um dos sonhos do Silvano Soares Rodrigues era participar dos Jogos Abertos do Interior. Jogava futebol, futsal e basquete. Nos Jogos Regionais de São Bernardo do Campo, teste para os Jogos Abertos, lá estava Silvano inscrito nas três modalidades.

Na sua primeira participação no futebol de campo, contra a cidade de São Caetano, estourou uma tremenda briga envolvendo dois atletas cubatenses, o Zé Carlos e o Nilton. Silvano correu para apartar a briga, funcionando como o deixadisso, quando foi confundido pelo árbitro, que o expulsou, e posteriormente foi eliminado dos Jogos, não podendo participar das outras modalidades.

O sonho foi pras cucuias...

O sorriso no lixo

Trabalha na Promoção Social da Prefeitura a Josefa Linda, moça muito educada, muito simpática, porém também muito distraída. Depois da janta em sua casa, foi escovar os dentes, como toda pessoa faz, para o bem da higiene pessoal. Após o gargarejo, jogando a água fora, totalmente distraída, jogou no lixo sua prótese, que melhorava muito seu sorriso.

No dia seguinte, ao olhar-se no espelho, notou a falta dos dentes, correu ao lixo e por sorte ainda encontrou-os.

Por pouco, seu sorriso não foi parar no caminhão da Terracom.

O tiro que saiu pela culatra

Carlos Andino, o *Calanga*, era metido a construir em casa espingarda para caçar passarinhos. Certo dia, mirou no quintal do Seo Joaquim Peralta, acertando dois patos, que morreram na hora. Puxou a tela da cerca, arrastou os patos e foi prepara-los pra comer à noite, na véspera de Natal, com alguns amigos.

Na hora da ceia, bateu à porta o Seo Peralta, dono dos patos, que foi cobrar o prejuízo e acabou recebendo.

Por vingança, no dia seguinte, carregou novamente a arma, mirou nos patos, puxou o gatilho e se lascou. A arma explodiu, deixando sua cara toda queimada, pra felicidade do vizinho... e dos patos também!

O tocador de campainha

Na campanha eleitoral municipal de 2004, Jair Terras era encarregado de levantar endereços que serviriam de base para distribuição dos

lanches dos cabos eleitorais. Por ser parente do Azzoline, o *Alemão*, sua missão era também pedir votos para seu candidato.

Fazia questão de ser sempre o encarregado de tocar as campainhas das casas. Após muita conversa, conseguia autorização para a casa servir de base, porém esquecia de pedir votos para seu parente candidato.

Nas vinte casas visitadas, somente em dez lembrou de cabalar votos. Porém valeu, pois sete votos foi a diferença que deu a eleição para o *Alemão*. Em parte, por mérito do Jair.

O valente cubatense

Ajudava no Bar do Nilson, depois do expediente do D. E. R., o gaúcho Luizão, que – além de grandão – era forte e lutador de boxe. Maneco Rebouças, não vendo o gaúcho atrás da vitrina, ao entrar no bar, gritou:

- Como é... não tem homem nesta merda???

Luizão levantou-se e, após violento bate-boca, desafiou o Maneco para uma luta no ringue de boxe armado na Praça Princesa Isabel. No dia marcado, Luizão esqueceu do desafio.

Rebouças, então, carteava:

- Tá vendo... eu sou o verdadeiro valente...

O velório do Dionizio

A Alfaiataria do Wilson Dias dos Santos (Índio) e do Lourivaldo Costa (Louro), na Avenida Nove de Abril, tinha o apelido de “lagoa”, pela quantidade de “sapos” que frequentavam diariamente o local.

Por ideia do Manga e do Pedro Nogueira, e acordo do Dionizio, resolveram por gozação assustar o Sebastião Costa, tio do Louro, que morava no local e era

um tremendo medroso.

A melhor maneira encontrada foi usar os panos pretos da loja e inventar um “velório”. Dionízio deitou em cima da mesa de passar, colocaram quatro velas acesas em volta da mesa e, rodeando todos os amigos, Djalma, Naninha, Pedro, Zé Borges, Manga, mais os dois alfaiates, Louro e Índio, tristes e inconsoláveis – alguns conseguiram até chorar.

Com a chegada do Tião, a brincadeira pegou o medroso de surpresa. Ele não queria entrar na loja, tremendo de medo. Para trocar de roupa, tinha que passar por dentro da alfaiataria e conseqüentemente pelo velório, pois morava nos fundos.

Foi preciso que, após uma hora mais tarde, Dionízio “ressuscitasse” para que Tião se conformasse com o acontecido. Tinha problemas com a pressão, foi necessário levá-lo ao Pronto-Socorro.

Oclusivo

O delegado titular da Depol, dr. Cláudio Rossi, ao ver seu assessor direto Arício Viana Reis, machucado no ouvido, levou-o ao Hospital Oswaldo Cruz. O médico, muito atencioso, receitou:

- Enfermeira, faça no paciente um curativo “oclusivo” (isto é, fechado, tapando o ferimento).

A enfermeira não perdeu tempo, deitou o Arício na maca, mandou o paciente tapar um olho e já ia pingando colírio no outro olho.

- Que é isso, senhora???

- Tá escrito aqui... é curativo oclusivo... logo o problema é de óculos.

Óculos de motorista

Em uma viagem a São Paulo, o motorista do gabinete do prefeito Ar-

mando Cunha, na época o Benedito de Almeida, estava levando a primeira-dama do município, Dona Helena Meletti Cunha, para uma visita à esposa do governador Adhemar de Barros, Dona Leonor Mendes de Barros.

Na subida da Anchieta, Dito andava devagar, dizendo que havia muita neblina, impedindo de ter uma visão melhor.

Dona Helena, conhecendo bem seu motorista, recomendou:

- Dito, para o carro em uma bica de água e lava teus óculos, tão sujos de gordura e poeira. Não tem neblina nenhuma!

Ofício de Embu é complicado

Na Câmara Municipal, o vereador secretário da mesa João Soares Filho, sob a presidência de Raul Sant'Anna Leite e vice-presidência de Mário Canelas, lia os ofícios recebidos. Em certo momento, ao ler um ofício da Câmara Municipal de Embu, leu alto e bom tom:

- EMBUSETE de julho de 1962.

Todos começaram a rir, e ele, João Soares, gargalhava com a gafe por ele cometida.

A sessão foi suspensa por cinco minutos, para recomposição dos senhores vereadores.

Operação Alfafa

Duas vezes por mês, o engenheiro Guimarães ligava para o *Bocão* e dizia o código:

- *Bocão*... “operação alfafa” para sexta-feira.

É que o Guima levava para seu tio Quinzinho, em Mogi das Cruzes, capim cubatense para o gado que o tio criava em seu sítio. Na sexta-feira, ao fim do expediente, Guimarães lotava sua Brasília de capim e se mandava.

Na estrada, em uma velocidade moderada, Guimarães escutou um grande estrondo e – lógico – assustou-se. É que o fundo do carro, bem debaixo do banco do motorista, em virtude de muita ferrugem, cedeu e afundou. Não só o banco, como o motorista também.

Com o carro ainda em movimento, o motorista não tinha visão nenhuma da estrada. A única coisa que via era faísca que saía do ferro do banco arrastando no asfalto.

O carro só foi parar alguns metros na frente, em função de uma subida. Guima saiu do carro assustado, não sem antes tirar de cima alguns quilos de capim.

Viu então a sorte que teve: passou por uma ponte estreita sem ver nada.

Operação X-9

Na administração Passarelli de 1993, o engenheiro Pedro Hildebrando da Silva, então secretário de Obras, visitava a Estrada da Água Fria para algumas obras do código “Operação X-9”. Acontece que a Polícia Florestal era contra essas obras (a área é considerada de proteção ambiental) e não ficava em dúvidas: o sargento Brito deu voz de prisão ao secretário.

Revoltado, Pedrão reclamou, xingou, bufou, irritando o sargento, que foi obrigado a usar algemas.

- Atenção, *Bocão*, favor vir em meu socorro – disse Pedro Hildebrando pelo rádio.

Quando *Bocão* se dirigia para o local, encontrou o motorista *Anibinha*, que relatou os fatos. *Bocão* não pensou muito, ordenou ao seu motorista:

- Alemão... volta que a coisa tá preta, depois a gente toma providências.

Orai por nós

Dorminhoco ao extremo, Daniel, funcionário da Cosipa, conhecido por todos como evangélico exemplar, na hora que batia o sono descia para a Sala dos Disjuntores, no subsolo do Setor de Transmissão, e trancava a porta por dentro. Sentava à mesa, colocava a cabeça entre as mãos e tirava o atraso do sono.

Seu chefe, sentindo sua falta e, por um dedo-duro, sabendo onde se encontrava, foi com sua chave-reserva ao local, para pegá-lo no *flagra*.

Por azar, o chefe pisou em uma tábua e com isso fez barulho.

Vendo que o dorminhoco não se mexia, foi até perto dele, quando ouviu:

- Calma, chefe... estou orando!!!

Os mais preguiçosos

Pela TV Polo – canal 96 foram escalados para uma matéria muito interessante no núcleo Itutinga-Pilões. Era o aparecimento de um bicho-preguiça de rara espécie. O operador de filmagem Pimentel e o apresentador Vanderlei Abrelli foram os escalados.

Recepcionados pelo guarda florestal de plantão, ficaram realmente impressionados pela beleza e curiosidade do animal. O bicho solto no chão e o interesse dos representantes da TV por ele era tão curioso que, batendo papo com o guarda, após quase meia hora, não repararam que a preguiça, na maior lentidão do mundo, se mandou.

- Cadê... onde está... – foi aí que perceberam, lá no alto de uma árvore, a "entrevistada" parecendo dar risadas dos distraídos "entrevistadores".

Os sapos que não viraram príncipes

Antes de montar o Laboratório de Análises Clínicas de Cubatão, junto com seu amigo Nicola, o Ademir, no começo da sua vida profissional, trabalhou em um laboratório nos cafundós do Amazonas, onde o exame de gravidez ainda era feito injetando a urina da mulher em um sapo.

O sapo não gostava muito da picada da agulha, mas posteriormente se realizava no complemento do resultado do exame, quando amostras de sua urina eram colhidas para verificação ao microscópio...

Para identificar a quem pertenciam os exames, os sapos eram colocados dentro de caixas de papelão, com os nomes das clientes. Certo dia, em uma rajada de vento muito forte, mais ou menos trinta caixas foram jogadas pra tudo quanto é lado, libertando a sapaiada toda.

Foi a liberdade para os batráquios, porque, sem identificação, os exames não poderiam ser realizados.

Tiveram que fazer tudo de novo, caçando novos sapos.

Pagou... mas... não levou

Morava ao lado da oficina de bicicletas do Seo José Rocha, a Dona Elisa Ribeiro, mãe do Tônico Ribeiro, que tinha em seu quintal uma grande criação de galinhas.

Para uma festança que seria organizada no Bar do Hilário em um fim de semana, Abílio passou a mão em meia dúzia de gali-

nhas que pertenciam a Dona Elisa. Escondeu no quintal do Seo Rocha, porém deu azar: elas fugiram e foram reconhecidas pela dona.

Após investigar, Dona Elisa descobriu o autor da brincadeira e foi cobrá-lo. Abílio pagou as galinhas e não levou nada para a festa.

Pano pra manga

Quando trabalhei na Câmara Municipal, em 1979, como oficial de gabinete do presidente Armando Campinas, um dos patrulheiros era o José Roberto Alves da Silva, que, já com quase 18 anos, estaria logo desempregado, como manda o regulamento do Camp de Cubatão. Havia na época quatro vagas para funcionário administrativo e Marisa, a secretária do gabinete, pensou em ajudar o patrulheiro. Para que isso fosse possível, era necessário conseguir sua dispensa do recrutamento para o serviço militar.

Marisa, descobrindo minha amizade com Janete Versani de Souza, funcionária do Destacamento Militar que relacionava os futuros soldados, pediu minha atuação no caso. Foi muito difícil conseguir a dispensa do Roberto, a folha já tinha sido fechada e não tinha como refazer a relação.

Após muito vai e vem, muita insistência, consegui com muito custo a dispensa do patrulheiro para que fosse salvo seu novo emprego. Após a admissão como novo funcionário da Câmara, certo dia Roberto apareceu com um enorme pacote de presente, com um corte de pano para a confecção de um vestido, entregando à Marisa e agradecendo:

- Muito obrigado, Dona Marisa, pelo seu empenho...

Eu não escutei nem um “muito obrigado, Seo Arlindo”. Porém, mereceu. Hoje o moço é um destacado funcionário da Câmara Municipal de Cubatão.

Pão já comido

Quando Wagner Antiorio casou, foi morar com a Lourdes Neves na Rua Artur Bernardes, no Jardim Anchieta. Trocou de padaria, passou a ser freguês da Panificadora Santa Catarina, que fazia entrega em domicílio.

Certo dia, notou alguma coisa estranha no pão, tinha sinal de beliscado, parecendo serviço de ratos de padaria. No dia seguinte, a mesma coisa. No terceiro dia, não se conformou, juntou o pão beliscado e se mandou pra padaria, com toda a bronca que Deus lhe deu, ofendendo toda a família do padeiro.

- Não é possível, *Seu Wagner*, fazemos desratização mensalmente...

Não aceitou as desculpas, trocou de padaria, porém o beliscado no pão continuou. Recebendo a visita de sua irmã Ivone, o mistério foi desfeito. Diariamente, bem cedo, os pardais da região faziam a festa na janela do distinto casal.

Papai Noel motoqueiro

Para representar o Papai Noel em uma festa de Natal na Casa Menino Felipe (Camefe), foi convidado o assistente social da Prefeitura Wilson Amado dos Santos. Vestiu-se na sede daquela promoção, na época na Rua D. Pedro II, e, com sua moto, foi para o local da festa.

Com o vento batendo de frente, Wilson não reparou que o gorro do Papai Noel foi pro espaço. Quando chegou à Camefe, com a barba toda desajeitada e fora do rosto – e sem o gorro -, ouviu das crianças:

- Olha... é o tio Wilson...

Peixe voador

Lupércio Lara, pescando no Rio Perequê, acabou com suas iscas, sem pegar um único peixe. Bom pescador não perde tempo e o primeiro marimbondo que pintou no pedaço foi servir de isca. O bicho era forte e conseguiu voar levando o anzol para tudo quanto era lado.

Num voo rasante, bem à altura da água, uma tainha gigante e esperta pulou do rio atrás do marimbondo, ficando presa no anzol, para sua infelicidade e alegria do mentiroso pescador.

Pelados em Cubatão

No Porto Cinco, atrás do Parque Anilinas, havia no tempo da Cia. Anilinas um braço de rio ótimo para um banho em época quente de verão.

Quincas e Astrogildo Terras nadavam calmamente, refrescando-se do forte calor, totalmente pelados, como faziam os garotos na época.

Alguém, por gozação, passou a mão nas roupas dos dois e as escondeu. Não achando suas vestimentas, e com medo de serem apanhados pelados, saíram correndo pras suas casas, pela Avenida Bandeirantes (hoje parte da Nove de Abril), em um desfile nada original.

Perna dura quebra os dentes

Para atender a um chamado urgente na Cota 200, o chefe do Pronto Socorro Municipal, o Odilon, escalou o enfermeiro Luizão, que tinha uma perna de pau.

Ao tentar entrar na casa do paciente, apareceu um cachorro bravo, mostrando logo os dentes.

Luizão, com toda a calma do mundo, não se abalou, ofereceu a perna de pau cheia de parafusos e ainda riu:

- Morde... e com força, seu vira-latas...

O cachorro se arrependeu: perdeu quatro dentes caninos e ficou mansinho.

Pescaria do horror

Em 1970, foram pescar no Rio Perequê o Felisberto de Souza, o Juvenal de Almeida e mais o Antonio de Jesus, filho do Juvenal. Inexperiente em pescaria, Felisberto, ao colocar a isca no anzol, colocou foi o anzol no seu dedo. Tentou tirar sozinho, não conseguiu.

Em seu socorro, Juvenal, com um alicate, tentava cortar o anzol, mas já quase travado, apertava era o dedo de Felisberto, que acabou sangrando.

Por sugestão do Toninho, suspenderam a pescaria e foram direto ao Pronto Socorro, tirar o anzol do dedo do pescador de primeira viagem.

Por gozação, Juvenal comprou um par de luvas e deu de presente para seu amigo. Para outras pescarias...

Pescaria financiada

Foram pescar em alto mar o Lucas Gouvêa, o Padovani, o Fued Farah, o Luís Barreto, o *Chapéu de Couro* e, por sugestão de um deles, levaram também o sr. Jorge Farah. O barco no mar joga muito, não era conveniente levar uma pessoa de idade como o *Seu Jorge*. Meia hora de pescaria, não havia sido fisgado nenhum peixe, e *Seu Jorge* gritava:

- Por favor, volta, eu já não aguento mais...

- Mas, pai, o barco já está pago, todos gastaram dinheiro, rebateu o Fued.

- Num tem *portância*, volta, eu *paga* tudo!!!

Não teve alternativa, retornaram sem pescar peixe algum, todos desolados. Ao chegar ao ancoradouro, o *Seu Farah* pulou em terra, ajoelhou-se e beijou o chão.

- Por favor, não me chama mais, eu *odeia* pescaria!!!

Pescaria no Pantanal

O engenheiro Guimarães, o arquiteto Diego, mais seu irmão – o vereador *Dédinho* -, organizaram uma excursão com direito a pescaria no Pantanal. Pescaria sem bebida não é completa, mesmo sendo no Pantanal.

Pra se chegar ao rio, era necessário carregar uma canoa, através de um caminho muito difícil, no meio do mato. *Dédinho* abraçou a proa, Diego ficou no meio, cabendo ao Guimarães a parte traseira da canoa.

Em certo momento, um tranco e tudo parou. Olhado para trás, Diego falou:

- *Guima*, solta a canoa...

- Que canoa, estou é abraçando uma tremenda árvore!!!

Piscina improvisada

Quando Olavo Luizatto estava construindo sua casa na Rua Goiás, trazia seus filhos pequenos para ajudarem em algumas tarefas. Certo dia, ao colocar a caixa d'água em cima da laje, instalou e deixou cheia para teste de possíveis vazamentos.

Na ausência do pai, Beto e Olavinho caíram dentro da caixa, para um banho em grande estilo, já que estava muito calor.

Na euforia do banho, os moleques quebraram a instalação da boia, provocando um pequeno vazamento. Procurando vedar o vazamento, os garotos cortaram um cabo de vassoura e tamparam provisoriamente.

No dia seguinte, os vizinhos chamaram urgentemente o Olavo. É que a pressão da água jogou fora o toco do cabo de vassoura e vazou, alagando a casa toda, estragando todo o reboco feito naquele dia.

Levaram a maior surra.

Pontes e dentaduras

Em uma excursão em Peruíbe, Sérgio Lucon, já namorado da Ermelinda, para se mostrar, preparou-se e pulou por cima de uma onda em grande estilo. Quando se levantou, percebeu que havia perdido a dentadura de cima e a ponte de baixo.

Ninguém percebeu, e ele se mandou em uma total decepção. Sentou no banco traseiro do ônibus, não saindo mais até a noite, quando – incentivado por amigos – foi até a praia. Por sorte, achou a dentadura, mas a ponte se perdeu para sempre.

Mais motivado, voltou a participar do evento. Só que, com meia risada somente.

Essa mesma dentadura rendeu outra história, no setor do Departamento Sócio Econômico da Prefeitura de Cubatão, quando Sérgio foi tomar um café muito quente, gritou, tossiu e ao cuspir jogou junto sua rebelde dentadura.

Foi ao dentista, colocou dentes novos e voltou a sorrir por inteiro.

Pra viver é preciso respirar

No casamento de duas filhas do Seo Antonio Joaquim Terras, Nair com o Gino e Odete com o José de Souza, o bolo das noivas teria que ter originalidade. Ao cortar o bolo, saíram voando de dentro dele um casal

de pombinhas, que abrilhantaria aquele momento mágico.

Só que a confeitaria colocou as pombinhas junto com a gaiola, enfeitou com os glacês competentes, esquecendo de deixar um buraco para que as avezinhas respirassem.

Na hora do corte do bolo, fotógrafos a postos, surpresa total: as pombinhas não voaram. Estavam mortas.

Prejudicando o progresso

Morava no bananal do Joaquim Brites, em Piaçaguera, um primo seu, mal educado, valente e boca-dura. Quando o Brites vendeu o terreno para a Cosipa, ofereceram ao primo um apartamento em Santos, para compensar seu barraco, mas o boca-dura recusou.

Com o avanço da construção da empresa, sua casa já atrapalhava o cronograma das obras. Para a dragagem do mangue, onde seria mais tarde o porto da Cosipa, levaram através de postes a energia, que por coincidência passava em frente ao seu barraco.

O primo se achou no direito de conseguir iluminar sua casa, coisa que nunca teve antes. Mas não ligaram a luz em seu barraco e ainda deram prazo para sua mudança.

Com raiva, meteu o machado no poste de iluminação, provocando a queima do transformador e de alguns aparelhos da Construtora Brada. Mudou depois na marra, com uma mão na frente e outra atrás.

Presente de grego

Comemorando Bodas de Prata, o distinto casal do Jardim Casqueiro, Márcia Lamberti e Mauro Gervásio, deram uma grande festa em casa,

convidando alguns amigos.

Antes de partirem para outra lua de mel em Amparo, Márcia, toda feliz e contente, emocionada, comentou para o Miguel e a Rose o presente que muito lhe agradou.

Foi o que sua mãe, Dona Eunice, havia lhe dado: um belo vaso, com um bonito *Anturium*. E a Márcia, totalmente distraída:

- Rose... viu que beleza o “entulho” que minha mãe me deu????!!!

Presente trocado

Valmir (*Bunda de Cobra*), com o primeiro salário recebido do Banco Itaú-Cubatão, avisou sua noiva de que no dia de seu aniversário ia presenteá-la com uma calça comprida muito chique, muito cara, como prova de amor.

Comprou o presente, foi trabalhar e colocou o pacote em sua mesa, sem saber da capacidade e gozação de seus colegas de trabalho.

Zé Bauta e Izaltino trocaram a calça comprida nova e chique por um trapo de calça rasgada e toda suja.

A noiva de Valmir, ao abrir o presente, enfurecida, jogou o pacote no lixo, desmanchando o noivado na hora.

Primeiro de Abril

Na padaria da Fabril, cujo proprietário era o Zé Joaquim, trabalhavam Domingos Forno, Waldemar Bigode, Moacir Lara, João Lara e, completando o quadro, o Atanázio.

Atanázio, muito educado, trabalhador, porém um tremendo simplório, que por sua ingenuidade provocava muitas gozações por parte de seus colegas.

Em um certo 1º de abril (Dia da Mentira), sob ideia e orientação de Alfredo, dono do açougue, vizinho à padaria, encheram com bastante pedra um saco de farinha já vazio e ordenaram a Atanázio levá-lo frente à pensão do Jaime Gonçalves, que ficava no acampamento da Light, aproximadamente 2 km de distância.

Sabedor por antecipação da brincadeira, Jaime recusou os “pães” e mandou o coitado levar o saco ao escritório da empresa, alegando que havia sido o Duarte que tinha feito a encomenda.

Mais 500 m de sacrifício (o saco era bem pesado) e Duarte, ao verificar o conteúdo, disfarçando mandou que fosse entregue no ambulatório médico, que – além de ficar a quase 1 km – forçava o Atanázio a subir uma ladeira.

Quem o recebeu foi Chico Inácio, e alegando “engano” orientou o pobre coitado a levar o saco de volta à Fabril e entregar para o Sr. Cásio, gerente da Cia. Santista de Papel.

Após andar 7 km aproximadamente, Atanázio entregou ao Sr. Cásio a “encomenda”.

O gerente da fábrica mandou-o de volta para a padaria, alegando erro nos tipos de pães, porém – para aliviar seu sofrimento – ordenou a um funcionário seu que ajudasse o infeliz carregador de pedras, diminuindo um pouco seu sofrimento.

Ao saber de seu papel de bobo, apesar de sua educação, Atanázio apoderou-se de uma faca de cortar massa de pão e saiu à procura de Alfredo para sua vingança – o que acabou não acontecendo porque este, já avisado, escondeu-se dentro do frigorífico do açougue.

Problema de joelhos

Andou uma época em que os gatunos cubatenses baixavam no prédio da Câmara, de olho nas calhas de cobre. Reforçaram então a vigilância, colocaram no período noturno o Zeca e o Leonel.

Em uma segunda-feira gorda de Carnaval, os dois vigilantes, com medo, lógico, e sem muita vontade de correr atrás de um cara que roubava um pedaço de calha, discutiram para ver quem ia na frente atrás do ladrão.

- Eu não posso correr - disse o Leonel -, estou com um joelho doendo...

- Eu também não – respondeu o Zeca -, estou com dor nos dois joelhos.

Promessa às vezes é dívida

Quando assumi a chefia de Limpeza Urbana em 1990, ao conhecer os funcionários do setor reparei em um que trabalhava no regime de tarefa e cumpria seu dever até com perfeição. Era o Juarez que, pela parte da manhã, aprontava todo o seu serviço e, não tendo o que fazer à tarde, ia pro bar da esquina e tomava quase todas.

Fiquei sabendo depois que, por mais que escutasse conselhos para parar de beber, de nada adiantava.

Prometi então ao Juarez arrumar-lhe uma promoção com a promessa de nunca mais beber. Promessa combinada, o moço ficou exatamente 30 dias em seco, cumprindo totalmente o prometido. Ao receber o primeiro salário com a promoção, ficou tão contente que foi comemorar na Padaria Lisboa.

Gastou quase todo o salário e nunca mais parou de beber.

Promoção para a Promoção

No setor da Promoção Social da Prefeitura, Diva Paranhos conversava com Vanderlin Paranhos, seu ex-marido. Diva reclamava que já era quase hora do almoço e estava com fome. Vanderlin não garantiu, mas prometeu:

- Se tiver tempo, eu trago um almoço pra você...

Meio dia, com o aumento da fome, Diva foi à cozinha do setor e viu em cima da mesa uma *quentinha* com bastante comida. Chamou Acácia, sua colega de trabalho:

- Divide comigo, Acácia, é muita comida pra mim...

Depois do almoço, apareceu um munícipe, preocupado, perguntando assustado:

- Alguém viu por aí uma sacola, com marmita dentro? Era comida para meus filhos...

Prova concreta

Após constatar que a porta do banheiro do Pronto Socorro Municipal estava muito suja, com muitos palavrões, Dr. Juan mandou um ofício ao Paço Municipal para as providências cabíveis.

Aberto o processo, um procurador da Secretaria de Assuntos Jurídicos (Sejur) exigiu provas concretas para identificar o faltoso e puni-lo.

Processo vai, processo volta e a porta que deveria (somente) ser pintada ainda estava lá toda suja.

Com o saco cheio de tanto empurra-empurra, Odilon, o chefe dos enfermeiros arrancou a porta do batente e, dentro de uma ambulância, mandou para o Jurídico a “prova concreta do crime”.

Quando a maré subiu... foi fogo

Foram pescar no Rio Branco, após passarem no Bar da Nair, os pescadores Moacir, Peteleco, Getúlio e o Antonio Figueira. O pescador mais “alto” e mais boca-dura era o Toninho Figueira, que, para provocar seus amigos, ameaçava virar o barco, um frágil barquinho de alumínio movido a remo.

Dos quatro, só quem não sabia nadar era exatamente o Toninho, que falava em virar o barco. Provocado e com raiva, e embalado como estava, quem virou o barco foi o Moacir.

Os três que sabiam nadar foram até o barco, porém Toninho, o máximo que conseguiu foi se agarrar naquelas árvores do mangue, se pendurando em um dos galhos.

Uma hora depois, Toninho berrava:

- Socorro, a maré tá subindo...

Os três voltaram então e encontraram o Figueira, já com água até o pescoço, bravo, todo picado por mosquito, e querendo bater em todo mundo.

Quase no Japão

O melhor cubatense para serviços em quintais era o Edgar Doido. Quando não bebia, era um trabalhador de primeira.

O Edgar foi chamado pelo Orlando Padovani para fazer um buraco no quintal para enterrar lixos. Padovani saiu e deixou uma recomendação especial para sua esposa:

- Marilde, não deixa o Edgar sair, pois ele vai beber e não volta mais.

Duas horas depois, Padovani voltou e, olhando no quintal, não viu o cavador.

- Não te falei, mulher, pra não deixar ele sair, que não tinha volta?
- Orlando, ele não saiu. Olha ele lá dentro do buraco!

Em duas horas, o Edgar fez um furo de mais de dois metros de profundidade...

Que sacos...

Por economia, o Zé Joaquim, dono da padaria da Fabril, guardava todos os sacos de farinha, já vazios, para serem vendidos como panos de chão, aumentando seu lucro.

José Cuqui, o *Quita*, era encarregado de amontoá-los em um canto, e quando a pilha de sacos estivesse alta, transferi-los para o balcão, para serem vendidos.

Por brincadeira, Waldemar Bigode, Lupércio e outros funcionários pegavam um saco e jogavam no rosto do *Quita*, deixando-o todo branco de farinha, só para vê-lo resmungar.

Após umas dez sacadas na cara, *Quita*, bravo, tacou fogo no monte de sacos vazios, para evitar mais gozações.

Foi demitido, porque acabou dando prejuízo para o patrão..

Questão de números

Passadas as eleições em Cubatão, já com sua reeleição garantida, o vereador Messias Gomes convocou seu colega Edson Bom Bril para colaborarem com o partido na eleição do 2º turno de David Capistrano em Santos. Messias, no comando dos trabalhos, ordenou:

- Vai por aqui uma dupla de dois e, por lá, uma dupla de três...
- Messias, dupla são dois, trio são três!!! – corrigiu o Bom Bril.

- Legal... Tá bom então... vai por aqui um trio de três e por lá um trio de dois...

Após a vitória do prefeito David, foram os dez componentes do grupo comemorar, agora sob o comando do Edson Bom Bril.

Rádio não é TV

Era transmitido toda sexta-feira, no programa do Cido Barbosa, pela FM 99, um debate sobre assuntos de histórias, esportes e política. Certa ocasião, em programa organizado por Paulo Olcese, foram convidados alguns presidentes de clubes esportivos. Pelo E. C. Jardim Casqueiro compareceu o José Rodrigues Imão, levando debaixo do braço uma pasta cheia de fotos e documentos. Chegando sua vez de falar, Zé Rodrigues, empolgado, levava na direção do microfone as fotos e os requerimentos que estavam em sua pasta. Novamente em sua vez, Zé, empolgado:

- Aqui está, senhores sócios do Casqueiro, a prova de tudo que estou fazendo pelo clube.

Os outros componentes da mesa não paravam de rir, deixando o Zé meio invocado. Na hora do apoio cultural, para os comerciais, o Zé Rodrigues perguntou:

- Estão rindo de quê???

Quando falaram o motivo da gozação, o presidente do Casqueiro ficou nervoso, começou a brigar, recusando-se a dar sequência ao programa. Se mandou com sua pasta, puto da vida.

Rápido no gatilho

Em seu bar na Avenida Miguel Couto, preparando uma caranguejada, Tônico Ribeiro teve seu dedo preso por um caranguejo, que não o soltava, apesar de ter sido sacudido diversas vezes.

Sem ninguém por perto para ajudá-lo, não teve dúvidas: sacou seu re-

vólver, levantou a mão presa ao crustáceo e tacou um tiro no meio do bicho.

Saiu caro, porque perdeu uma bala, um caranguejo e diversas lâmpadas fluorescentes que iluminavam o bar.

Rasgou mal, se deu pior

Em um jogo de futebol do Esporte Clube Jardim Casqueiro, contra o Light, categoria juniores, José Rodrigues Irmão, técnico do Casqueiro, indignado com a atuação do árbitro, foi à mesa do representante, que nesse dia era o Mário dos Santos, catou a súmula do jogo e rasgou-a toda em pedaços.

Zé seguiu para casa com seu time, crente que havia melado o campeonato. Só que o Mário, pacientemente, juntou no chão todos os pedaços rasgados e, colando-os, montou a súmula todinha.

Zé Rodrigues foi suspenso e o Light sagrou-se campeão do torneio.

Reforma do banco

Dois funcionários do Serviço Social da Prefeitura foram escalados para uma visita ao Lar Fraternal, para cumprir alguma providência. Avisados pela Josefa Linda, os escalados foram o Wilson e a Bárbara.

Ao pegar o processo, Wilson sentou no primeiro banco que encontrou. Bárbara, nervosa e preocupada, gritou:

- Não senta não, Wilson...

Metido a besta e sendo superior, não escutou o conselho da colega.

Ao levantar-se é que viu o motivo da preocupação da Bárbara.

No banco tinha uma placa, escrito "Cuidado. Tinta Fresca".

Repelente doce

Em um evento da Prefeitura no Perequê, promovido pela Diretoria da Cultura, Marilda Canelas, Zélia Trombino e Soraia foram prevenidas para levar repelente, com medo dos mosquitos.

Por brincadeira, Serafim e Pedrinho Bianchini, do serviço de som, trocaram todo o repelente do frasco de Autan das meninas por água com açúcar.

Além de não repelir os mosquitos, o efeito foi contrário: a água doce aumentava o ataque dos insetos.

O evento continuou, porém sem contar com a chefia: elas se mandaram direto para o Pronto Socorro.

Respeito pelo “Doutor”

No Jardim São Marcos, na época do *Maraca*, a padaria do José dos Santos Menderico tinha um bode cheiroso, aliás muito cheiroso, cujo apelido era “Doutor”.

Procurando o que comer, “Doutor” zagueava pelos quatro cantos do bairro. Após degustar seu capim, o cheiroso entrava na primeira casa que via pela frente com a lanterna vermelha na porta. Quando era enxotado pelas residentes, a “chefe da casa” interferia logo:

- Deixa o *Doutor* aí, ele dá sorte; quando ele está aqui a casa tá sempre cheia.

Muitos advogados frequentavam aquela área. Então, ouvia-se sempre:

- Sai doutor... Entra *Doutor*!!!

Depois disso, o bode era sempre paparicado...

Roubaram também o vigilante

Toda noite se juntavam, para jogar baralho, na casa do Lúcio Custódio, seus amigos Jesus de Almeida, Júlio Campbell e seu irmão Jorge Campbell (*Cuquita*). Certa noite, os amigos do Lúcio tentaram roubar um frango para uma festança, quando foram atacados pelo vigilante da casa, um tremendo vira-latas que mostrava os dentes com violência.

Em outra reunião, Jesus, Júlio e *Cuquita*, com toda a corda, passaram a mão em dois frangos, sem que o cachorro se manifestasse.

- Rápido com esses frangos... – disse o *Cuquita*.
- E o cachorro???
- Já carreguei ele pra bem longe...

Sabe pra quem tá escrevendo?

Quando foi eleito presidente da Câmara Municipal pela primeira vez, em 1961, Raul Sant’Anna Leite, cheio da razão, devolveu toda correspondência em que não vinha escrito “Exmo. Senhor”.

Questionado pelo vereador Mário Canelas sobre o porquê dessa atitude, respondeu:

- Lógico... presidente é autoridade, tem que ser “Excia.”

Só que um dos ofícios devolvidos era do Palácio do Governo estadual, comunicando sobre liberação de verbas para a cidade.

Foi um problema muito sério resolver a questão com Sua Excelência, o Governador, depois...

Saco cheio, cabeça vazia

Quando a equipe cubatense de atletismo foi participar do Campeonato Sul Americano, em Quito, no Equador, representando o Brasil, ao chegar a hora do desfile notaram a falta do saco do material esportivo. Tiveram que comprar correndo algumas camisetas para o desfile inaugural.

No dia seguinte, apareceu o saco de roupas, só que trancado, sem a chave para poder abrir o cadeado. Competiram com as roupas do desfile.

Encerrados os Jogos, na volta pra casa, foi que entregaram ao Roberto Dick a chave que faltava. Ficou aguardada no aeroporto, por pura falta de atenção do funcionário da C. B. A.

Santo remédio

Ainda criança, José Carlos Góes, hoje professor de Educação Física da Prefeitura, não perdia um jogo de futebol do E. C. Cubatão aos domingos, em seu campo, onde é hoje o Paço Municipal.

Certa vez, ao assistir o jogo preliminar do Cubatão contra o clube Guimarães, levou uma bolada na cabeça, chutada pelo Tambau. Acontece que, nesse dia, era portador de um furúnculo na testa, que já estava lhe incomodando. O chute do Tambau lhe proporcionou um milagre: em vez de acertar o gol do adversário, a bolada acertou sua testa e estourou o furúnculo, proporcionando a cura de sua enfermidade.

Socorrido no Pronto Socorro, ali ao lado, retornou ao campo para agradecer ao jogador do E. C. Cubatão pelo favor que lhe foi feito...

Sem desconto e com juros...

Certo dia, saí de casa correndo, faltando cinco minutos para fechar o Banco do Brasil (agência Avenida), para pagar uma fatura que me dava um desconto até razoável. Por causa da chuva, escorreguei na escada da entrada do banco, atrasando um pouquinho mais.

Bem na porta da entrada exterior do banco, estavam batendo papo, totalmente descontraídas, a funcionária da Câmara Municipal, Roseli de Assis Leite, mais a professora aposentada da Prefeitura, Maria Helena Azoline.

Perdi mais alguns minutos ao contorná-las para poder entrar, além de me sentir na obrigação de cumprimentá-las, atrasando mais ainda.

Já no saguão do banco, fui impedido de entrar na porta rotatória, pois já passava das quatro horas.

Não entrei... não paguei a conta... não ganhei o desconto... e, ainda por cima, tive que pagar juros e multa no dia seguinte.

Sem perna não dá

Um dos enfermeiros do Pronto Socorro Municipal era o Luizão, que, por uma fatalidade, em um acidente de carro, perdeu uma das pernas e usava perna de pau.

Odilon, chefe dos enfermeiros, em dia de pouco movimento, escondeu a perna de pau do Luizão, que estava puxando o maior ronco.

Tocou o telefone avisando de um acidente no Jardim Casqueiro. Ambulância preparada, motorista a postos, médico dentro da ambulância, só faltava o enfermeiro.

Odilon tinha saído, a recepcionista reclamava:

- Vai logo, Luizão, é uma emergência...

- Sem minha perna, não vou...

DEZ MINUTOS depois, foi entregue a perna de pau ao enfermeiro - e todos foram atender ao chamado URGENTE.

Serenata diferente

Os moradores da Fabril, e também funcionários da Santista de Papel, tinham pouca simpatia pelo Seo Cássio, gerente da Fábrica, pelo seu modo sisudo. Tinham verdadeiro pavor de abordá-lo, tal era a distância provocada.

Por vingança, Zé de Souza no sax, Emidio no violão, Eurico no violino e Quita no pandeiro, em uma terça-feira de Carnaval, resolveram fazer uma serenata de madrugada na janela do quarto do gerente, só para não deixá-lo dormir.

Na segunda música, a janela se abriu e Seo Cássio já se preparava para uma bronca, quando viu-se um braço contornando o seu ombro. Era Dona Gemma, sua esposa, que com aquele gesto aprovava totalmente o evento.

Os “músicos” quebraram a cara, tiveram que ficar até de manhã tocando.

Silêncio... por favor

Poucas casas na Fabril tinham campainha na porta. Porém, a casa da Nair Patrício tinha... e funcionava bem. É que seu marido, o Manoel Carvalho, apesar de carpinteiro, fez um curso de eletrônica e se achou em condições de montar uma campainha elétrica. Comprou a bobina, lavou uma lata de manteiga Viaducto e colocou em sua casa a tal campainha.

Na primeira visita, quando acionado o botão do aparelho, o barulho foi tão estridente, tão escandaloso, que acordou quase toda a vizinhança.

Após ouvir reclamações, Seo Cassio convocou o Manoel ao escritório, obrigou-o a desmontar seu aparelho, dando-lhe de presente uma campainha convencional, cujo som era suportável.

Siqueira é igual Silveira

Saíram candidatos à vereança, em 1988, Messias Gomes da Silveira e Genivaldo Siqueira Lima, funcionário da Câmara Municipal. Messias (evangélico), com os votos dos seus irmãos, foi feliz, elegeu-se com aproximadamente 250 votos – poucos, porém o bastante para assegurar-lhe a vitória.

Siqueirinha não se elegeu, porém recorreu à Justiça, reclamando os votos dados ao Silveira. É que apareceram muitos votos dados a Messias Gomes Siqueira. É que apareceram muitos votos dados a Messias Gomes Siqueira.

Reclama até hoje esses votos como sendo seus:

- Afinal, Siqueira e Silveira não são nomes iguais???

Sobravam fantasmas

Na festa do Dia do Funcionário Público, em outubro de 2005, no Parque Anilinas, tinha tanta gente que mal se podia andar pelos espaços disponíveis. Quando começou a chover, piorou muito a situação.

Num canto, quieto e com olhar desconfiado, sem beber, sem dançar, paradinho, estava o Aluísio Gomes de Souza, o Lua. Curioso, encostei e perguntei:

- Não tá gostando da festa, Lua???

- Até estou gostando, mas estou assustado. Confesso que nunca vi tanto “fantasma” na minha vida...

Só em dinheiro

Dois fregueses assíduos do Bar do Severino, que ficava atrás do açougue do Chico, eram o Júlio Campbell (*Jacaré*) e o Jesus de Almeida. Severino, além do bar, tinha ao lado uma avícola com a maior variedade de aves.

Após beber um litro de vodka, *Jacaré* e Jesus, sem dinheiro no bolso, tentaram pagar a conta com uma galinha e dez pintinhos.

- Vocês estão loucos, essa galinha e esses pintinhos são meus, olha o carimbo na caixa...

O golpe não deu certo. Tiveram que pendurar a conta e pagar depois.

Só vou na janelinha

Representando a Prefeitura de Cubatão, foi reunida uma comissão para uma viagem a Brasília, a capital federal. Estavam na comissão Júlio Ogasawara, Sueli e o engenheiro Guimarães, em sua primeira viagem de avião.

No Aeroporto de Congonhas, dentro do aparelho, Guimarães correu para uma poltrona na janelinha, para se deliciar com a visão aérea. Ao levantar a cortina, que decepção: sua janelinha era para a asa, tirando todo o visual.

Na volta, mais experiente, na hora do *check-in*, pediu à recepcionista uma janela bem longe da asa, no que foi atendido. Sentadinho, já com a cortina levantada, todo feliz e contente, escutou:

- Senhor... minha neta nunca viajou de avião, e gostaria de ir na

janela, o senhor não se importa?

Guima, educadamente, cedeu seu lugar, foi para a poltrona do corredor, dormiu, só acordando em São Paulo, puto da vida.

Socorro errado

Quando Benedito Ribeiro sentiu-se mal, junto à banca de jornal do Júlio Campbell (Jacaré), este juntou suas muletas e dirigiu-se em direção à rua, ao avistar por coincidência uma ambulância.

A enfermeira pulou imediatamente da cabine e, junto com o médico acompanhante, se abraçou ao Jacaré com todo o cuidado, recomendado:

- Calma, senhor, já vamos socorrê-lo...

- Mas, minha senhora, o doente não sou eu, e sim meu amigo ali na banca...

Somente um soco

Fazendo parte da equipe de lutadores do João Batista dos Santos, o *Maguila*, foram participar de um torneio em São Paulo alguns cubatenses, inclusive o Carlão D2.

Carlão deu uma sorte danada, foi para a final do torneio após sete lutas, vencendo todas por WO (ausência do adversário).

Entusiasmado, preparou-se para a final, rezou, fez alguns exercícios, pediu incentivo de sua esposa Cris e foi para o tablado. Começou a luta.

Carlão levou um soco no olho, caiu desmaiado, acabando assim seu sonho de ser campeão.

Soro de bode

Edístio Rebouças, ao olhar para o vidro de goma-arábica, imaginou

logo um apronto. Comprou uma garrafa de guaraná, jogou o refrigerante dentro do vidro, chacoalhou bastante e preparou a etiqueta:

“SORO DE BODE

(AFRODISÍACO)

Tomar 20 gotas em um copo

Com água 4 vezes ao dia”.

Lucas Gouvêa dos Santos deu ao Antonio Simões o vidro do “remédio” e este se mandou pra casa. Na semana seguinte, em uma consulta, Simões de Almeida reclamou para o dr. Luiz:

- Doutor, estou mal, faz uma semana que não vou ao banheiro...

Descoberta a brincadeira, Simõeszinho nunca mais confiou nos remédios do “Dr. *Biréu*”.

Sorvete Sabor Dinheiro

Um calor danado na redação, quando entra pela porta a Andréia. Tirei do bolso um dinheiro e pedi:

- Jaque, pede pra Dréia comprar uns sorvetes pra nós.

Foi explicado que o Bar do China era ao lado da Nossa Caixa, na Avenida Nove de Abril, porque aquele tinha o sorvete de nossa preferência.

- Num to entendeeeeeendo???

Interferi, explicando a meu modo:

- É no Bar do China, ao lado da Nossa Caixa, preste atenção, ao lado da Nossa Caixa. Nossa Caixa e não na Caixa Federal, que é do outro lado da avenida.

Andréia, olhando para nossa cara, totalmente no ar:

- Gente... mas na Nossa Caixa vendem sorvetes???...

Sou mais eu

Convidado para padrinho de casamento de sua sobrinha Maria José, lá iam Tônico Ribeiro e sua esposa Cora, a madrinha e mais a noiva, toda bem vestida de branco, em direção à Igreja da Fabril, onde seria a cerimônia.

Na ponte de mão única da Light, já estava com seu carro no meio da ponte quando reparou na entrada brusca de um ônibus da Viação Cubatense. O motorista do ônibus, julgando-se com mais autoridade, dava sinal para o Tônico sair da ponte.

Tônico puxou o revólver e ameaçou atirar. Com medo, o motorista engatou a ré e saiu da ponte.

Ao passar, todo orgulhoso, Tônico – ainda com o revólver na mão – tacou dois tiros no pneu dianteiro do coletivo.

Sou prefeito... exijo respeito

Em 1962, para uma visita ao governador em São Paulo, seguia no carro oficial da Prefeitura o prefeito Abel Tenório, junto com o presidente da Câmara, Mário Canelas. Era uma segunda-feira, após um feriado prolongado e, em consequência, a subida pela Via Anchieta estava congestionada.

Abel, ao volante do carro, sem paciência, empurrava um DKW à sua frente, cheio de *play-boys*. A fila parava e Tenório tocava o carro dos jovens à sua frente. No planalto, ao atingir o pedágio, estavam lá os garotos do DKW e quatro guardas rodoviários parando o carro oficial da Prefeitura, em função da reclamação dos garotos.

Abel, já atrasado, puxou o revólver da cintura, deu três tiros para o ar, fez com que o DKW se mandasse e os rodoviários também.

Sua Majestade, a distraída

A primeira Rainha do Carnaval de Cubatão em 1977 foi Percy Francisca Marques. Muito contra a sua vontade, após insistência de amigos, Percy resolveu participar do certame. No desfile ficou identificada com o número 3, mas não deu a maior bola, não estava a fim de ser rainha. Após os tradicionais desfiles de passarela e julgamento dos senhores jurados, o locutor anunciou:

- A vencedora é... a número 3...

Percy, totalmente sem vontade e distraída, não esboçou nenhuma reação. Foi preciso a Dona Nilda Cunha, sua mãe, gritar:

- Percy... acorda... foi você que ganhou!!!

Foi um reinado sem muita alegria, apesar de ser sua majestade a primeira e única.

Superstição

Cansei de ir a velório e perguntar:

- O falecido tinha quantos anos?

- Coitado... por coincidência estaria fazendo hoje 30 anos...

Certa vez, perguntei:

- Morreu novo... Quantos anos?

- Pois é, coitado, faria hoje, se não tivesse falecido, 18 anos...

Essas histórias ficaram guardadas em minha memória, até que o dr. Roberto pediu um teste de endoscopia. Apesar de não ter nenhuma pressa, liguei para o consultório do dr. Milton Susuki e marquei o exame, que ficou para o dia 21 de março de 2007, véspera do dia 22, dia em que

completei 70 (SETENTA) anos. Quando acordei, no dia do exame marcado, olhando para o calendário, me apavorei, peguei o telefone, liguei para o consultório e, na maior mentira, falei:

- Aurizete, hoje não posso ir, estou muito ocupado.
- Pois não, Seo Arlindo, marcarei para outro dia.

MORAL DO CAUSO... “O seguro morreu bem velhinho” – (AQUI, OH!!!)

Tem que apertar o botão

Para melhor limpeza de seu quintal, Reginaldo Justo comprou uma máquina Wapp de lavagem a jato. Ana, sua esposa, ligou a máquina na tomada, enquanto a filha Regiana enroscou a mangueira na torneira. Após essas providências, nada de sair água com pressão.

- Deve estar com defeito – lembrou a Ana.
- Regiana, vai chamar o Beto Luizatto na oficina, pra consertar esta máquina – ordenou o Reginaldo.

Quando o Beto apareceu, notou muito silêncio em um aparelho que, funcionando, faz um barulho danado.

- Tá tudo conectado, Reginaldo???
- Fio na tomada, mangueira na torneira, tudo ligado, tudo certinho..
- Então é só apertar o botão Liga/Desliga, que vocês não apertaram até agora. Sem isso, essa coisa não funciona nunca...

Tiro no traseiro do gerente

Por atraso costumeiro do pagamento do D.E.R., Glauco Lara Dante, Padovani e José Silveira (*Zelão*) foram ao Banco Itaú tentar um empréstimo. Recebidos pelo gerente Mário Marinuzzi, que atendeu prontamente

o Glauco e o Padovani, só não ajudando o *Zelão*, não se sabe por que, até hoje.

Por coincidência, os quatro foram em um sábado atirar em passarinhos nos trilhos da antiga Estrada de Ferro Santos-Jundiaí (EFSJ); Provocado por Padovani, *Zelão*, - o único com espingarda na mão - escutava:

- O Mário não te ajudou, dá um tiro na bunda dele...

Zelão parou, pensou, esperou o Mário se distanciar e tacou um tiro de chumbinho no traseiro do gerente. Marinuzzi, com a calça furada, partiu pra cima do Zé, tentando dar-lhe um soco. Só que o *Zelão* tem 1,80 m e o Mário somente 1,50 m, e por isso pulava, mas não conseguia acertar o Zé, que ria o tempo todo, deixando o gerente mais bravo ainda.

Tiro saiu pela culatra

Na Farmácia Americana, na Avenida Nove de Abril, perto da ponte, trabalhavam Paulo Zaidam, Rochinha, Maria da Glória, Edna e o dono, que era o Sinval Duarte Pereira. Quando algum remédio estava em falta, era pedido para a Drogaria São Paulo em Santos, que por economia mandava os medicamentos pelo motorista da Linha Azul de Passageiros. O motorista largava o pacote em um muro do outro lado da avenida e buzina, avisando da chegada do remédio.

Quando, por distração, esqueciam de pegar a encomenda, um esperto que conhecia a operação passava a mão no pacote e se mandava. A fim de evitar essa malandragem, Rochinha teve uma ideia genial. Pediu para o irmão da Edna, o Walter Linguíça, encher um pote de merda, embrulhou com papel timbrado da farmácia e colocou no lugar de sempre.

Só que o costumeiro ladrão desconfiou do tamanho do pacote e não

o roubo, dessa vez. Um transeunte, vendo o pacote abandonado, identificou-o e, bem intencionado, levou-o para a farmácia. Sinval, que não sabia do combinado, agradeceu e colocou o pacote na prateleira, junto com os outros remédios.

Após algumas horas, o cheiro extrapolou e aí descobriram que o feitiço virou contra o feitiçeiro: Sinval abriu o pacote e, distraído, meteu a mão na sujeira.

Tô de olho

Viajaram a São Paulo, a serviço do Departamento de Estradas de Rodagem (D.E.R.), os funcionários Padovani, Oswaldo Scanavacca e Osny. Após as providências tomadas na sede da Secretaria da Viação e Obras Públicas, resolveram almoçar lá mesmo. Foram até o Restaurante Leão D’Olido, no centro da cidade.

Osny achou muito bonitos os talheres da mesa e resolveu “guardá-los” como recordação. Acontece que o garçom viu a ação do Osny e tomou as providências.

Os talheres foram devolvidos para o delegado do Posto Policial da Praça da Sé...

Toalha papel embrulho

Em um amistoso em Piaçaguera, entre o XV de Novembro local e o União Cubatense, Antonio Lopes, o *Português*, suava em bicas, pois fazia muito calor nesse dia. Dentro do gol, uma toalha limpinha.

- *Português*, enxuga teu rosto, tá muito molhado, daqui a pouco você não vê mais a bola.

O goleiro não dava ouvidos a ninguém, deixava sua toalha ali, intocável.

No fim do jogo, empate em zero a zero, tudo calmo, *Português* foi até as redes, pegar sua toalha ainda sem nenhum uso.

Aí veio a explicação. Dentro da toalha, um revólver 38 carregado. A toalha era só pra servir de embrulho.

Toco da discórdia

Quando tiraram os trilhos da Cia. City, que iam da Estação na Nove de Abril até o Curtume, o leito carroçável ficou intransitável. João Simões construiu um prédio, onde instalou seu açougue. Só que a hoje Avenida Martins Fontes era muito estreita, fazendo com que os carros subissem na calçada do prédio do açougue, quebrando tudo. Era o João consertar e em seguida os carros quebrarem de novo.

João pedia ao prefeito, Dr. Luiz, que não dava a mínima atenção. Quando o Valdir do Nascimento assumiu a prefeitura, no impedimento do titular, Dr. Luiz, Eduardão, cumprindo ordem do prefeito Valdir, colocou um enorme toco de árvore no fim da calçada, protegendo o cimentado. Só que o dr. Luiz conseguiu, às 17 horas do mesmo dia, uma liminar, e retornou à Prefeitura, mandando em seguida tirar o tal toco, para desespero do açougueiro, e evitar que mais carros caíssem na vala.

Um brinde cancelado na marra

Em um baile de “Grito de Carnaval” do E. C. Cubatão foi contratada como atração a cantora da TV Rio, Dirce Belmonte. Naquele tempo, lança-perfume (hoje proibido) era totalmente liberado. A moda era esguichar o lança-perfume no braço, cheirar e ficar *doidão*.

Lindolpho era o apresentador do *show* da cantora carioca e, con-

forme pré-combinado, Mário Melo iria entregar à artista um brinde como lembrança, oferecido pela Casa Malery, por sinal de sua propriedade.

Acontece que o Mário, empolgado com a gostosura da ilustre convidada, ficou no fundo do palco, atrás das cortinas, dando suas inocentes cheiradinhas no lança-perfume. Lindolpho anunciou:

- E agora, para entregar uma lembrança à linda cantora, convido ao palco o nosso diretor social Mário Rodrigues Melo.

Lindolpho repetiu a frase e nada do Mário aparecer. Correram atrás das cortinas e depararam com o diretor social desmaiado e entalado dentro de um caixote.

Um dedo só não faz falta

Caçando em Piaçaguera, no sítio de seu avô, Carlos Augusto Costa, o *Buda*, moleque ainda, não sabia muito bem para que servia o gatilho de sua espingarda.

- Pai, pra que serve isto aqui???

Só que aquilo era o gatilho, já em posição de tiro. O gatilho disparou, prensando o dedo do Buda, que acabou ficando em suas mãos.

Somente com nove dedos e meio, mudou para pescador, nunca mais quis saber de tiro.

Um metro bem esticado

Morava no Curtume, nas casas do D. E. R., o casal Olavo Bellentani Luizatto e Odete Alves Luizatto. Consertando algumas bermudas dos filhos, Odete mandou seu filho Beto comprar na Casa Cruz, no centro da cidade – a uma distância de aproximadamente 2 quilômetros –, um metro de elástico.

O vendedor, na hora da medição, esticou no balcão o que deveria ser um metro de elástico. Chegando em casa, Beto levou a maior bronca da mãe, o elástico tinha somente 80 centímetros.

- Volta lá, moleque, e manda o vendedor medir um metro sem esticar.

Beto não se conformava em andar um total de oito quilômetros, debaixo da maior chuva, somente por causa de 20 centímetros.

Um pé sim... outro não

Em viagem para Brasília, compondo uma comissão de vereadores, Armando Campinas, Romeu Magalhães e Manoel Ubirajara Pinheiro Machado, encostaram no balcão de conferência de passagens. Vendo a vestimenta do Bira, seus companheiros de viagem levaram o maior susto. É que o Bira, totalmente distraído, estava muito bem vestido, terno e gravata, porém com um sapato no pé esquerdo e um chinelo daqueles bem *fuleros* no pé direito.

- Vai viajar assim, Ubirajara, nós temos audiência com o ministro da Justiça...

- Pois é, Romeu, agora que eu dei fé...

Chegando a Brasília, o presidente Armando Campinas mandou comprar um par de sapatos novos para o distraído, para não passarem vergonha no ministério.

Um soco só...

Tinha um baixinho que frequentava diariamente o bar do Jaime Duarte na Praça Princesa Isabel. Era um tremendo de um chato, e quanto mais bebia, mais chato ficava. Após duas horas de cerveja, além de muito chato ficava também valente e boca-dura. Intimado a deixar o bar, expulso pelo

Jaime, o valentão, vendo o tamanhão do dono do boteco, disparou:

- Fica na tua, grandão... quanto maior a árvore, maior o tombo...
- Então, vai só um galho...

Jaime Duarte deu-lhe um tremendo de um soco, jogando o baixinho no meio da rua. Lógico que perdeu um freguês, porém ficou livre do pentelho.

Um tiro certo e mal intencionado

Caçando no sítio do Jorge Farah, Gino Trombino e Jaime de Souza (*Volta Seca*) depararam com uma capivara em uma distância aproximada de 100 metros. Com seu revólver, *Volta Seca* mirou e atirou. A coitada deu um pulo pra cima e caiu morta.

Gino achou estranho seu colega acertar a caça daquela distância. Foram conferir e não viram nenhum vestígio de furo de bala. Por precaução, resolveram - ali mesmo no mato – retalhar o animal, com medo até de a morte ter sido pelo susto, ou melhor, por alguma doença.

Ao fim da “autópsia”, verificaram, pela situação do intestino, que a bala que matou a capivara penetrou pelo ânus, provocando hemorragia – proeza jamais conseguida por algum outro caçador cubatense.

Uma luz diferente

Na campanha eleitoral para prefeito de 2000, o ex-vereador José, ao escutar do candidato Clermont Silveira Castor que um de seus pedidos para seu núcleo residencial seria atendido caso fosse eleito, pediu o microfone para avisar os moradores e agradecer:

- Senhores moradores do Jardim 31 de Março, escutei agora mesmo do Dr. Clermont que será executada a obra na nossa avenida, tão logo ele tome posse!

Em seguida, filosofou:

- Até que enfim, já estou vendo “uma luz no fim do poço”...

Veia safena viciada (ou: o fanático por cerveja)

Quando foi internado para operação de safena, Murilo Santana ficou sabendo pelos médicos que bastava usar operação de mamária. Como já haviam tirado sua veia safena, não tendo o que fazer com ela, Murilão doou sua veia para uma vovozinha também internada.

Após sua recuperação, Murilo foi visitar a vovozinha, a quem havia doado sua veia.

- Tá melhor, vovó???

- Tô, sim, meu filho. O único problema é a minha vontade louca de beber cerveja...

Velas

O nosso amigo e colaborador do jornal *Acontece*, José Gouvêa, lamentavelmente faleceu em dezembro de 2002. Na edição de 9 de abril de 2003, aniversário da cidade, portanto quatro meses após, Ivo e Henrique estavam preparando uma matéria em homenagem ao Zé, com foto, como ele era merecedor. Ao ver a foto, Andréia soltou a pérola:

- Nossa... faz tempo que o Seo Zé não aparece na redação, eu gosto tanto dele!!!

Não suportando tamanha distração, mandei:

- Andréia, se ele entrar por aquela porta, você desce e vai comprar um maço de velas...

- Por que, ele gosta de velas???

- Dréia... - falou a Jaque -, ele faleceu em dezembro do ano passado...
- Puxa... ninguém me avisou!!!

Vento muito forte a favor

Nos Jogos Abertos do Interior de 1974, em São José do Rio Preto, na hora da competição, em que o nosso fundista Fernando tinha que participar, este sem querer provocou um escândalo que ficará gravado na história esportiva.

Meia hora antes da hora marcada para sua prova, lá foi nosso herói, todo produzido com seu roupão, aliás muito bonito. Começou sua preparação, esquentando os músculos, tirou o blusão, deixando aparecer sua camiseta imponente, fez alongamento, tirou a calça do agasalho e na hora sentiu um tremendo frio, que não estava no programa.

É que, da cintura pra baixo, estava totalmente nu...

Vidros quebrados

Ao passarem pela casa do Teixeirão, *Manau* e Renato Cretella resolveram aprontar. Puxaram a ponta da passadeira tão bonita e bem cuidada pela Dona Geralda e já estavam quase acabando com a brincadeira.

Acontece que, faltando pouco para o fim da festa, a passadeira entalou. Ao puxar no tranco, escutaram o maior barulho. Era a cristaleira que prendia a passadeira, que – caindo -, provocou a quebra de toda a coleção de cristais da família Teixeira.

Saíram correndo, arrependidos pela brincadeira, pelo prejuízo provocado – e com o Teixeirão com o maior trabuco na mão...

Viva a banana

Quando em 1949, por ocasião da instalação da primeira Câmara Municipal, Raul José Sant’Anna Leite, tentando aprovar o famoso projeto, autorizando a vinda do lixo de Santos somente para a zona rural da cidade – pois o lixo era excelente adubo para as bananeiras -, recebeu do vereador Mayr Godoi tremenda oposição, criticando-o de forma violenta, chegando a provocar em Raul uma revolta sem precedentes.

Duas semanas após, o vereador Mayr, totalmente incoerente, propôs a aprovação, na mesma Casa de Leis, da Festa da Banana, homenageando o principal produto de nossas terras.

Raul então foi à forra, criticando o projeto de Mayr, em função da negativa do projeto anterior, e – junto com seu suplente Argemiro Cascardi – preparou um presente original ao seu colega de Câmara. Procuraram no banal do Chico Cunha a maior banana que havia, embrulharam em uma caixa de sapatos, com direito a fitinha colorida, com a seguinte dedicatória:

“PARA O VEREADOR MAYR GODOI, PARA SER COLOCADA ONDE MELHOR LHE CONVIER”

Viva o candidato

Em reunião no gabinete do prefeito Nei Serra, estava a força política da cidade, para a pré-escolha de um candidato a prefeito. Estava a totalidade de entidades de bairros, todos querendo mostrar seu prestígio. Quando ventilaram o nome do Ernani Lara, todos desceram o porrete, xingando o ausente de todos os nomes.

Após alguns minutos de discussão, com debates muito quentes, entrou, sem bater na porta, o Ernani Lara, sem que ninguém percebesse – o próprio,

que até aquele momento estava sendo espinafado.

Messias Gomes da Silveira, um dos participantes, gritou:

- Está entrando na sala o futuro prefeito de Cubatão!!!

Aplausos gerais, todos gritaram:

- Viva o nosso futuro prefeito... VIVA!!!

Zero mata zero

Dois patrícios se encontravam todos os domingos pra bater papo e tomar vinho da terrinha. Eram o Isaias Tarelho e o Manuel Simões Duarte. O encontro era sempre no Bar do Tarelho, na Vila Nova. Começavam a bater papo desde cedo e iam até a hora do almoço. Quando o Simões se levantava para ir embora, o Isaias intimava:

- Manuel, a conta é de R\$ 50,00, o vinho mais o tira-gosto...

Respondia o Simões, com a maior tranquilidade:

- Então estamos quites, me debes R\$ 50,00 pelo conserto das bicicletas dos teus filhos Elídio, Fernando e Manoel.

No domingo seguinte a mesma história. Para a conta do bar, tinha sempre conserto de bicicletas...

SOBRE O AUTOR

Filho de Alvaro Ferreira e Amélia Cunha Ferreira, Arlindo nasceu no bairro da Fabril, Cubatão, em 22 de março de 1937, morando até os 16 anos com seus cinco irmãos. Formou-se no primário na 1ª turma do Grupo Escolar Cubatão de Cima em 1948 e, em 1953, completou o Ginásio no Colégio Santista, no município de Santos. Aos 17 anos começou a trabalhar na Fábrica de Fertilizantes de Cubatão – FAFER onde permaneceu até 1954. Transferiu-se posteriormente para Cia.

Santista de Papel, de onde se ausentou para servir ao 6º Grupo de Artilharia de Costa Motorizado sendo promovido ao posto de cabo e classificado em terceiro lugar no curso de Sargento. De 1957 a 1967 trabalhou no Banco Ribeiro Carvalho, começando como Caixa até chegar a gerente. Estudioso, formou-se em Técnico de contabilidade no curso de Contabilidade Afonso Schmidt. Estabeleceu-se no ramo de Escritório de Contabilidade na firma Mercúrio Ltda., até 1976. Ingressou na Faculdade Católica de Direito de Santos, formando-se Bacharel em Direito em 1982. Em 1985 foi convidado para ser chefe de escritório na Fundação Cubatense, transferido após para a Prefeitura Municipal de Cubatão, aposentando em 1998 após ocupar cargos em diversos departamentos. Em 1968 foi presidente da diretoria do Esporte Clube Cubatão, tornando-se, posteriormente conselheiro, ocupando este cargo até os dias de hoje.

Foi também presidente do IBM Clube em 1967. Em 2002 ajudou a fundar o Instituto Histórico e Geográfico de Cubatão, sendo seu primeiro presidente. Faz parte atualmente do Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Cubatão e também integra a diretoria do Centro de Aprendizagem Metódico e Prático Mário dos Santos, CAMP.

Também foi diretor do Esporte Clube Jardim Casqueiro e Associação Atlética Guimarães e do Águia Futebol Clube. Na faculdade ocupou o honroso cargo de 1º representante dos alunos junto a Congregação Diretiva. Em 1962 casou-se com Arlete Lima Gonçalves, filha do ex-vereador Benedito Lima Gonçalves.

Da união nasceram quatro filhos: Arlindo, Eliana, Fábio e Fernanda e os netos Natália, Nicolas, Livia, Leandro, Dryele, Malu e Amanda. Sempre demonstrando interesse pela memória da cidade, Arlindo faz questão de ressaltar a importância de se preservar o patrimônio histórico e cultural do município. Sua principal arma na defesa da memória e dos valores culturais da cidade são a caneta, papel e sua privilegiada memória.

Desta forma, pequenos textos e fotos sobre o cotidiano e o folclore da antiga Cubatão são produzidos e publicados no jornal local *Acontece* há mais de dez anos. Contando o passado de Cubatão, Arlindo vai pouco a pouco resgatando a história de “paz, amor e tradição” como dizia o poeta Edístio Dias Rebouças Filho.

